

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**O XADREZ DOS ABUTRES: PRÁTICAS POLÍTICAS NAS NOTÍCIAS POLICIAIS DO
JORNAL ÚLTIMA HORA DURANTE O GOVERNO GETÚLIO VARGAS (1951-54)**

CAIO CÉSAR CUOZZO PEREIRA

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O XADREZ DOS ABUTRES: PRÁTICAS POLÍTICAS NAS NOTÍCIAS POLICIAIS DO
JORNAL ÚLTIMA HORA DURANTE O GOVERNO GETÚLIO VARGAS (1951-54)

CAIO CÉSAR CUOZZO PEREIRA

Sob orientação do professor doutor

Luís Edmundo de Souza Moraes

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual.

Seropédica, RJ.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P436x Pereira, Caio César Cuzzo , 1993-
O xadrez dos abutres: práticas políticas nas
notícias policiais do jornal Última Hora durante o
governo Getúlio Vargas (1951-54) / Caio César Cuzzo
Pereira. - Rio de Janeiro, 2020.
161 f.: il.

Orientador: Luís Edmundo de Souza Moraes.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2020.

1. História da Imprensa. 2. Governo Vargas. 3.
Última Hora. 4. Notícias Policiais. 5. Jornalismo. I.
Moraes, Luís Edmundo de Souza, 1965-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em História III. Título.

AGRADECIMENTOS

As palavras que formam esse trabalho são aquelas que sobreviveram aos devaneios de uma mente atormentada que exigiu muitos dias de sol e chuva para reformulações de parágrafos e capítulos. Presencialmente, eu estive sozinho nessas batalhas. Porém, a vitória – simbolizada pelo término dessa dissertação – só se tornou possível graças ao carinho daqueles que me apoiaram nessa trajetória.

Admito minha incapacidade de expressar em texto o amor que sinto por você, mãe. Pessoa que faz o impossível parecer simplesmente uma questão de perspectiva. Atenciosa, dedicada e extremamente guerreira. Para você não existem lutas perdidas. E foi essa minha inspiração para não desistir. Jorge, muito obrigado por sempre estar ao nosso lado. Seria um crime descreve-lo como um padrasto. Todos nós te admiramos pelo pai que você é. Talvez um dia vocês leiam essas palavras e percebam o quanto eu os amo. Afinal, expressar sentimento nunca foi um ponto forte de nós três.

Meu mundo foi tingindo de outras cores quando começamos nossa jornada juntos, Thaís. Diariamente você me motiva a continuar e a buscar extrair o máximo do meu potencial. Hoje compartilhamos os descaminhos da vida adulta e eu sou muito feliz por te ter ao meu lado. Amo você, B. Não poderia deixar de citar meus dois melhores amigos caninos: Sheik e Misha. Há pouco mais de um ano Sheik decidiu morar apenas no meu coração. Te ver partir foi a maior tristeza da minha vida. Mas você nunca me abandonou. Quantas manhãs eu acordei reflexivo por ter passado a madrugada sonhando contigo? Misha, a filhote que parecia ser a mais introspectiva da casa de adoção. Hoje, uma fonte inesgotável de alegria e carinho.

Agradeço, também, a: Maria Grázia, Sérgio, Ângela, Paula, Daniel, Carolina, Mariluze, Felipe, Jorge, Andréia, Victor e Vinícius. Partes que formam o quebra-cabeça chamado família. Confesso que nessa reta final de trabalho estive mais distante do que nunca de vocês. Peço perdão por isso. Amo vocês e espero compensá-los em breve. Aos amigos, Sérgio, Thaís, Ellen, Felipe, Gabriel Lutz, João Pedro, Cláudio, Bruno, Elber, Yves, Tatiane, Leonardo, Rafael, Marcela e Gabriel José, registro essencialmente minha saudade. Obrigado por todos os momentos felizes que compartilhamos.

Ao meu orientador, Luís Edmundo de Souza Moraes, minha admiração. Professor no sentido mais correto da palavra, disposto a abdicar de tudo para resolver os problemas do mundo. Obrigado por ter dado uma oportunidade a aquele garoto que te parou – meio sem graça – para pedir orientação de monografia. Gostaria também de agradecer a Ricardo Mendes, uma das

surpresas mais gratificantes nesses anos de mestrado. Suas aulas me instigaram a pensar caminhos para a pesquisa. Professor extremamente prestativo e simpático. Foi preciso pouco tempo para que eu compreendesse o porquê de todos seus estudantes te admirarem tanto (agora sou um deles).

A Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) obrigado por ter viabilizado o desenvolvimento dessa pesquisa. A bolsa de mestrado foi essencial para que eu me dedicasse exclusivamente a sistematização dos dados e, posteriormente, a escrita. Aos membros do Programa de Pós-Graduação em História (PPHR/UFRRJ) obrigado pela oportunidade. Devo uma menção especial a Paulo, profissional de excelência, que busca ajudar a todos os discentes.

Terminar esses agradecimentos me remete ao ponto de partida. A mente atormenta, questionando se não esqueci de alguém importante. Ou, também, se não poderia elaborar esse texto de outra forma. Provavelmente ela tem razão em ambas as perguntas. Mas é preciso seguir em frente. Assim, registro aqui meu muito obrigado à todos que de alguma forma marcaram minha vida. A sinceridade orientou do início ao fim essa narrativa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPHR)

CAIO CÉSAR CUOZZO PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em história no Curso de Pós-Graduação em História, Área de concentração em Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa em Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: ____/____/____

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Luís Edmundo de Souza Moraes

Prof. Dr. Felipe Magalhães

Prof. Dr. Ricardo Mendes

RESUMO

PEREIRA, Caio César Cuozzo. **O xadrez dos abutres: práticas políticas nas notícias policiais do jornal Última Hora durante o governo Getúlio Vargas (1951-54)**. 2020. 165p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

A dissertação objetiva analisar como o jornalismo policial de Última Hora foi empregado como mecanismo de uma campanha política durante o governo democrático de Getúlio Vargas. Para tanto, o trabalho se detém sobre o noticiário do Caso Nestor Moreira, repórter assassinado por um guarda do Departamento Federal de Segurança Pública em 1954. Compreendendo as notícias como unidades de poder simbólico, demonstraremos o processo de ressignificação do crime nas páginas do jornal através de escolhas enunciativas. Assim, essas matérias formaram um discurso político, objeto que nos propusemos a problematizar nesta pesquisa. Ao fim, tencionamos comprovar que o jornalismo policial praticado por Última Hora foi determinante para que o jornal construísse uma imagem heroica de si, como a instituição que promoveu a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública.

Palavras-chave: Imprensa, Última Hora, Jornalismo Policial, Nestor Moreira.

ABSTRACT

PEREIRA, Caio César Cuozzo. **Vulture chess: political practices in the police reports of the newspaper Última Hora during the Getúlio Vargas administration (1951-54)**. 2020. 165p. Dissertation (Master in History). 2020. 165p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

This dissertation aims to analyse how Última Hora police journalism was used as a mechanism of a political campaigning during the democratic government of Getúlio Vargas. To this end, the paper focuses on the news of the Nestor Moreira Case, a repórter murdered by a Departamento Federal de Segurança Pública guard in 1954. Understanding the news as symbolic power units, we will demonstrate the process of resignifying crime on the newspaper pages through of enunciative choices. Thus, these subjects formed a political discourse, an object that we set out to problematize in tis research. In the end, we intend to prove that the police journalism practiced by Última Hora was decisive for the newspaper would build a heroic image of itself as the institution that promoted the reform of the Departamento Federal de Segurança Pública.

Keywords: Press, Última Hora, Police Journalism, Nestor Moreira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
Entre memórias e páginas de jornais: a história do jornal Última Hora, seu jornalismo policial e a relação com o tema da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública.	
1.1. Notícias, reportagens, manchetes e editoriais: produtos do jornalismo.....	19
1.2. A criação do Última Hora: entre sucessos e crises.....	24
1.3. Jornalismo policial: admiração versus aversão.....	32
1.4. As matérias do Última Hora sobre a reforma do DFSP (1951-53)	46
CAPÍTULO II	
Discursos de crise: construindo o Departamento Federal de Segurança Pública como um problema social	
2.1. O crime do 2º Distrito Policial.....	55
2.2. As notícias policiais do Última Hora: como se investiga um crime.....	60
2.3. As manchetes de primeira página.....	72
2.4. Os editoriais e a luta política.....	82
CAPÍTULO III	
O xadrez dos abutres: práticas políticas nas notícias policiais do jornal Última Hora durante a cobertura do caso Nestor Moreira (1954).	
3.1. Almir Quintanilha e a construção de um símbolo.....	91
3.2. Hélio Rocha no paraíso da criminalidade.....	100
3.3. Antônio Evaristo de Moraes Filho e a educação policial.....	107
3.4. Edmar Morel nos xadrezes policiais.....	121
3.5. Enfim, a reforma.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
FONTES.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	151
ANEXOS.....	156

INTRODUÇÃO

Quando um(a) historiador(a) se propõe a pesquisar a imprensa a primeira questão que se deve fazer é: o que significa estudar o jornalismo sob uma perspectiva historiográfica? Cada instituição jornalística pode ser compreendida como um universo que comporta pluralidades: pessoas, tecnologias, interesses, dinheiro, poder, concorrência, objetivos, materiais discursivos e assim por diante. Indo além, é possível construir problemas sobre as mais diversas temáticas. Podemos citar alguns exemplos: relações trabalhistas, conexões políticas, modernização dos meios, *ethos* jornalístico, aspectos culturais, liberdade de imprensa, censura, violência, estruturas redacionais, linhas editoriais e questões éticas do campo jornalístico.

As escolhas feitas pelo historiador invariavelmente resultarão em um processo de seleção (que implica necessariamente exclusão) do que será analisado ao longo da trajetória de pesquisa. A imprensa pode funcionar como fonte, objeto ou ambos de acordo com o que o historiador intenciona fazer. Estamos inclusos nessa terceira possibilidade. A dissertação foi pautada pela análise de conteúdos noticiosos construídos e publicados por um jornal impresso em um contexto histórico específico. Optar por esse caminho de pesquisa requer que questionemos não só a instituição jornalística em si mas, também, sua inserção no cenário social e as razões que motivaram a disseminação daquelas notícias. Significa lidar com certas especificidades inerentes ao campo jornalístico como os produtores das notícias, as escolhas editoriais para publicação, a periodicidade de veiculação destas matérias e a diversificação do assunto explorado a partir de ramificações consideradas importantes pelos jornalistas de serem exploradas e expostas publicamente.

Isso porque para o historiador a imprensa tem que ser entendida como muito mais do que um conjunto de notícias reunidas em um número limitado de páginas. Esses fatos configurados em notícias foram escolhidos enquanto outros fatos foram descartados. Assim, os jornalistas são agentes sociais que operam recortes na realidade criando pesos e medidas para os fatos que apreendem. Ter esse pressuposto é uma das justificativas que embasam a importância de se pesquisar a atividade jornalística. Com isso, defendemos que a análise sistemática das notícias publicadas possibilita ao historiador evidenciar a subjetividade de concepções como de imparcialidade e objetividade imputadas pelo campo jornalístico às notícias que produzem.

Assim sendo, entendemos a imprensa como um ator político-social que existe no mundo e detém os mecanismos de produção para nos fazer ver esse mundo através das intervenções editoriais que pratica e difunde socialmente. Os jornalistas trabalham avaliando o que ocorre ao seu redor e, posteriormente, oferecem notícias, ou seja, fatos que foram valorados como importantes de se tornarem públicos. Tendo em vista essas reflexões sobre o campo jornalístico, o problema que originou essa dissertação é: como é possível analisar a ação de um jornal no contexto social que se insere através dos noticiários que publica, construindo valores sobre si e, também, para aquilo que foi noticiado?

Para conseguirmos responder a essa questão foi necessário estabelecer um recorte entre a diversidade de notícias publicadas pelo jornal. O foco desta dissertação são as notícias, reportagens e manchetes do gênero jornalístico policial. O motivo deste recorte está diretamente ligado ao problema de pesquisa pois foi nosso objetivo investigar se as notícias policiais podem funcionar como um instrumento de luta política. Supostamente, esse tipo de matérias são de caráter *informativo* e, portanto, não se enquadram ao perfil *opinativo* de editoriais, artigos e colunas. Essas tipologias são derivadas da objetividade e da imparcialidade idealizadas pelo jornalismo.¹

Não concordamos com essa perspectiva que retira das instituições jornalísticas sua interferência na forma como se constroem os fatos em notícias. Com isso, no percurso analítico dos capítulos que se seguem buscaremos evidenciar que a forma como essas matérias policiais foram produzidas e veiculadas tinham como referência critérios de interesse do jornal em relação ao fato (do qual essas notícias derivavam).

Ainda sobre o recorte de pesquisa, vamos trabalhar com as matérias jornalísticas sobre o caso Nestor Moreira, repórter policial agredido e, posteriormente, morto por agentes do Departamento Federal de Segurança Pública do Distrito Federal (1954). Essas notícias foram publicadas pelo jornal *Última Hora*, criado pelo jornalista Samuel Wainer. A vítima foi espancada na delegacia do Segundo Distrito situado, à época, na Rua Hilário Gouveia, bairro Copacabana. Nestor Moreira foi à repartição policial por ter se envolvido em uma contenda com o motorista Hermenegildo Alves Vizeu. O repórter discutiu com o guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto e terminou por sofrer uma série de golpes nas dependências da delegacia.

¹ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo**. São Paulo: editora Ática, 1990. P. 98-99.

A partir disso, o jornal *Última Hora* transformou o crime em pauta de seu noticiário diário, difundindo notícias, reportagens e manchetes sobre o caso. Apesar de nos determos sobre um evento específico, é importante reforçar que nosso objeto é o jornal *Última Hora* e suas notícias policiais. O periódico fez parte do mercado jornalístico do Rio de Janeiro nos anos 1950, então capital brasileira. Samuel Wainer teve apoio do presidente Getúlio Dorneles Vargas (PTB) para fundar o *Última Hora*.²

O campo jornalístico vivenciava um período de desenvolvimento tecnológico e de transição para o modelo empresarial. A escrita jornalística foi sendo enquadrada a partir das técnicas do lide e da pirâmide invertida (originárias do jornalismo estadunidense). Essas mudanças editoriais também comportaram a introdução da profissão de copidesque (jornalistas responsáveis por revisar as matérias que iriam para a impressão do jornal nas oficinas). E, também, a primeira página e a fotografia se tornaram dois elementos de valor simbólico considerável para os jornalistas.³

Em meio a essas modificações técnicas e redacionais o jornalismo buscou se estabelecer como um campo de difusão de verdades (através das concepções de objetividade e imparcialidade citados anteriormente).⁴ Com isso, os jornais da década de 1950 almejavam se diferenciar do jornalismo predecessor, dos anos 1940, caracterizado pelos textos opinativos e linguagem agressiva.⁵

Essa construção de identidade também tinha outro objetivo: estimular o reconhecimento do jornalismo pela sociedade como um campo legítimo que tinha por função social aproximar os fatos dos leitores através de notícias. O jornal *Última Hora* esteve envolvido nesses

² LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: o Corvo e o Bessarabiano**. São Paulo: editora SENAC, 1998. P. 70.

³ O lide é a parte inicial do texto noticioso, onde o jornalista deveria responder a seis perguntas: Quem? Fez o que? Quando? Onde? Como? Por quê? Já a pirâmide invertida define que a notícia seja escrita em uma ordem decrescente de importância. Assim, nos primeiros parágrafos estariam as principais informações do texto. A primeira página passou a ser considerada a vitrine do jornal, um produto de mercado responsável por captar leitores. No caso da fotografia, o jornalismo passou a levar em consideração seu potencial comunicativo. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n° 31, 2003. P. 149.

⁴ Segundo Bourdieu: “Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir”. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. P. 69.

⁵ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. O. Cit. 2003. P. 148.

processos de modernização e se destacou por praticar uma política salarial inflacionada para os padrões da imprensa escrita do período.⁶

Como historiador é necessário pontuar que essa idealização ignorava justamente o fato de que jornais são feitos por sujeitos sociais, coordenados em um esforço de produção de notícias diário e subordinados a uma hierarquia interna baseada na linha editorial da instituição jornalística. Entre as atribuições dos jornalistas há o julgamento dos fatos. São esses profissionais que decidem o que a sociedade tem que saber e aquilo que não é necessário tornar público.⁷

Compreender essa problemática inerente à pesquisa sobre a imprensa significa inverter a lógica do conceito de valor-notícia, retirando dos fatos esse suposto valor que possuem e atribuindo aos atores do campo – os jornalistas – o papel de distribuir valores diferentes a cada fato apreendido.⁸

Um exemplo disso é a primeira página do jornal. Existem diversas possibilidades de edição para formatar a capa. Ela pode ser publicada com apenas uma manchete ocupando todo o espaço do papel-imprensa. Por outro lado, ser subdividida para estampar um conjunto selecionado de notícias. Algumas das quais podem dialogar entre si. Essas seleções indicam que fatos receberam maior importância na avaliação dos jornalistas e quais foram relegados às páginas internas da edição.⁹

⁶ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. O. Cit. 2003. P. 151.

⁷ O conceito de poder simbólico discutido pelo sociólogo Pierre Bourdieu se aplica a estas especificidades do campo jornalístico. Segundo Bourdieu: “o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force*, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. P. 14-15.

⁸ Em artigo, Marialva Barbosa pontuou como se desenvolve a produção de notícias. Segundo a autora, “princípios subjetivos determinam os fatos que serão notícias, como o discurso será hierarquizado, o enfoque mais adequado. Nesse contexto, assumem primordial importância os interesses de natureza econômica e política a que os veículos estão submetidos. Assim sendo, não é apenas aquilo que certamente despertará o interesse do público, a proximidade, seja ela geográfica ou cultural, do leitor em relação à notícia e a atualidade de informação que se constituirão em aspectos fundamentais para a escolha da notícia. BARBOSA, Marialva. **Senhores da memória**. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, N° 2, pág. 84-101, jul./dez. 1995. P. 85.

⁹ Barbosa sintetizou essas dinâmicas de valoração das notícias. De acordo com a autora: Os meios de comunicação, ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ser notícia ou não, o que vai ser editado com destaque ou sem

Portanto, o ato de noticiar certos fatos e não outros resulta da aplicação de critérios compartilhados pelos jornalistas de *saber* o que é notícia. Produto basilar do jornalismo, a notícia conjuga em si uma formatação textual, espacial e imagética através das quais os seus produtores objetivaram transmitir sentidos para aqueles que as consomem.¹⁰

Por conseguinte, cumpre destacar que no Brasil as notícias policiais são um gênero explorado pelo jornalismo desde as últimas décadas do século XIX. À época, os jornalistas empregavam recursos literários na elaboração dos textos noticiosos com o intuito de criar narrativas interessantes para os leitores.¹¹ Entre 1870 e 1920 há um alargamento do mercado editorial voltado para a comercialização de folhetins policiais no país (gênero da literatura originário da Europa).¹²

Data da década de 1920 a popularização do jornalismo policial. Jornais como *Crítica* se especializaram na publicação deste tipo de notícias. Entretanto, mesmo se valendo de aspectos literários na construção das notícias policiais, os jornalistas do período se enquadravam por parâmetros editoriais como a verossimilhança. O ponto de partida é o que ocorreu mas o texto noticioso se engendra na construção de um enredo para o caso abordado.¹³

relevo, na verdade, estão procedendo à criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, eles são criadores desses acontecimentos. BARBOSA, Marialva. **Senhores da memória**. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, N° 2, pág. 84-101, jul./dez. 1995. P. 87.

¹⁰ Segundo Traquina: “O primeiro poder dos jornalistas é a decisão última de decidir o que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública aos acontecimentos ou à problemática. É o já mencionado saber de reconhecimento”. TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2ª edição. Florianópolis: Editora Insular, 2005. P. 203.

¹¹ Em dissertação de mestrado, a pesquisadora Ana Porto Gomes analisou as notícias policiais impressas nas páginas do O Estado de São Paulo entre 1880-1920. Na análise, a autora atentou para uma questão que discutimos anteriormente aqui, sobre a subjetividade do que é notícia: “Reparando-se nas notícias de crimes de uma maneira geral, o que se conclui é que os crimes eram classificados de diversas formas e nem sempre considerados como sensacionais. Fato notável para esta percepção são os crimes contra a propriedade. Além desses, aqueles que envolviam o defloramento ou brigas sem grandes consequências (como a morte dos envolvidos ou agressões com muitos ferimentos) também não se encaixavam na designação dada pelos contemporâneos para crime sensacional”. GOMES, Ana Porto. **Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano**. Dissertação (mestrado) UNICAMP, IFCH: Campinas, 2003. P. 121.

¹² Na tese de doutoramento, Ana Gomes se propôs a investigar esta literatura de crimes veiculada nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com a autora, “É impressionante a diversidade de títulos a partir de 1920, em especial de traduções. [...] A perspectiva de análise parte do pressuposto de que a existência de um gênero deve levar em conta a lógica de um mercado editorial que cria a possibilidade de acesso a essas narrativas. Esse mercado surgiu a partir de um interesse comum entre leitores, editores e autores que alimentavam o seu funcionamento.” GOMES, Ana Porto. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)**. Tese (doutorado) UNICAMP, IFCH: Campinas, 2018. P. 06.

¹³ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa (1900-2000)**. Op. Cit. 2007. P. 50.

Em função destas práticas editoriais, o jornalismo policial foi considerado um gênero sensacionalista, definição que comporta uma avaliação pejorativa sobre as notícias policiais.¹⁴ As reformas na imprensa na década de cinquenta, apesar de intencionarem se apresentar como diferenciadores, não significaram um fim do uso do estilo sensacional. O jornal *Última Hora* foi um dos que utilizou essa técnica nas notícias policiais.¹⁵

Não faz parte de nossos objetivos discutir as interpretações de acadêmicos sobre o conceito de sensacionalismo. Acreditamos que nos deter sobre esse debate não contribuiria para a resolução do problema proposto. Pesquisadoras que se propuseram a analisar o fenômeno do sensacionalismo tinham por objeto questões culturais como o preconceito¹⁶ ou sobre mercado deste tipo de publicação.¹⁷ Logo, objetos que possuem correlação limitada com a pergunta que embasa essa dissertação.

Isto posto, adentramos na estrutura do nosso texto. O capítulo um foi dividido em quatro etapas analíticas. Primeiro, objetivamos compreender o que são os gêneros jornalísticos e seus diferentes valores para os jornalistas. Segundo, mapear a história do jornal *Última Hora* (fundação, financiamento, ascensão e crise no período de 1951 a 1953). Terceiro, debater a concepção do que era jornalismo policial no jornal. Quarto, discutir como o *Última Hora* noticiou o tema da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública em suas edições entre 1951 e 1953. Essa última etapa objetiva identificar possíveis continuidades, significações

¹⁴ Em artigo, Ana Lúcia Silva Enne e Marialva Barbosa buscaram desconstruir esta concepção. O argumento das autoras, com o qual concordamos, propõe que: “Haveria um tipo de jornalismo que poderíamos definir como popular e que se oporia a um outro jornalismo não classificado nesta categoria? Que construção narrativa seria prioritária nestes textos? Haveria um jornalismo sensacionalista? Ao colocar em lados distintos duas tipologias de notícias, uma cujo o conteúdo interpela o gosto popular – com apelo ao extraordinário, àquilo que foge ao comum, que se aproxima do inominável, o sensacional – e outra cujo primado seria a objetividade e a “seriedade”, estaríamos definindo um lugar para o gosto popular e um outro cujo gosto não é determinado pelos mesmos cânones culturais. Estaríamos reproduzindo uma dicotomia que revela valores preconceituosos. É como se de um lado estivesse o mau gosto (exatamente o gosto popular) e de outro, o bom gosto, daqueles que possuem capital simbólico e político suficiente para tornar até mesmo os gostos hegemônicos”. BARBOSA, Marialva Carlos. ENNE, Ana Lucia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. Eco-Pós, v. 8, n° 2, agosto-dezembro 2005, p. 67-87. P. 67.

¹⁵ SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e retórica política em *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* no segundo governo Vargas (1951-54). In: MOREL, M, NEVES, Lúcia M. B. P. FERREIRA, Tânia M. B. da C. **História da Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006. P. 57.

¹⁶ BARBOSA, Marialva Carlos. ENNE, Ana Lucia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. Eco-Pós, v. 8, n° 2, agosto-dezembro 2005, p. 67-87.

¹⁷ SIQUEIRA, Carla. **Sexo, Crime e Sindicato: sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática durante o segundo governo Vargas (1951-1954)**. Tese de Doutorado – Rio de Janeiro: PUC, 2002.

e rupturas com as notícias policiais sobre esse tema publicadas em 1954 após o caso Nestor Moreira.

Para tanto, utilizaremos dois tipos de fontes: as notícias policiais e relatos memorialísticos de jornalistas que trabalharam no *Última Hora* na década de 1950. São falas que possibilitam investigar o que era o jornalismo policial para quem atuou no campo jornalístico do período. Sobre essas memórias é importante destacar que as entendemos como dinâmicas permeadas por ênfases, seleções e esquecimentos.¹⁸

Com isso buscamos analisar aspectos da linha editorial do jornal *Última Hora* em relação ao tema da reforma da polícia do Rio de Janeiro antes da agressão ao repórter Nestor Moreira. Assim, para nossa pesquisa esses relatos funcionam como indícios.¹⁹

Em sequência, o capítulo dois direciona a reflexão para 1954, ano do crime. O noticiário policial sobre o caso Nestor Moreira no *Última Hora* pode ser subdividido em duas categorias: matérias não-assinadas (notícias policiais, manchetes e editoriais) e matérias assinadas (reportagens). Neste capítulo nos deteremos sobre os conteúdos noticiosos não-assinados veiculados pelo jornal a partir do contexto do crime.

Inicialmente, evidenciaremos como as notícias policiais buscaram demonstrar o protagonismo do jornal *Última Hora* na elucidação e punição dos perpetradores e, além disso, como esses policiais foram caracterizados como exemplo da nocividade do Departamento Federal de Segurança Pública. Depois, analisaremos as manchetes de primeira página, espaço utilizado pelo periódico para relacionar o crime com a pauta de reforma da instituição policial (defendida, naquele momento, por *Última Hora*).

¹⁸ Como pontuou Pierre Bourdieu: O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” ao investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário) tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis.” BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª Edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 183-191. P. 196.

¹⁹ De acordo com Ana Paula Goulart Ribeiro: “Os relatos memorialistas se baseiam num olhar retrospectivo, feito a partir de um certo distanciamento temporal em relação à realidade relatada. Esse tipo de narrativa é extremamente frágil como fonte de informações factuais, pois o passado é sempre lembrado de forma maleável e flexível, mudando constantemente conforme os indivíduos reinterpretem e reexplicam o que aconteceu. O lembrar é seletivo e, muitas vezes, pouco rigoroso. [...] Afinal, o que “distorce” o passado nesse tipo de relato (como, aliás, em qualquer relato) não é nenhum defeito inerente ao processo de registro mental, mas sim as condições externas, sociais”. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Memória de jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50**. Rio de Janeiro: Congresso Compós, 4 a 7 de junho de 2002. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_712.pdf Acesso em: 07/01/2020. P. 02-03.

Após essas etapas explicaremos o crime e a repercussão deste nas manchetes de primeira página e nas notícias policiais atentando para as características de circulação do jornal *Última Hora* no Rio de Janeiro. Essas análises nos permitirão discutir o valor-notícia criado pelos jornalistas ao caso Nestor Moreira.²⁰

Analisar as notícias policiais requer levar em consideração quem foram os jornalistas responsáveis por sua veiculação. Estes agentes, através da instituição que são parte, detêm acesso aos instrumentos de produção e difusão de informações em larga escala, irradiando sentidos sobre aquilo que noticiaram.²¹ Para além da instituição, existem as individualidades destes jornalistas que, conjugadas na redação, formavam um corpo heterogêneo.²² Ao longo desta dissertação, almejamos demonstrar que as matérias do *Última Hora* foram veiculadas de acordo com aquilo que o jornal desejava, o que acarretou em um notícias que se complementavam.

No capítulo três, nos deteremos sobre as matérias jornalísticas assinadas por jornalistas do *Última Hora* e sua relação com os editoriais veiculados sobre o crime. Os jornalistas envolvidos na cobertura foram: Almir Quintanilha, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Edmar Morel e Hélio Rocha. Primeiro, objetivamos compreender quem eram esses profissionais e

²⁰ A questão da objetividade jornalística e do “valor-notícia” suscitou debates nos campos jornalístico e historiográfico. Segundo Nelson Traquina, jornalista e acadêmico, “Assim, a objetividade no jornalismo não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho”. TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005. P. 139. Todavia, pesquisas historiográficas têm contestado essa objetividade. Em tese, Ana Lúcia Vaz afirmou que o valor notícia se enquadra nos processos de modernização da imprensa. Todavia, Vaz atenta para o fato de que pesquisas sobre o jornalismo identificaram que os critérios de valor-notícia estão muito mais baseados em referenciais internos do círculo profissional dos jornalistas: “O paradigma da objetividade e imparcialidade que passou a servir como chave mestra da legitimação da narrativa jornalística, foi acompanhada de uma divisão precisa entre informação e opinião. A notícia e a reportagem são gêneros classificados como essencialmente informativos. Merecem tratamento distinto dos gêneros classificados como opinativos (editoriais, colunas, artigos, crônicas e charges). Essa distinção, conceitualmente difícil de sustenta, cumpre função importante tanto na organização editorial das páginas do jornal, quanto na organização da estrutura produtiva do veículo. [...] A demarcação de espaço específico para os textos de opinião sugere, por contraste, que o material informativo – notícias e reportagens – é um produto independente e autônomo em relação às posições do jornal”. VAZ, Ana Lúcia. **A luta pelo controle da informação nas redações cariocas (1975-1981). A abertura política e as estratégias de poder no campo do jornalismo**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRRJ, 2019. P. 165.

²¹ BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogo olímpicos**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1997. P. 66.

²² Em artigo, Luís Edmundo de Souza Moraes evidenciou como o jornal é uma instituição heterogênea: “A imagem do jornal Correio da Manhã que emerge deste trabalho está longe daquela de uma instituição monolítica ou homogênea. Ele foi, antes [...] um espaço em que visões distintas e contraditórias estavam lado a lado buscando se afirmar. Isto não quer dizer que diretores e editores não tivessem posição firmada sobre o tema. [...] MORAES, Luís Edmundo de Souza. **Imagens e estereótipos de judeus na imprensa do Rio de Janeiro entre a Revolução de 1930 e o fim do Estado Novo: O Caso do Correio da Manhã**. No prelo. P. 28-29.

quais foram suas respectivas trajetórias no jornalismo no período. Após, discutiremos como cada pauta trabalhada por estes jornalistas foi essencial para a representação²³ do Caso Nestor Moreira em função dos interesses do jornal *Última Hora*.²⁴

Através dos mecanismos disponíveis à redação dos jornalistas – charges, continuidade²⁵, diagramação, destaques, fotografias e textos – estes profissionais criaram uma forma de descrever e entender o acontecimento, ou seja, o crime contra um repórter. Desta maneira, fato social e notícia são duas coisas diferentes. Essas características das matérias policiais são indícios que podem fornecer pistas sobre os objetivos do *Última Hora*.²⁶

Em síntese, nesta dissertação investigaremos as notícias policiais como uma ferramenta política do jornal *Última Hora*. Dito em outras palavras: responder o porquê daquela construção noticiosa ter sido produzida e veiculada em um momento específico do governo Getúlio Vargas (1951-54) e não em outro.²⁷ Nas considerações finais objetivamos comprovar a hipótese de que o noticiário criado e difundido pelo periódico a partir do caso Nestor Moreira foi subordinado a um objetivo da instituição *Última Hora*: se vender publicamente como o protagonista que havia capitaneado o processo de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública através de seu desenho editorial em 1954.

²³ De acordo com a historiadora Maria Helena Capelato: “A imprensa, ao invés de um espelho da realidade, passou a ser concebida como um espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas”. CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/EDUSP, 1988. P. 24-25.

²⁴ Esses jornalistas operaram através de uma economia de escrita baseada no que era interessante noticiar para o *Última Hora*. De acordo com Reed, “Poder discursivo refere-se ao grau em que as categorias de pensamento, simbolizações e convenções linguísticas, bem como os modelos significantes sobre e para o mundo determinam a capacidade de certos atores controlarem as ações de outros, ou de aumentar essas capacidades. O poder é discursivo na medida em que está “inscrito nas” significações e percepções, e essas significações e percepções criam ou dão forma a certos tipos de sujeitos, reforçam certas noções hegemônicas e/ou naturalizam um conjunto particular de objetos sociais ou certas modalidades de relações sociais”. REED, Isaac Ariail. **Poder: dimensões relacional, discursiva e performática**. Revista Sociedade e Estado, Volume 29, nº 02. Maio/Agosto de 2014. P. 489.

²⁵ Por continuidade nos referimos a recorrência de matérias jornalísticas sobre um assunto veiculadas por *Última Hora* ao longo das edições que oferecia aos leitores.

²⁶ Para o historiador Muniz Sodré, estas operações discursivas moldam o acontecimento jornalístico: “Isto quer dizer que o acontecimento não deve ser entendido como uma sucessão de dois estados de coisas (antes e depois) e sim como a síntese dessa disjunção na linguagem. O que acontece não é mera proposição (atributo de linguagem), nem simples sucessão de dois estados das coisas (atributo de mundo), mas um diferenciador, tanto das significações quanto das coisas [...]”. SODRÉ, Muniz. **A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. P. 36.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão. Seguindo de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Op. Cit. 1997. P. 56.

CAPÍTULO I

Entre memórias e páginas de jornais: a história do jornal *Última Hora*, seu jornalismo policial e a relação com o tema da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública

1.1. Notícias, reportagens, manchetes e editoriais: produtos do jornalismo

É rotineiro definir a notícia como algo que o jornal apresenta a partir de algum fato ou informação. De acordo com Juarez Bahia, teórico do campo jornalístico, a notícia é o produto basilar da imprensa:

Toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia. Diariamente, os veículos do jornalismo recebem de suas fontes toneladas de informações que passam por um crivo de seleção, tratamento e coordenação para só então tornarem-se notícias para consumo do público. [...] Como qualquer informação jornalística, a notícia deve reunir interesse, importância, atualidade e veracidade.²⁸

Essa opinião sobre o que é notícia manifestada pelo autor encontra suas raízes no Brasil da década de 1950, quando os processos de modernização foram implementados. De acordo com Ribeiro, a influência estadunidense sobre a imprensa brasileira fez com que “[...] o estilo jornalístico passou a ser mais seco e forte. A restrição do código linguístico [...] aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens”.²⁹

Com isso, o lide foi introduzido como uma regra redacional, fazendo com que o jornalista respondesse a seis perguntas no primeiro parágrafo do texto. Há, também, a técnica da pirâmide invertida, pela qual a notícia é escrita através de uma ordem decrescente de importância dos assuntos que aborda. Caso a edição do jornal precisasse diminuir o tamanho da notícia, isso seria feito por esses parágrafos finais.³⁰

Apesar destas especificidades do período apontarem para um entendimento sobre um jornalismo que se preocupava em informar e não em opinar, a década de cinquenta foi o cenário de jornais como o *Última Hora*, envolvidos em relações de interesses com personalidades econômicas e figuras políticas brasileiras. Segundo Ribeiro:

Os interesses políticos continuavam a se sobrepor, algumas vezes, aos empresariais na escolha das estratégias das empresas. Claro que os anos 50 eram um período de transição e, como tal, é normal que fosse marcado por ambiguidades e contradições. Acreditamos, entretanto, que o que havia eram uma contradição insolúvel. O processo de modernização apontava para uma autonomização do campo jornalístico, mas a autonomia total não era possível. O campo jornalístico – tal como se configurou

²⁸ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. Op. Cit. 1990. P. 35-36.

²⁹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política**. Op. Cit. 2003. P. 148.

³⁰ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política**. Op. Cit. 2003. P. 149-150.

historicamente no Brasil – jamais conseguiu se autonomizar totalmente em relação à política.³¹

Isso quer dizer que os processos de modernização experimentados nos anos cinquenta deram início a difusão de uma autoimagem sobre os jornais, pelo qual a imprensa se posiciona como espelho da realidade.³² Com isso, é um discurso mítico de fundação que diferenciava os profissionais dos anos cinquenta de seus antepassados.³³

No caso do jornal *Última Hora*, sua redação era formada por jornalistas de diversos seguimentos, tais como: polícia, política, esportes e entretenimento. Setoristas e plantonistas trabalhavam diariamente para produzir notícias. Mas, assinar o texto noticioso era um privilégio restrito a alguns jornalistas. Notícias curtas e com poucos recursos editoriais geralmente não apresentavam essa informação.

Antes de ser contratado por *Última Hora*, Edmar Morel declarou ter aprendido sobre a importância do furo jornalístico, matéria que possivelmente traria para o repórter o reconhecimento de seus superiores. Para os anônimos, argumentou Morel, a possibilidade de ter seu nome publicado funcionava como um incentivo à dedicação.³⁴ Por outro lado, o setorista de esportes Renato Pires se lembrou do colunista Sérgio Andrade, conhecido como Arapuã, que dizia ter conquistado o direito de escrever sem ter seus textos revisados pelos jornalistas copidesques do *Última Hora*.³⁵

Pelos relatos dos ex-jornalistas, se apreende o valor que eles outorgavam as reportagens assinadas para seus respectivos crescimentos profissionais. Na teoria do jornalismo, notícia e reportagem possuem valores diferentes:

Toda reportagem é notícia, mas nem toda notícia é reportagem: Isto quer dizer que a notícia não muda de natureza, mas muda de caráter *quando evolui* para a categoria de reportagem. *A reportagem é, portanto, uma espécie de notícia que por ter as suas próprias regras alcança um valor especial.* [...] Tomada como método de registro, a notícia se esgota no anúncio; a reportagem, porém, só se esgota no desdobramento, na pormenorização, no amplo relato dos fatos. *O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação* [...] e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética.³⁶ [Grifos meus].

³¹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Op. Cit. 2003. P. 12.

³² BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa (1900-200)**. Op. Cit. 2007. 151.

³³ ALBUQUERQUE, Afonso. **A modernização autoritária do jornalismo brasileiro**. Revista Alceu, PUC-RJ, v. 10, n. 20, p. 100 a 115, jan./jun. 2010. P. 101.

³⁴ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 57.

³⁵ PIRES, Renato. **Faculdade de Jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 67.

³⁶ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo**. Op. Cit. 1990. P. 49.

Quem define quando se faz necessário atravessar a fronteira da notificação pela notícia? A redação, por meio dos debates de pautas entre editores e jornalistas. Ainda segundo a teoria do jornalismo, o profissional alocado na produção de reportagens detinha maior liberdade de trabalho e escrita. Portanto, detinha um capital simbólico diferente dos demais jornalistas.³⁷ No noticiário sobre o Caso Nestor Moreira, o *Última Hora* estimulou e valorizou o trabalho de reportagem.

Assim, a reportagem não se subordinava ao ritmo diário de publicação de notícias. O repórter contava com um prazo estendido de dias ou semanas para investigar a pauta em nome de sua instituição. Após, o trabalho final poderia ser subdividido em série para persistir no noticiário e, com isso, instigar os leitores para os desdobramentos que prometia trazer nas edições seguintes.³⁸ Por outro lado, os autores de reportagens detinham maior liberdade de escrita.

Autores de livros memorialísticos como Morel e Pinheiro Júnior dedicaram parte de suas obras para as reportagens que assinaram em *Última Hora* e que consideraram importantes. As máfias do leite adulterado e de exploração de crianças órfãs foram denunciadas por Morel das páginas do jornal de Wainer.³⁹ No caso de Pinheiro Júnior, recebeu destaque a reportagem em que o jornalista teria alertado os cariocas sobre a “juventude transviada” que praticava crimes no bairro de Copacabana.⁴⁰

Histórias deste tipo contadas pelos ex-jornalistas não só aproximam seus leitores das violências urbanas vivenciadas na década de cinquenta. Elas demarcam, na narrativa memorialística, como ocorreu a ascensão desses profissionais na imprensa. Há o “antes”, quando eram parte da categoria dos jornalistas que não assinavam matérias. Disto surge o “depois”, supostamente graças as repercussões de suas reportagens, construíram prestígio no campo jornalístico. Com isso, as palavras de Morel e Pinheiro Júnior buscaram demonstrar a importância das reportagens para suas respectivas carreiras.

Ser autor de reportagens assinadas, nos anos cinquenta, seria estar em evidência. Um modo de atravessar a fronteira do anonimato, se sobressaindo em relação aos seus pares. Além

³⁷ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo.** Op. Cit. 1990. P. 49.

³⁸ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo.** Op. Cit. 1990. P. 51.

³⁹ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter.** Op. Cit. 1999. P. 218.

⁴⁰ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora (como ela era). História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer.** Op. Cit. 2001. P. 88.

disso, os leitores saberiam quem era o jornalista (fama). No caso do *Última Hora*, milhares de cópias das edições estavam à venda pelas ruas do Rio de Janeiro. Essas características do jornalismo se conjugam no processo comunicacional que operavam diariamente (economia linguística, notoriedade e vendagem).

Pôr em discussão essas vicissitudes acerca das reportagens jornalísticas, que não são exclusivas deste gênero, significa propor um deslocamento em relação a teoria do jornalismo. Nela, o valor-notícia foi apresentado como algo intrínseco ao fato que se tornou notícia. A reportagem derivaria disto, quando se fazia necessário ir além da notificação.⁴¹ Problematizar essa narrativa sobre o trabalho jornalístico está de acordo com o que foi proposto por Pierre Bourdieu sobre as relações sociais de poder:

[...] é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.⁴²

No texto jornalístico o leitor não encontrará um guia contendo um passo a passo do que levou o jornal a publicar a reportagem daquela determinada maneira. Nem mesmo uma explicação lógica para os recursos editoriais empregados e sobre as intenções da instituição. Assim, o produto oferecido ao público parte do pressuposto de aquela era a única forma de noticiar, pois o que está na matéria é o que supostamente importa ao público tonar conhecimento. Não questionar esses aspectos é adotar uma postura de cumplicidade, a qual foi alertada por Bourdieu.

Por conseguinte, na redação, o repórter e os editores avaliavam a apuração feita para a formatação da reportagem: perspectiva de escrita, espacialidade, temporalidade, explicações, percepções, ênfases e silêncios. Títulos chamativos, adjetivações de personagens ou objetos e fotografias reforçavam o ponto de vista defendido pelo jornal. Disto se definem quais notícias seriam alçadas a posição de manchetes de primeira página:

Foi nesse momento que nasceu o conceito de primeira página como uma vitrine, como uma espécie de “cardápio atraente” de tudo o que estava no interior do jornal. Chamadas, pequenos resumos dos principais assuntos do dia, passaram a ser impressos na capa dos periódicos.

⁴¹ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo.** Op. Cit. 1990. P. 49.

⁴² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Op. Cit. 1989. P. 07-08.

Apresentação lógica, ordenação do material na página, disposição racional, essas eram algumas máximas do jornalismo carioca, que passou a adotar, como um valor estético, o princípio da funcionalidade.⁴³

Em *Última Hora*, a elaboração da primeira página contava com o trabalho dos diagramadores. Esses profissionais eram responsáveis por espaçar as manchetes, inserir linhas de orientação para leitura e, com isso, enquadrar os sentidos narrativos das matérias jornalísticas de capa.⁴⁴ Através dessas intervenções estilísticas, os diagramadores e os editores almejavam potencializar as mensagens veiculadas no espaço limitado de uma folha de papel imprensa. Segundo Juarez Bahia:

A diagramação é um estágio superior da paginação. Um jornal não pode deixar de ser paginado, mas pode deixar de ser diagramado. No entanto, para exprimir um padrão visual próprio, aliando arte e técnica, precisa ser diagramado. Assim, um jornal diagramado é mais do que um jornal paginado. [...] O diagramador trabalha com um conjunto de artes e técnicas mais extensivo do que o do paginador. Como proporções, contrastes, equilíbrio, coordenação, ritmo, unidade. Além de tipos de letras, medidas e pontos tipográficos, formatos, ornamentos, linhas dominantes, cortes de texto e de fotografias, dublês, grisês, chapados, negativos, encaixes, etc.⁴⁵

Notícias, primeiras páginas e reportagens. Produtos criados sobre um crime que demandavam esforços diários de diversos jornalistas reunidos na instituição *Última Hora*. E, em meio a essa mobilização, o jornal publicava editoriais esporádicos sobre a cobertura que vinha desenvolvendo. O editorial é o espaço onde jornais expressam opinião sobre os mais diversos assuntos. Em *Última Hora*, nem sempre os editoriais vinham assinados por Samuel Wainer. Esse aspecto permite conjecturar a possibilidade de outro(s) jornalista(s) da direção escreverem a opinião do periódico. Mesmo assim, o sentido não se modifica: o editorial está de acordo com a posição da instituição:

O editorial – no jornal, na revista, no rádio, na televisão – é a voz do dono, é o seu ponto de vista, o que pensa e o que diz o publicador (aqui, no sentido literal de quem dá a última palavra para que o veículo chegue ao mercado). Não é uma opinião assinada por isso mesmo – porque se tem como natural a evidência de sua autoria. [...].
Desta forma, o editorial no jornalismo brasileiro conserva uma quota de autoridade pessoal, quase sempre aleatória, onipresente e onipotente, resultante da predominância da vontade do chefe, por mais liberal que ele se declare.⁴⁶

⁴³ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política**. Op. Cit. 2003. P. 151.

⁴⁴ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 135.

⁴⁵ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e Técnica. As técnicas do jornalismo**. Op. Cit. 1990. P. 151.

⁴⁶ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo**. Op. Cit. 1990. P. 98-99.

Apesar do processo de modernização da imprensa ter difundido uma concepção em que informação (notícias, reportagens e manchetes) e opinião (editoriais) foram separadas em seguimentos diferentes do jornalismo, as escolhas operadas pelos jornalistas e editores quando selecionam e constroem notícias são indícios da subjetividade que envolve o ato de noticiar. Por conta disto, questionar a forma como esses gêneros jornalísticos se apresentaram para o público significa investigar qual foi o objetivo da instituição jornalística em veicular notícias de uma determinada perspectiva e não de outra.

1.2. A criação do Última Hora: entre sucessos e crises

Em 1949, Samuel Wainer trabalhava como repórter para os *Diários Associados*, cadeia jornalística do empresário Assis Chateaubriand. O jornalista escrevia para *O Jornal*, veículo de maior tiragem diária entre os jornais editados pelos *Associados*. Naquele ano, Wainer foi incumbido de produzir uma reportagem sobre a cultura do trigo na região fronteira da região sul do Brasil.⁴⁷

Os *Diários Associados* fretaram um avião bimotor em Porto Alegre para que Wainer chegasse aos campos agrícolas. Em seu livro de memórias, Wainer disse ter atentado para as palavras proferidas por Tadeu Onar, um dos pilotos contratados. Onar se gabava de ser uma espécie de piloto da família Vargas, levando e buscando os visitantes que se reuniam com Getúlio Vargas na instância em que ele residia à época.⁴⁸

Faziam quatro anos que Vargas havia sido destituído do poder pelos militares, pondo fim ao Estado Novo, regime autoritário que vigorou no país entre 1937 e 1945. Com o estabelecimento da democracia, Vargas fora eleito senador no pleito que levou o general Eurico Gaspar Dutra à presidência. Todavia, de acordo com Wainer, desde 1947 Getúlio Vargas se mantinha recluso em sua fazenda de São Borja.⁴⁹

Ao invés de buscar informações sobre a produção de trigo, Samuel Wainer decidiu tentar entrevistar Vargas. O encontro entre o jornalista e o político aconteceu nas dependências da estância. Durante a conversa, Wainer declarou ter ouvido de Vargas que intencionava voltar a participar da política nacional.⁵⁰

⁴⁷ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988. P. 19.

⁴⁸ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 19.

⁴⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 19.

⁵⁰ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 22.

Em Porto Alegre, os *Diários Associados* mantinham uma sucursal do jornal *Diário de Notícias*. Na redação, Wainer redigiu a reportagem sobre o encontro com Vargas e sua vontade de concorrer a eleição que estava programada para acontecer em 1950. Rumando para São Paulo, Wainer entregou a matéria ao escritório de Assis Chateaubriand. Segundo o jornalista:

Na madrugada de 2 de março de 1949, Quarta-Feira de Cinzas, fui acordado por um telefonema de Assis Chateaubriand, que ligara de São Paulo. Ele estava irritado:
- O Wainer, então o senhor passou por aqui e não me deixou a reportagem sobre o trigo no Sul? Preciso dela amanhã – disse Chateaubriand.
Expliquei-lhe que não tivera tempo de escrever a reportagem, ele ficou furioso.
- Mas o senhor ficou cinco dias – insistia. – Cinco dias para fazer uma reportagem. O senhor vai me prejudicar.
Sugeri-lhe que fosse até sua mesa – ele havia ligado da redação dos *Diários Associados* -, examinasse o material que lhe deixara e voltasse a telefonar. Chateaubriand esboçou uma reação, tratei de interrompê-lo com voz calma:
- Por favor, doutor Assis. Leia e me telefone.
Ele afinal concordou. Às cinco da madrugada, o telefone tocou novamente. O tom de Chateaubriand era outro.
- Ele falou isso mesmo?
Confirmei.
- O senhor garante? – insistiu.
Lembrei-lhe que nunca tivera uma reportagem desmentida.
- Então, senhor Wainer, vamos engordar esse porco até levar o pânico à nossa estúpida burguesia – encerrou Chateaubriand.⁵¹

Para Wainer, as declarações de Chateaubriand significavam uma aposta no medo de que o retorno de Vargas representaria às classes dominantes brasileiras. Quando foi destituído do poder, em 1945, Vargas obteve apoio de um movimento de trabalhadores urbanos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses grupos, conhecidos como queremistas, defendiam a permanência de Vargas na presidência apesar das transformações que se processavam no sistema político.⁵²

A reportagem com Vargas foi editada como manchete de primeira página de *O Jornal*. A capa de *O Jornal* estampou uma ilustração de Getúlio Vargas acompanhada da frase “Ele voltará”. Naquele dia, o periódico líder dos *Diários Associados* vendeu 180 mil exemplares.⁵³ Além disso, os programas radiofônicos da *Tupi*, pertencente aos *Associados*, irradiaram a possibilidade de retorno de Vargas.⁵⁴

⁵¹ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver. Memórias de um repórter*. Op. Cit. 1988. P. 24.

⁵² Cf. ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) *Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/Queremismo> Acesso em: 04/01/2020.

⁵³ LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: editora SENAC, 1998. P. 53.

⁵⁴ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver. Memórias de um repórter*. Op. Cit. 1988. P. 24.

No ano seguinte, 1950, Chateaubriand determinou que Samuel Wainer acompanhasse a caravana eleitoral de Getúlio Vargas pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 53 dias, Vargas promoveu comícios por diversas cidades brasileiras. A maratona de eventos eleitorais aconteceu em função da linha editorial de silêncio à candidatura de Vargas desempenhada por jornais do eixo Rio-São Paulo. Em suas edições, os leitores não encontravam notícias sobre a campanha de Vargas. Com isso, esses jornais objetivavam não dar publicidade à candidatura e, conseqüentemente, limitar a captação de votos para Vargas.⁵⁵

Ao mesmo tempo em que enfrentava a oposição dos jornais, Getúlio Vargas conseguiu o apoio do Partido Social Democrático (PSD), legenda de maior bancada eleita no pleito anterior. Anteriormente, o PSD havia tentado uma aliança com a União Democrática Nacional (UDN), mas as discordâncias entre os partidos inviabilizaram a escolha de um candidato comum para ambos.⁵⁶

A vitória de Vargas possibilitou o surgimento do jornal *Última Hora*, em 1951. A criação fora motivada por uma necessidade entendida pelo então presidente de ter um jornal de linha editorial identificada com a sua política. Com o apoio da principal figura do poder executivo, Samuel Wainer, um repórter, conseguiu vultuosos empréstimos do Banco do Brasil e de personalidades ligadas à Vargas.⁵⁷

De acordo com Wainer, o primeiro passo foi adquirir a gráfica pertencente ao *Diário Carioca*:

A empresa devia bastante dinheiro ao Banco do Brasil, as máquinas estavam hipotecadas à Caixa Econômica Federal. E Horácio de Carvalho, que àquela época dirigia de fato a empresa, mostrava-se decidido a vendê-la. Decidi procurá-lo. Ele me informou que queria passar adiante a parte gráfica, mas não o jornal. [...] Expliquei-lhe que o que me interessava era justamente a gráfica. Ele me propôs que assumisse as dívidas do jornal com o Banco do Brasil e a Caixa Econômica. Eram quantias consideráveis, mas aceitei.⁵⁸

⁵⁵ Os historiadores Alzira Alves Abreu e Fernando Lattman-Weltman utilizaram como fontes as edições dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *O Estado de São Paulo*, *Folha da Manhã*, *O Globo* e *O Jornal*. Destes, apenas *O Jornal* se diferenciava, pois foi para este veículo que Wainer cobriu a campanha de Vargas. ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Fechando o cerco: a imprensa e a crise de Agosto de 1954**. In: ABREU, Alzira Alves de. *Vargas e a crise dos anos 50*. Op. Cit. 1994. P. 26.

⁵⁶ HIPÓLITO, Lúcia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 82.

⁵⁷ GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Porto Alegre, Besouro Box, 2011. P. 55-56.

⁵⁸ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 129.

Havia outros desafios para a empreitada de Wainer. Primeiro, publicar diariamente um jornal capaz de concorrer com aqueles que vinham combatendo Vargas desse a eleição. Ou seja, tornar *Última Hora* em um dos maiores vendedores de notícias da cidade. E isto deveria ocorrer em um curto espaço de tempo: o mandato de Vargas estava previsto para durar até 1955 e não havia a possibilidade de reeleição.

Para tanto, Wainer precisava importar papel-imprensa para produzir as edições do jornal. Segundo, comprar maquinários e tintas para estampar as notícias e colorir páginas. Terceiro, adquirir equipamentos como máquinas de escrever, linotipos, câmeras fotográficas e automóveis para distribuição e reportagem. Quarto, alugar ou obter uma sede. E, por fim, contratar jornalistas e operários.⁵⁹

Um jornal de grande porte depende de sua equipe redacional e da posse de meios de produção. Com o aval de Getúlio Vargas, Wainer convidou membros da alta sociedade para a gerir *Última Hora*: Luís Fernando Bocayuva Cunha (genro de Simões (genro de Simões Filho⁶⁰ e neto de Quintino Bocayuva⁶¹), Carlos Holanda Moreira (neto de Plácido de Castro⁶²), Armando Daudt de Oliveira (membro de uma influente família gaúcha⁶³) e Antônio Dutra (padre e militante político).

A direção editorial ficou sob responsabilidade dos jornalistas João Etcheverry, Octávio Malta e Paulo Silveira.⁶⁴ Para compor a redação, Samuel Wainer ofereceu salários maiores dos que os praticados pela concorrência. Essa estratégia de valorização serviu para que *Última Hora*

⁵⁹ Esses aspectos do trabalho jornalístico à época serão analisados adiante, quando abordarmos os relatos memorialísticos dos ex-jornalistas do *Última Hora*.

⁶⁰ Político baiano que apoiara a candidatura de Eurico Gaspar Dutra após a queda do Estado Novo. No governo Vargas assumiu o cargo de Ministro da Educação. Cf. ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Ernesto_Simoes_Filho Acesso em: 26/03/2019.

⁶¹ Escritor e jornalista republicano na época monarquista brasileira. Cf. LEMOS, Renato. Quintino Bocayuva. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf> Acesso em: 04/01/2020.

⁶² Defensor dos interesses brasileiros no Acre em detrimento da soberania boliviana na região. Cf. LAMARÃO, Sérgio. URBINATI, Inoã Carvalho. Plácido de Castro. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTRO,%20Pl%C3%A1cido%20de.pdf> Acesso em: 04/01/2020.

⁶³ Família de negociantes farmacêuticos. Antes da Revolução de 1930, José Daudt de Oliveira foi um dos articuladores da candidatura de Vargas a presidência. Cf. DIAS, Sônia. José Daudt de Oliveira. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oliveira-joao-daudt-d> Acesso em: 04/01/2020.

⁶⁴ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit.1988. P. 134.

fosse considerada, historicamente, como um dos jornais percussores do processo de modernização da imprensa carioca vivenciado nos anos cinquenta.⁶⁵

Para o ex-jornalista de *Última Hora*, Maurício Azevedo:

A *Última Hora* foi um fenômeno extraordinário na imprensa do Rio de Janeiro, que tinha um papel muito grande na imprensa do país, e na imprensa de todo o país. O Samuel começou criando um novo sistema de profissionalização dos jornalistas. Enquanto os jornais de modo geral, quando pagavam regularmente, pagavam o piso profissional e instituído ainda no final dos anos 30, 40 pelo primeiro governo Vargas, o Samuel implantou uma revolução salarial no mercado de trabalho dos jornalistas.⁶⁶

Em 12 de junho de 1951 chegava às bancas do Rio de Janeiro a primeira edição de *Última Hora*. A equipe do periódico oferecia aos leitores uma dieta diversificada de notícias. Luís Costa assinava a coluna “O Dia do Presidente” na página de política. Nela o jornal expunha os atos diários de Getúlio Vargas no Palácio do Catete.⁶⁷ A seção de esportes ficou a cargo dos irmãos Rodrigues.⁶⁸

Enquanto *Última Hora* se consolidava no cenário carioca, Wainer iniciou a expansão da marca para outras cidades. O primeiro centro urbano que recebeu uma sucursal do periódico foi São Paulo. Novamente, a proximidade do jornalista com Getúlio Vargas possibilitou os recursos necessários.

Minha intimidade com Getúlio transformou-me num intermediário privilegiado e, compreensivelmente, num alvo irresistível para interessados no tráfico de influências. Mesmo figuras importantes procuravam minha ajuda, seduzidas pela soma de poderes que eu conquistara.⁶⁹

Nesse biênio de 1951-52, mesmo que o jornal acumulasse prejuízos em seu balanço econômico, a relação de Wainer com Vargas encampava as demandas do *Última Hora*. Além dos financiamentos para criação do jornal, havia um contrato de publicidade firmado com o Banco do Brasil, conquistado graças a esta proximidade entre o jornalista e o presidente. Assim, *Última Hora* pode se dedicar a combater os adversários de Vargas através de seu noticiário.⁷⁰

⁶⁵ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Op. Cit. 2003. P. 31.

⁶⁶ AZEVEDO, Maurício (Entrevista, 2008). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ), 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_8.pdf Acesso em: 26/03/2019.

⁶⁷ A coluna de Luís Costa foi recorrentemente mencionada por jornalistas que trabalharam em UH. Estes afirmam que O Dia do Presidente era um dos principais produtos do jornal.

⁶⁸ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 143.

⁶⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 175.

⁷⁰ GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Op. Cit. 2011. P. 58.

Em 1953, as estratégias de expansão de Wainer atingiram outros patamares. O jornalista considerou que ter uma emissora de rádio potencializaria a difusão de sua mensagem governista. Com a anuência do presidente, Samuel Wainer comprou a *Rádio Clube*, empresa em crise que “[...] tinha 2% de chances de sobrevivência”.⁷¹

A empresa se transformava de um jornal para uma cadeia midiática, assim como o era os *Diários Associados* de Chateaubriand. As revistas dominicais foram outra vertente de mercado alcançada por *Última Hora*. A publicação foi nomeada de *Flan: O jornal da Semana*: “[...] era um tabloide composto de quatro cadernos com oito páginas cada, todos com a primeira página em cores”.⁷²

Com isso, após pouco mais de dois anos do processo eleitoral, Samuel Wainer havia se transformado de repórter em um empresário que possuía um jornal (*Última Hora*), uma revista (*Flan*) e uma emissora de rádio (*Clube*). Sua ascensão no campo jornalístico motivou uma aliança entre seus concorrentes. Até então, Carlos Lacerda era quem protagonizava a luta contra a tríade *Última Hora*, Vargas e Wainer.

O jornalista Carlos Lacerda criou seu jornal em 1949, com o auxílio de empresários e personalidades que se identificavam com a ideologia de Carlos Lacerda.⁷³ Ele era também político e fazia parte da União Democrática Nacional, partido de oposição a figura a Vargas. Todavia, seu jornal possuía uma das menores tiragens do Rio de Janeiro.

Com o crescimento das empresas de Wainer, Lacerda recebeu suporte dos Marinho (*O Globo*) e de Chateaubriand (*Associados*). Com isso, teve acesso a rádio e televisão, respectivamente, para denunciar o favorecimento econômico do governo a *Última Hora*. Significa dizer que o potencial discursivo de Lacerda foi ampliado consideravelmente graças aos meios de produção em posse de Chateaubriand e dos Marinho. Os *Diários Associados* e *O Globo* potencializaram a difusão das acusações do jornalista contra *Última Hora*. Lacerda fornecia explicações sobre como Vargas patrocinava Wainer com dinheiro público.

⁷¹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 169.

⁷² WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 167.

⁷³ Em artigo, Marina Mendonça expõe alguns dos colaboradores: Fernando Veloso (advogado do Escritório Monsen), Raul Fernandes (ex-ministro de Dutra), Gustavo Corção (líder católico) José de Carvalho (Grupo Ducal) Henrique La Rocque de Almeida (diretor da Câmara de Reajustamento Econômico) e Luiz Severiano Ribeiro (proprietário de uma rede de cinemas). MENDONÇA, Marina Gusmão de. **A criação da Tribuna da Imprensa e a defesa dos interesses conservadores no Brasil**. Revista de Economia Política e História Econômica, Ano 01, Nº 01, Setembro de 2004. P. 20.

Em suas memórias, Lacerda descreveu como se dava a gravação televisiva e a didática empregada para sustentar seus argumentos:

Tudo isso era, na época, inteiramente novo na televisão. Não só o telefone, mas sobretudo o quadro-negro. Sublinho o caso do quadro-negro pelo seguinte: um dia, um sujeito me telefonou e perguntou: “Mas aonde é que o senhor quer chegar com essa campanha, que o senhor fica aí falando esse tempo todo em Última Hora e tudo isso... o que é que nós temos com isso? Isso é uma luta entre jornais, é uma disputa entre jornais, no fundo é uma luta comercial entre jornais, onde é que o senhor quer chegar com tudo isso?” Eu aí fui para o quadro-negro, tracei assim um sol e uma porção de satélites, lá embaixo eu fiz um satélite pequenininho e escrevi Última Hora, e disse: “Eu estou aqui, daqui eu vou passar para aqui”. O outro satélite era o Banco do Brasil. “Daqui vou passar para aqui e depois vou chegar aqui”, e aponte para o sol, e escrevi “Getúlio Vargas”. Quer dizer – graficamente – os ouvintes tiveram a impressão de que aquilo tinha um alcance muito maior do que pensavam no começo.⁷⁴

Denúncias jornalísticas como essa da lembrança de Carlos Lacerda se somavam a perda de sustentação política do presidente Vargas. As acusações reverberaram na sociedade e nas páginas dos jornais cariocas. Assim sendo, os correligionários pessedistas, que até então apoiavam Vargas, decidiram se omitir para desassociar a imagem do partido do governo. A decisão foi motivada pela preocupação com a corrida eleitoral que se avizinhava. O PSD almejava vencer a disputa com um candidato de seu quadro.⁷⁵

O jornalista Samuel Wainer, que havia se tornado um emissário do poder executivo, decidiu rebater as denúncias propondo a formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. O objetivo: investigar os financiamentos governamentais para todos os jornais do Rio de Janeiro. Wainer esperava que a base política de Vargas, até então maioria no Congresso, controlasse o processo e, com isso, refreasse o ímpeto da oposição.⁷⁶

De fato, a prática de concessões públicas de empréstimos a empresas de comunicação era arraigada no período. Grandes jornais como os *Diários Associados* e *O Globo* deviam promissórias ao Banco do Brasil. Até mesmo a *Tribuna da Imprensa* de Carlos Lacerda tinha dívidas com o órgão federal.

Como pontuou o ex-jornalista Cícero Sandroni:

Tinha financiamento do Banco do Brasil, é claro, mas quem não tinha? Se você fizer a revisão da história, todos os jornais tinham, até a Tribuna recebia lá um

⁷⁴ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. P. 149.

⁷⁵ HIPOLITO, Lúcia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. Op. Cit. 2012. P. 97.

⁷⁶ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 170.

financiamento para comprar papel, para comprar máquina. Bom, talvez a Última Hora seja o maior.⁷⁷

Porém, como posto anteriormente, o cenário político havia mudado em 1953. As sucessivas denúncias haviam feito com que o PSD se afastasse da base governista. A investigação parlamentar resultou em um escrutínio das contas e do proprietário de *Última Hora*. Contraditoriamente, as empresas de Samuel Wainer – *Editora Érica S.A.*, *Última Hora*, *Flan* e *Rádio Clube* – missionárias da causa getulista, se tornaram armas dos setores críticos ao governo, pois eram adjetivadas como exemplos de práticas corruptivas do executivo.

Com isso, a CPI se tornou o Caso Última Hora. As ações investigativas foram recorrentemente noticiadas nas pautas dos jornais, gerando um quadro de crise institucional tanto para Vargas quanto para Wainer. Ambos tinham suas imagens depreciadas pela imprensa. Com isso, o dinheiro despendido com a produção editorial da revista *Flan* foi redirecionado por Wainer para manter *Última Hora* circulando. Através de um decreto, Vargas confiscou a concessão pública da *Rádio Clube* que fora concedida a Wainer.⁷⁸

A investigação dos deputados perdurou por seis meses. Foram inquiridos no processo Carlos Lacerda, Samuel Wainer, diretores do Banco do Brasil e outros jornalistas. O relatório final foi apresentado em fins do ano legislativo de 1953. No texto, a comissão auferiu em cruzeiros, moeda corrente à época, o quanto a aproximação de Vargas rendeu ao jornalista Samuel Wainer.

Segundo o cientista político, Maikio Guimarães:

A CPI comprovou que, entre 1951 e 1953, o Banco do Brasil forneceu às empresas de Samuel Wainer Cr\$ 279.685.424,00 (duzentos e setenta e nove milhões, seiscentos e oitenta e cinco mil e quatrocentos e vinte e quatro cruzeiros). Desses, Cr\$ 192.684.786,40 (cento e noventa e dois milhões, seiscentos e oitenta e quatro mil, setecentos e oitenta e seis cruzeiros e quarenta centavos) foram concedidos a Wainer como empréstimos. Os Cr\$ 87.000.637, 60 (oitenta e sete milhões, seiscentos e trinta e sete cruzeiros) restantes são referentes à fiança dada pelo Banco do Brasil para a Érica poder comprar o papel da Atlanta Corporation.⁷⁹

A relação de interesses entre Vargas e Wainer foi sedimentada pela crise de 1953. O presidente determinou que o Banco do Brasil executasse a dívida de *Última Hora*. Sob ameaça

⁷⁷ SANDRONI, Cícero. (Entrevista) Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ), 2008 Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/cicero.pdf> Acesso em: 28/03/2019.

⁷⁸ WAINER, Samuel. . **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 170.

⁷⁹ GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Op. Cit. 2011. P. 101-102.

de fechamento, o proprietário buscou formas de captar fundos para quitar o débito. De acordo com Wainer:

Tratei de ir à luta pela sobrevivência, e busquei fórmulas que ampliassem o espaço da publicidade. A Última Hora tinha, por exemplo, bons anunciantes no comércio. Mas eles não dispunham de condições econômicas para anunciar diariamente. Ofereci-lhes então, descontos extremamente atraentes [...]. Eu precisava desesperadamente daquele dinheiro, e fazia todas as concessões possíveis para obtê-lo. Deu certo: em pouco tempo, a Última Hora garantiu um vasto espaço publicitário, que representava um importante fator de sobrevivência e lhe permitia reduzir drasticamente seu grau de dependência do governo. Fiz horrores para conseguir anúncios, vendi minha alma ao diabo, corrompi-me até a medula.⁸⁰

Apesar do que sustentou em suas memórias, Wainer não conseguiu captar o montante necessário para quitar todos os seus débitos. O jornalista conseguiu reunir Cr\$ 8.305.889,30 cruzeiros. Segundo Guimarães, essa quantia significava uma parte minoritária do total de empréstimos.⁸¹

Assim sendo, após pouco mais de dois anos de ascensão, Samuel Wainer teve que lidar com a crise político-econômica deflagrada pela imprensa – via Lacerda e seus aliados – e pelos desdobramentos da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre *Última Hora*. Sem o apadrinhamento de Getúlio Vargas, o proprietário precisou encontrar financiadores para manter *Última Hora*.

Portanto, 1953 foi um ano de rearranjo no cenário político e jornalístico principalmente em função das denúncias contra Getúlio Vargas e Samuel Wainer. O *Última Hora*, que ascendia no campo jornalístico, perdeu seu principal padrinho político. Entrementes, segundo Wainer, esse revés não afetou as altas tiragens diárias do jornal *Última Hora*.⁸² E esse cenário seria um reflexo da fórmula editorial empregada pelo periódico, na qual o jornalismo policial era um dos destaques.

1.3. Jornalismo policial: admiração versus aversão

⁸⁰ GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Op. Cit. 2011. P. 171.

⁸¹ GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Op. Cit. 2011. P. 108.

⁸² WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 193.

Analisar a construção do noticiário policial do jornal *Última Hora* sobre o Caso Nestor Moreira requer compreender qual era a relação do veículo de Samuel Wainer com este gênero jornalístico durante a década de 1950.⁸³

Anos após o fechamento do *Última Hora*, Wainer gravou uma série de fitas cassete. Nelas, contou sua trajetória no jornalismo brasileiro e a história de seu jornal. Suas declarações foram transformadas, *post mortem*, no livro “Minha razão de viver. Memórias de um repórter”. Em algumas passagens da obra, Wainer se propôs a explicar como foi possível ao *Última Hora* ter se tornado um dos maiores veículos jornalísticos do Rio de Janeiro.⁸⁴

Além de Samuel Wainer, outros ex-jornalistas forneceram relatos memorialísticos sobre o *Última Hora* durante o governo Getúlio Vargas (1951-54). Esses profissionais refletiram sobre o ofício do jornalista policial e o valor editorial deste gênero para um periódico como o *Última Hora*. Com isso, utilizaremos essas memórias para entender como estes agentes concebiam o jornalismo policial e, também, quais eram as dinâmicas de trabalho e escrita noticiosa dos profissionais que trabalhavam nesse seguimento do *Última Hora*.

Para tanto, catalogamos esses relatos de memórias em três tipos. Primeiro, as entrevistas fornecidas por ex-jornalistas do *Última Hora* ao Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ). Segundo, os livros que foram publicados por alguns destes ex-jornalistas sobre suas respectivas trajetórias na imprensa brasileira. Terceiro, através de uma entrevista realizada pelo autor com Luarlindo Ernesto, ex-repórter policial do jornal de Samuel Wainer. A entrevista foi concedida na redação do jornal *O Dia*, atual local de trabalho de Ernesto.⁸⁵

⁸³ Adotamos este ponto de partida tendo como referencial a análise feita pelo historiador Robert Darnton sobre o jornalismo policial estadunidense durante os anos 1950. À época, Darnton trabalhou como setorista policial para o Newark Star Ledger. Sua experiência no jornalismo lhe permitiu discutir as dinâmicas do trabalho jornalístico que precediam a escrita da notícia. Primeiro, compreendendo como os jornalistas policiais mais experientes valoravam os crimes ocorridos na cidade, selecionando uns e descartando outros. Segundo, discutindo a visão que os jornalistas tinham do gênero policial, considerado como uma “escola preparatória” para os iniciantes no ofício jornalístico. Terceiro, apreendendo as relações mantidas entre estes jornalistas e os policiais que eram suas fontes de informação. Fator que, para Darnton, influenciava na forma como os jornalistas escreviam as notícias. DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: _____. **O beijo do Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P. 41-58.

⁸⁴ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 140.

⁸⁵ Luarlindo Ernesto começou a trabalhar no jornal em 1957. Todavia, sua declaração sobre o jornalismo policial possui paralelos com os relatos memorialísticos de outros ex-jornalistas que trabalharam em *Última Hora* e que foram veteranos dele: Edmar Morel e Pinheiro Júnior. ERNESTO, Luarlindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

Cumpra ressaltar que relatos memorialísticos se constroem por meio de processos avaliativos daquilo que se quer expor. Ações de fala e/ou escrita que envolvem seleções, esquecimentos e exclusões, de forma que o que é destacado encampa o ponto de vista defendido por quem enuncia. Os fatos podem tomar formas superlativas, diminutivas, ou até mesmo serem omitidos de acordo com o que cada um destes ex-jornalistas considerou relevante registrar.⁸⁶

Para Samuel Wainer, o *Última Hora* foi um sucesso de público graças a uma fórmula editorial que o proprietário considerou inovadora para o cenário da imprensa dos anos 1950. Esta fórmula se baseava na exploração de notícias de dois gêneros jornalísticos: esportes e polícia. Segundo Wainer, esses eram os assuntos que mais interessavam os leitores do Rio de Janeiro.⁸⁷

Assim como considerou o jornalismo policial como um gênero de suma importância para o crescimento e consolidação do *Última Hora*, Wainer ponderou que, inicialmente, tinha “[...] repugnância por fatos policiais e, até então, negava-me a dar-lhes destaque na *Última Hora*”.⁸⁸ Podemos supor que esse destaque citado por Wainer fazia uma alusão às manchetes de primeira página, espaço de maior valor simbólico para os jornalistas dos anos 1950.⁸⁹

A mudança da política editorial do *Última Hora* teria ocorrido quando morreu o senador Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Octávio Malta, um dos editores do periódico, procurou Wainer para protestar que a morte deveria ser um dos destaques do *Última Hora*. Porém, Wainer disse que se sentia reticente em publicar manchetes sobre o assunto em função do falecido ser uma personalidade próxima de Getúlio Vargas.⁹⁰

⁸⁶ Antes de prosseguirmos, cumpre ressaltar que operar com memórias requer entender como se desenvolve o ato de enunciar *a posteriori*. As palavras enunciadas são organizadas em uma ordem que fornece sentido ao que se está contando. Segundo Bourdieu: “O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” ao investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...] tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. [...] Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª Edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 184.

⁸⁷ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 143.

⁸⁸ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 149.

⁸⁹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política. A modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Op. Cit. 2003. P. 151.

⁹⁰ O político morreu no exercício do mandato em agosto de 1951, cerca de dois meses após a criação de *Última Hora*.

Naquele primeiro ano de existência do jornal, a proximidade de Wainer com o ex-ditador era vital para que o proprietário conseguisse financiamentos ao jornal *Última Hora*. Havia compromissos financeiros – salários, compra de papel-imprensa e maquinários – contraídos por Samuel Wainer. Ir contra os interesses de Vargas poderia significar retaliações do presidente ao *Última Hora*.

Mesmo assim, Wainer se preocupava em consolidar o jornal no mercado jornalístico carioca. E a repercussão social da morte, apreendida por Malta e Wainer, poderia auxiliar na difusão do *Última Hora*. Com isso, Wainer disse ter procurado Vargas para explicar os motivos que o levavam a querer publicar manchetes sobre o senador. Assim, a necessidade de aumentar a vendagem do *Última Hora* justificou a exploração da notícia policial.

Em seu livro, Wainer considerou que a anuência de Vargas como o estopim para que as notícias policiais ganhassem às manchetes de primeira página em *Última Hora*. O proprietário expôs com orgulho o suposto sucesso desta nova estratégia editorial:

[...] publiquei a primeira manchete policial da história de Última Hora: “Epitacinho teria morrido envenenado”. Foi uma bomba. *Aumentamos a tiragem para 25 mil exemplares*, que se esgotaram em poucas horas. *Seguimos explorando o caso por alguns dias* e incorporamos outros milhares de leitores.⁹¹ [Grifos meus].

Em 1951, quando veiculou a referida manchete, Samuel Wainer não divulgava os números de tiragem diária do jornal *Última Hora*. Esse aspecto tornou inviável estabelecer se, de fato, a publicação da matéria sobre o senador Epitácio Pessoa fez com que Wainer determinasse o aumento do fluxo das rotativas.⁹²

Independentemente disto, as palavras de Samuel Wainer indicam que a exploração de notícias policiais no *Última Hora* se enquadrava como uma estratégia que objetivava ampliar seu público consumidor. Para difundir o jornal, Wainer relatou ter decidido “[...] que teríamos muitos colunistas e abordáramos assuntos habitualmente desprezados pela imprensa – esporte e polícia, por exemplo”.⁹³

⁹¹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 149-150.

⁹² Em suas memórias, Wainer afirmou que decidiu publicar as tiragens como uma forma de afrontar seus concorrentes em momento posterior a este. WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 152.

⁹³ WAINER, Samuel **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 133.

A narrativa memorialística de Wainer seguiu uma lógica de causa e efeito: mais manchetes policiais resultaram em vendas mais expressivas das edições do *Última Hora*. Segundo Wainer:

[...] colocamos notícias esportivas e policiais na primeira página, ousamos permanentemente. Dessa forma, lentamente, fomos descobrindo os caminhos que levam aos leitores, e iniciamos uma lenta ascensão, cujo potencial nossos concorrentes não souberam avaliar a tempo.⁹⁴ [Grifos meus].

Por outro lado, para o ex-jornalista Alberto Dines, havia uma hierarquia de manchetes de primeira página em *Última Hora*. Matérias sobre política nacional e trabalho eram prioridades em relação as notícias policiais. Dines, um dos expoentes da imprensa à época, assim definiu o processo de edição das capas do *Última Hora*:

As pessoas que faziam o jornal sabiam que tinha que ter todo dia uma manchete de interesse trabalhista. Era obrigatório. Ou era manchete principal ou era segunda manchete, tinha que ter uma manchete sobre a cidade, a política da cidade. [...] *Tinha que ter uma matéria de polícia obrigatória*, porque era um jornal popular, de origem vespertina.⁹⁵ [Grifos meus].

Todavia, a difusão do gênero policial na imprensa brasileira precede a criação do *Última Hora*. Durante a década de 1920, o jornal *Crítica* se tornou amplamente popular entre os leitores por explorar notícias policiais em suas páginas. De acordo com a historiadora Marialva Barbosa, os repórteres policiais dos anos 20 trabalhavam investigando crimes independentemente das ações da polícia.⁹⁶

Indo além, na entrevista para o CPDOC, Samuel Wainer relatou quais eram suas indicações para a escrita noticiosa de seus jornalistas policiais. A recomendação primordial era de que os jornalistas tivessem o cuidado de não abalar a confiança de seus informantes. Ou seja, os personagens que funcionavam como fontes para as notícias. O mais importante, no ofício jornalístico era, para Wainer, “[...] conseguir a confiança da sua fonte e jamais pô-la em risco,

⁹⁴ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 143.

⁹⁵ DINES, Alberto. **Alberto Dines** (entrevista). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/ALBERTO_DINES%20final.pdf Acesso em: 29/03/2019. P. 16-17.

⁹⁶ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007. P. 66.

e não abusar dela, também, e muitas vezes, até orientá-la”. Perder o acesso a fonte limitaria o raio de ação do repórter.⁹⁷

Para o ex-jornalista Maurício Azevedo, a editoria de polícia demandava uma rotina de plantões dos setoristas policiais:

A Última Hora tinha um feixe de assuntos que englobava, primeiro, a cobertura política numa posição progressista, o acompanhamento do movimento sindical, uma cobertura esportiva forte e o acompanhamento da vida social na área de entretenimento, da vida social dos clubes, por aí, além do noticiário policial. A Última Hora *tinha uma equipe de repórter de polícia que virava 24 horas, nunca deixava de estar no ar, que estar apostos e a qualquer hora da madrugada que fosse necessário, o jipe do jornal que conduzia uma equipe com repórter e fotógrafo para um local, onde a presença deles era necessária.*⁹⁸ [Grifos meus].

Apesar de não ter sido repórter policial do *Última Hora*, Barreto e Silva começou na imprensa nesse setor, em um periódico de Minas Gerais. O profissional atentou para a importância do furo jornalístico para o trabalho do setorista policial. A disputa para ser o primeiro a noticiar um crime suscitava uma atmosfera de concorrência entre os jornalistas da cidade.⁹⁹

Diariamente, os jornalistas policiais tentavam *furar* seus concorrentes, ou seja, ser o autor de uma grande matéria. Tal cenário recobrado por Barreto e Silva também foi assunto discutido por Edmar Morel, repórter e redator de *Última Hora*. Em relação ao furo jornalístico, Morel afirmou que era “[...] um estímulo para os repórteres que viviam perdidos no anonimato”.¹⁰⁰ Morel também começou na editoria policial. Ao lembrar suas passagens pelas redações dos jornais cariocas, o jornalista pontuou que não lhe agradava trabalhar na seção de Polícia.¹⁰¹

Essa busca por crimes ocorridos no Rio de Janeiro junto aos informantes dependia, em parte, dos telefones instalados na redação do *Última Hora*. À noite, os plantonistas de *Última Hora* contatavam as delegacias e distritos do Departamento Federal de Segurança Pública – a

⁹⁷ WAINER, Samuel. **Samuel Wainer I** (depoimento, 1996) Rio de Janeiro: CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1015.pdf> Acesso em: 29/03/2019. P. 22.

⁹⁸ AZEVEDO, Maurício. **Maurício Azevedo**. (Entrevista). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_8.pdf Acesso em: 01/04/2019.

⁹⁹ BARRETO E SILVA, Derly. **Derly Barreto e Silva** (depoimento, 1977) Rio de Janeiro: CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1002.pdf> Acesso em: 29/03/2019.

¹⁰⁰ MOREL, Edmar. **Histórias de um reporter**. Op. Cit. 1999. P. 57.

¹⁰¹ MOREL, Edmar. **Histórias de um reporter**. Op. Cit. 1999. P. 57.

Polícia Civil da então capital brasileira - para tomarem notas de episódios de assaltos, acidentes, agressões, homicídios, roubos e afins.¹⁰²

Segundo Ernesto, algumas vezes eram os policiais que tomavam a iniciativa de comunicar aos jornalistas um crime. Esse fator justifica a importância imputada por Samuel Wainer à manutenção das fontes. Nesses momentos, “o delegado de plantão também telefonava: ‘Olha, tem um crime bárbaro...’. Isso funcionava”. Para o ex-jornalista policial, “a polícia sempre foi uma fonte de informações muito boa”.¹⁰³

Além da rotina de rondas telefônicas por delegacias e distritos, haviam os setoristas policiais. Eles eram jornalistas alocados por áreas da cidade. Quando ocorria um crime em sua área de atuação, a redação contactava o repórter. Não se tratava apenas de estar presente onde ocorreu o crime. Os setoristas também colocavam em prática suas próprias técnicas de investigação. A notícia dependia, em parte, do sucesso nesta empreitada:

O jornalismo policial foi um jornalismo muito importante, foi uma grande escola, de rapidez de apuração. E tinha técnicas de apuração: a primeira coisa que você tem que fazer, se você tem um cadáver, é roubar o livro de telefones dele, a agenda de telefones, para depois você começar, sozinho, a procurar os parentes e as conexões, os cúmplices... Então você tinha um jornalismo mais investigativo, porque o jornalista chegava às vezes à cena do crime, ou do acidente, ou do desastre, com muita velocidade, justamente graças a essas coisas da infraestrutura de uma cidade que era menor, evidentemente a cidade era muito menor do que é hoje.¹⁰⁴

Assim como Wainer defendeu a manutenção das fontes de informação, Ernesto considerou que escrever sobre crimes nos anos 1950 requeria por parte do jornalista uma economia linguística para que evitasse ser interpretado pelos policiais como um inimigo da polícia.¹⁰⁵ Desta maneira, as notícias policiais podem revelar indícios destas relações em que o mais importante não era tornar algo público mas, sim, preservar o informante que garante ao jornalista acesso aos casos policiais.

Indo além, as práticas de trabalho dos jornalistas policiais de *Última Hora* se assemelham àquelas que eram usuais na década de 1920. Para Ernesto, o gênero policial requeria do repórter a disposição para realizar investigações por conta própria. As evidências

¹⁰² ERNESTO, Lualindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

¹⁰³ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 57.

¹⁰⁴ DINES, Alberto. **Alberto Dines** (entrevista). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/ALBERTO_DINES%20final.pdf Acesso em: 29/03/2019. P. 19.

¹⁰⁵ ERNESTO, Lualindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

ou pertences extraviados e os suspeitos detidos – sem que os jornalistas tivessem qualquer autoridade para tais atos – caracterizavam o que Ernesto definiu como o “jornalismo boêmio e irresponsável” do período.¹⁰⁶

Mesmo o insucesso nestas investidas jornalísticas poderia virar notícia. Ao lembrar os tempos de trabalho na redação do *Última Hora*, Edmar Morel falou sobre o que havia aprendido com Samuel Wainer. Certa vez, o repórter estava alocado na cobertura do sequestro do filho do conde Matarazzo. Entretanto, a polícia descobriu que a vítima havia armado o rapto para extorquir a família. Só que, na edição *Última Hora* Morel foi apresentado como o responsável por encontrar o sequestrado. “Na verdade, não localizei coisa alguma, foi uma coincidência, mas Samuel adorava lançar o nome dos repórteres nas manchetes”.¹⁰⁷

Episódios como esse caracterizavam os ensinamentos aprendidos pelos jornalistas no *Última Hora*. O colunista esportivo Renato Pires defendeu que o trabalho no periódico era como uma faculdade de jornalismo para os repórteres. Independentemente do que ocorresse, era possível produzir notícias. Segundo Pires:

Essa a lição do grande repórter. Se ele falasse, escrevia tudo que ele falasse. Se ele NÃO FALASSE escrevia tudo o que ele NÃO FALASSE. E graças a essa determinação jornalística, foi que Samuel conseguiu a grande reportagem. Determinação jornalística que eu incorporei na entrevista com Osvaldo Brandão.¹⁰⁸ [Grifos do autor].

Por conseguinte, ex-jornalistas policiais do *Última Hora* como José Alves Pinheiro Júnior compartilhavam da opinião de Samuel Wainer sobre o gênero jornalístico policial. De acordo com Pinheiro Júnior, as notícias policiais eram uma ferramenta essencial para a conquista do mercado. Todavia, o seguimento foi considerado menos digno pelo ex-jornalista.

Em vista disto, Pinheiro Júnior declarou que *Última Hora* – leia-se, seus agentes responsáveis pela edição - precisava saber “equilibrar” a exposição da violência urbana com outros conteúdos ofertados ao público do jornal:

Como o dia a dia das notícias precisava atrair um corte vertical de leitores, SW concluiu pelos piques de venda que a emoção dos crimes era uma destinação incontornável para o seu jornal. Para qualquer jornal, sem dúvida. Pois todos os diários tinham que fazer o leitor parar na rua e ir ao encontro do que expunham nas bancas, *forçando a compra do produto*. Ao mesmo tempo, *fatos policiais eram notícias menos*

¹⁰⁶ . ERNESTO, Luarlindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

¹⁰⁷ MOREL, Edmar. **Histórias de um reporter**. Op. Cit. 1999. P. 190.

¹⁰⁸ PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 50-51.

*nobres, só compensadas pela política, pela cultura – mesmo o esporte e a cidade – bem acompanhadas de análise e opinião.*¹⁰⁹ [Grifos meus].

Assim como Wainer, Pinheiro Júnior buscou fornecer argumentos que naturalizassem a publicação de notícias policiais por *Última Hora* nos anos 1950. Segundo ele, quem motivava a exploração deste gênero não foi o periódico, mas sim a sociedade carioca. Ou seja, os consumidores de jornais, que supostamente apresentavam uma demanda por matérias sobre crimes.

Nessa perspectiva, o jornalismo figura como o personagem condicionado a fornecer o produto buscado por razão de sua sobrevivência econômica. Paralelamente, o ex-repórter policial Pinheiro Júnior defendeu que *Última Hora* buscava diariamente não se definir como um veículo pautado pelo jornalismo policial que explorava. O leitor era “compensado” através da publicação de cadernos sobre outros temas, como a política, economia ou entretenimento. O que Pinheiro Júnior não expôs é qual o tipo de consumidor que *Última Hora* buscava compensar. Afinal, a estratégia do periódico seria atingir um corte vertical de público.¹¹⁰

Outra preocupação citada pelos ex-jornalistas era a forma de escrever as notícias policiais do *Última Hora*. De acordo com Pinheiro Júnior, Samuel Wainer assim orientava seus empregados: “[...] o fato policial tem que ter qualidade. Tem que ser humanizado e romanceado. Como se fosse possível humanizar a violência”.¹¹¹

Mesmo expondo uma crítica ao modo como Samuel Wainer propunha narrar notícias policiais, Pinheiro Júnior considerou que *Coisas da vida e da morte*, “mantido inicialmente por Luís Costa [...] conseguiu realizar essa humanização.”¹¹² O jornalista Luís Costa era um prestigiado membro da equipe de *Última Hora*, responsável por cobrir os desdobramentos políticos no Palácio do Catete para outra coluna, “O Dia do Presidente”.

Após a saída de Luís Costa, Pinheiro Júnior ficou responsável por escrever a coluna policial. Rememorando esse período, o jornalista disse que “[...] senti a responsabilidade de

¹⁰⁹ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2001. P. 57.

¹¹⁰ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 57.

¹¹¹ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 60

¹¹² PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 40.

mantê-la o mais dentro possível do modelo criado por Luís”.¹¹³ O ex-repórter considerou ter obtido êxito nessa tarefa.

Mesmo o que não foi escolhido para ser notícia poderia ser estampado em *Última Hora* como uma crônica policial. Isso ocorria graças à intervenção de Nelson Rodrigues, colunista esportivo do jornal. Na redação, Rodrigues se mantinha próximo do pessoal de Polícia para extrair deles histórias de violências urbanas. Assim se dava a inspiração do jornalista para escrever “A vida como ela é”, textos curtos com crônicas de costumes que condensavam detalhes dos crimes com a inventividade de Rodrigues.¹¹⁴

A criação da coluna e seu sucesso posterior se tornaram uma das histórias mais citadas por jornalistas que trabalharam em *Última Hora*. Samuel Wainer afirmou que fora ele quem instigou Nelson Rodrigues a trocar as páginas esportivas pelas crônicas policiais:

Chamei Nelson Rodrigues, meu redator de esportes, e perguntei-lhe se aceitava escrever uma coluna diária baseada em fatos policiais. Nelson recusou. Resolvi enganá-lo, e contei que André Gide já fizera isso na imprensa francesa. Defendi também a tese de que, no fundo, Crime e Castigo, de Dostoiévski, era uma grande reportagem policial. *Eu apenas queria que ele desse um tratamento mais colorido, menos burocrático*, a um certo tipo de notícia. Nelson afinal cedeu. Sentou-se à máquina e, pouco depois, entregou-me o texto sobre o casal que morrera no desastre de avião. Era uma obra-prima, mas notei que alguns detalhes – nomes, situações – haviam sido modificados. [...] Nelson Rodrigues renovou a linguagem da reportagem policial [...].¹¹⁵ [Grifos meus].

Até mesmo os repórteres policiais do jornal poderiam figurar como personagens das histórias editadas por Rodrigues. Os colegas de redação acompanhavam a repercussão dos textos, (como se lembrou Pinheiro Junior):

Mas o que caiu no gosto do povão foi mesmo A vida como ela é, de Nelson Rodrigues. [...] Quando começou com reportagens em UH, misturava o real e o fantástico. Era dele a inusitada série “No cemitério das mulheres vivas”. Teve então muitos acusadores que viram nele uma mente doentia.¹¹⁶

Para Pires, o sucesso de público obtido por *Última Hora* resultou do estilo ousado e agressivo do periódico. O carro-chefe do jornal seria sua linguagem imagética: fotos, charges e

¹¹³ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 60.

¹¹⁴ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 63.

¹¹⁵ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um reporter**. Op. Cit. 1988. P. 152.

¹¹⁶ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 61-62.

ilustrações. Os editores apregoavam que a notícia devia ser valorizada ao máximo para a publicação. E isso acontecia por meio da impressão de imagens. Para o ex-jornalista, esse era o perfil jornalístico de *Última Hora*:

Desde o primeiro número, UH caracterizou-se pela ousadia na abordagem dos assuntos, no tom agressivo dos seus textos e principalmente na filosofia de sua atuação, calcada em linha nitidamente popular: reivindicações setoriais, defesa do sindicalismo atuante e participativo, noticiários policial e esportivo destacados. [...]Politicamente, era um jornal nacionalista, um jornal patriarcal, vamos dizer, do ponto de vista da assistência social, e um jornal antifascista. Tecnicamente, usava esporte, a veiculação dos mitos populares do show e, em última instância, *a emoção humana que é a polícia*.¹¹⁷ [Grifos meus]

Com isso, o jornalismo policial era parte daquilo que foi considerado por Pires como a identidade agressiva e ousada do *Última Hora*. Todavia, a mesma contradição que notada nos relatos memorialísticos de Edmar Morel, Pinheiro Júnior e Samuel Wainer se faz presente nas palavras de Renato Pires. Segundo o ex-jornalista, a “emoção humana que é a polícia” era explorada como último recurso. O jornalismo policial era uma ferramenta de mercado que convergia para o objetivo final de *Última Hora*: “[...] a meta principal, o grande prêmio: o poder. Que no UH foi conquistado com a prática de um jornalismo impregnado de arte e magia”.¹¹⁸

Nos relatos memorialísticos dos ex-jornalistas do *Última Hora*, esses elogios e críticas ao jornalismo policial foram acompanhados por palavras de admiração direcionadas à equipe responsável por produzir notícias policiais. Segundo Morel, *Última Hora* “[...] tinha o mestre Augusto Donadel, apoiado em Canuto e Silva Júnior”.¹¹⁹ A deferência a Augusto Donadel também foi prestada pelo ex-repórter policial José Alves Pinheiro Júnior: “[...] ele era considerado o mais experiente dos repórteres de polícia [...]”.¹²⁰

Em seu livro sobre o *Última Hora*, Renato Pires redigiu uma série de entrevistas que realizara com ex-jornalistas do periódico. O ex-colega de redação José Roberto Guzzo falou para Pires sobre Nelson Gatto, repórter policial da matriz carioca do *Última Hora*. Para Guzzo,

¹¹⁷ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 16-17.

¹¹⁸ PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 10.

¹¹⁹ PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 188.

¹²⁰ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer**. Op. Cit. 2001. P. 23.

Gatto havia se tornado notório no campo jornalístico pelos episódios em que *agia* como policial.¹²¹

Gatto investigava crimes e, em alguns casos, prendia por conta própria o perpetrador. Ao entrega-lo à Polícia, o repórter recebia em troca o furo de reportagem. Para José Guzzo, essa permuta entre o colega e os policiais significava “[...] um trunfo na época das grandes rivalidades entre jornais”.¹²²

Em função desses episódios José Carlos Stabel comparou Nelson Gatto a personagens da ficção cinematográfica estadunidense. Além de Gatto, Celso Jardim era outro repórter policial de *Última Hora* responsável por produzir grandes reportagens sobre crimes:

*Os filmes americanos criaram vários repórteres policiais que a gente sempre achou que não passavam disso: personagens fictícios de filmes hollywoodianos. Mas o UH tinha a dupla de repórteres policiais de Hollywood: Nelson Gatto e Celso Jardim, ambos já falecidos. Suas reportagens marcaram época.*¹²³ [Grifos meus].

A pluralidade de relatos de ex-jornalistas de *Última Hora* contém evidências que nos permitem tecer considerações sobre como esses agentes entendiam a relação do jornal com o jornalismo policial. Além disso, apontam para características do trabalho do jornalista de polícia no Rio de Janeiro dos anos cinquenta.

Em primeiro lugar, há a relação dialógica. Esses jornalistas tinham uma percepção do público ao qual tencionavam vender notícias. Na visão destes profissionais, os consumidores estavam interessados em ler diariamente sobre fatos policiais. Em função disso:

O jornal precisa vender. O jornal precisa vender, a despesa do jornal é muito grande. Então, noticiário político, noticiário social, noticiário, enfim, o blá, blá, não vende jornal, festa de aniversário não vende jornal, o que vende jornal é miséria e a miséria está com os bandidos. Então, a matéria de polícia se firmou por aí.¹²⁴

Onde ocorreu o crime também influenciava no potencial de vendagem entendido pelos jornalistas do *Última Hora*. Para o ex-repórter policial Luarlindo Ernesto havia um bairro que vendia notícia:

¹²¹ PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 27.

¹²² PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 27.

¹²³ PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora**. Op. Cit. 2004. P. 115.

¹²⁴ LOUZEIRO, José. **José Louzeiro**. (Entrevista) Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_16.pdf Acesso em: 01/04/2019.

Copacabana vende muito. [...] Ganhei muito dinheiro do exterior escrevendo sobre violência, drogas, favelas e jogo do bicho. [...] É que o que acontece em Copacabana reflete no mundo. *É Copacabana. Simplesmente por isso*. Uma briga de vizinhos vai parar no New York Times.¹²⁵ [Grifos meus].

Pelos relatos coligidos, *Última Hora* é apresentada como uma instituição que apenas oferecia o produto que a sociedade desejava. Essa lógica atravessa as declarações destes ex-jornalistas e devem ser compreendidos à luz de como o campo jornalístico se pensava à época. A identidade difundida pela imprensa no período defendia que as notícias eram espelhos da realidade. Assim, se omitiam como agentes decisórios no processo de seleção e edição das notícias.

Entretanto, havia critérios de avaliação imputados pelos jornalistas. Crimes ocorridos em Copacabana movimentavam o interesse da redação de *Última Hora*. Nesse ínterim, há também a busca pelo “boneco”, ou seja, a fotografia da vítima ou do perpetrador, para compor a notícia. Segundo Ernesto:

O repórter era o encarregado de carregar o fotógrafo, como se fosse um simples ajudante. *Explicava tudo sobre a matéria, o lado que teria que ser abordado*. O repórter era o responsável por conseguir fotos da vítima, ou do criminoso, ou de parentes de ambos. Não se voltava para a redação sem fotos – chamado de bonecos – dos personagens – faça até demissão! O fotógrafo sempre é mais usado em áreas críticas. O repórter era responsável pelo companheiro, pela segurança física e material – máquina, flash, lentes filmes... E, claro, pelas fotos já feitas e pelo equipamento. Incrível! Hoje é diferente... Já surripiei até filmes de perícia criminal. Era o tempo do jornalismo irresponsável, boêmio, até quase romântico. *A Polícia ficava em segundo plano. Nós tínhamos mais recursos e tesão para investigar*.¹²⁶ [Grifos meus].

Em relação ao estilo da escrita noticiosa policial do *Última Hora* discutida por Pinheiro Júnior, Renato Pires e Samuel Wainer, podemos pontuar que existem paralelos com o jornalismo policial praticado por outros jornais anteriormente. Segundo as autoras Marialva Barbosa e Ana Lúcia Silva Enne, nos anos 1920, assim se desenvolviam as narrativas das notícias policiais:

Envolvendo crimes, desastres, roubos, incêndios, enfim, as tragédias diárias transportam para os textos um Rio de Janeiro construído de lugares existentes e personagens perfeitamente identificáveis. A sociedade parece de tal forma contida nessas narrativas que o leitor tem a impressão de ser partícipe daquela realidade. Compondo o texto a partir de um mundo, o repórter gera um novo mundo no qual

¹²⁵ ERNESTO, Luarlindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

¹²⁶ ERNESTO, Luarlindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.

mescla realismo e romance, uma vez que a estrutura narrativa lembra a dos romances folhetins, ainda que os personagens sejam retirados da realidade.¹²⁷

Portanto, assim como o que foi dito por estes ex-jornalistas do *Última Hora*, os aspectos sensoriais funcionavam como mecanismos enunciativos que almejavam despertar o interesse dos leitores. Com isso, o jornalismo policial trabalhava a partir de um desafio: explorar os elementos passionais sem abdicar da verossimilhança. As informações sobre o que ocorreu se fazem presente na notícia e, a partir delas, o texto se direciona para a formatação de um enredo.¹²⁸

Assim, os aspectos editoriais das notícias policiais citados pelos ex-jornalistas do *Última Hora* para explicar o sucesso do jornal podem ser compreendidos como reelaborações de práticas jornalísticas desenvolvidas anteriormente por outros veículos jornalísticos. Cada qual, evidentemente, de acordo com seus objetivos específicos. O que se apreende dos relatos memorialísticos é a tentativa de se formatar uma relação de causalidade para o fato de *Última Hora* explorar o jornalismo policial, editoria considerada como menos digna pelos profissionais que trabalharam no campo durante os anos cinquenta.

Esse conjunto de relatos possui uma característica que os atravessa, uma imagem cristalizada sobre o jornalismo policial que oscila entre a admiração aos colegas que trabalhavam escrevendo notícias policiais e a aversão ao gênero. Esse lado negativo do jornalismo policial, exposto pelos ex-jornalistas, teria sido “superado” através da qualidade dos repórteres policiais do *Última Hora* que tinham um estilo narrativo que os diferenciava dos o jornal de seus concorrentes. Assim, esses relatos possuem traços de uma identidade de grupo que almejava colocar o jornalismo policial do *Última Hora* em um patamar diferente dos demais.

À época, esses jornalistas cobriam ações do Departamento Federal de Segurança Pública, a polícia civil do Rio de Janeiro. No ano de criação do jornal, o governo anunciou sua intenção de reformar o DFSP, assunto que repercutiu na imprensa carioca. E, entre 1951-53, o

¹²⁷ BARBOSA, Marialva. ENNE, Ana Lúcia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional.** ECO-PÓS, v. 08, n. 02, agosto-dezembro 2005. P. 67-87. P. 70.

¹²⁸ As autoras utilizam como exemplo as matérias escritas por Nelson Rodrigues. Uma destas relatava um incêndio ocorrido no Rio de Janeiro que não vitimou ninguém. Porém, Rodrigues incrementou a narrativa com o suplício de um pássaro fictício que supostamente cantava enquanto as chamas destruíam sua moradia. BARBOSA, Marialva. ENNE, Ana Lúcia Silva. Op. Cit. 2005.

Última Hora direcionou seu noticiário policial para as dificuldades, necessidades e desejos dos policiais para com a reforma do DFSP.

1.4. As matérias do *Última Hora* sobre a reforma policial (1951-53)

O tema da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública começou a ser pauta de notícias na imprensa carioca no mês de fevereiro de 1951. Os jornais da cidade publicaram matérias afirmando que a diretoria da instituição policial estava estudando o assunto e contava com o apoio do presidente Getúlio Vargas.¹²⁹

Com isso, a reforma do DFSP se tornou objeto de textos jornalísticos opinativos. Em 18 de abril de 1951, o jornal *Tribuna da Imprensa* utilizou uma fonte desconhecida para noticiar que os cofres públicos não suportariam uma reestruturação da polícia.¹³⁰ Por outro lado, *O Jornal* publicou um editorial em 20 de maio de 1951 defendendo que a reforma seria o maior feito possível de ser realizado pelo governo Vargas.¹³¹

Até então, Samuel Wainer ainda não havia criado o jornal *Última Hora*, que teve sua primeira edição publicada em 12 de junho de 1951.¹³² Três meses depois, em 09 de outubro, o periódico de Wainer se envolveu nos debates jornalísticos sobre a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública ao noticiar que o projeto não havia sido concluído pela comissão policial:

Ao contrário do que foi noticiado, a reforma do DFSP ainda não está definitivamente concluída e muito menos foi entregue ao presidente da república. A comissão incumbida de proceder aos estudos, composta dos srs. Martins Alonso e Demócrito de Almeida, sob presidência do sr. Cézar Garcez, sexta-feira última, encerrou sua tarefa, apresentando ao chefe de Polícia um esquema, contendo sugestões sobre a nova organização do nosso aparelho de segurança.¹³³

¹²⁹ Em entrevista concedida a Agência Meridional, instituição noticiosa de Assis Chateaubriand, o coronel João Cabanas declarou que: “A polícia do Rio tem hoje o mais dinâmico e capaz chefe destes últimos tempos. E poderá portanto sofrer uma das mais radicais modificações, adaptando-se aos sistemas de policiamento preventivo, dos países modernos.” O militar trabalhava como assistente do então chefe de polícia, general do Exército Ciro Riopardense de Resende. DIÁRIO DA NOITE, Rio de Janeiro. Ano: XXII. Edição: 4988. 23 de fevereiro de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/221961_03/9231 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.

¹³⁰ O jornal de Carlos Lacerda apenas afirmou que sua fonte era “[...] um dos membros da Comissão de Reestruturação do Departamento Federal de Segurança Pública.” TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0397. 18 de abril de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/4574 Acesso em: 30/09/2019. P. 02.

¹³¹ O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9257. 20 de maio de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/7242 Acesso em: 02/10/2019. P. 04.

¹³² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0001. 12 de junho de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/1> Acesso em: 02/10/2019. P. 01.

¹³³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0102. 09 de outubro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/2946> Acesso em: 02/10/2019. P. 05.

Os nomes citados por *Última Hora* eram de autoridades do DFSP. Demócrito de Almeida trabalhava como corregedor de polícia. Todos os outros, Garcez e Martins Alonso eram diretores de divisões policiais.¹³⁴

É razoável supor que esta notícia foi uma resposta do *Última Hora* ao noticiário publicado por um de seus concorrentes, o *Diário Carioca*, nos dias 03, 04 e 05 de outubro de 1951. Na edição n° 7136 (03/10/51), o jornal de José Eduardo Macedo Soares afirmou que o projeto estava pronto e prestes a ser entregue ao presidente Vargas.¹³⁵ No dia seguinte, o *Diário Carioca* reafirmou o encaminhamento e noticiou que a reforma já desagradava aos investigadores do DFSP por não prever um novo salário para a classe.¹³⁶ Em 05 de outubro, o *Diário Carioca* estampou como manchete de primeira página uma lista dos ordenados que seriam propostos no projeto de reforma policial.¹³⁷

Assim, quatro dias após o *Diário Carioca* expor em notícias e manchete o suposto descontentamento dos investigadores, *Última Hora* foi em defesa dos reformistas, almejando desmentir seu concorrente jornalístico. Apesar de não citar o *Diário Carioca* no texto, o *Última Hora* iniciou a notícia explicando os motivos que o levavam a publicar uma matéria sobre a reforma do DFSP que, segundo o jornal, continuava em discussão na chefia de polícia.¹³⁸

A busca por informações sobre a tramitação da reforma do DFSP feita por *Última Hora* se mostrou mais acertada do que a do *Diário Carioca*. No início do ano subsequente, 1952, o presidente Getúlio Vargas enviou ao Congresso Nacional uma mensagem apresentando quais seriam os objetivos do governo naquele corrente. Na carta, Vargas garantiu aos deputados que o Ministério da Justiça e a chefia do DFSP retomariam os estudos para finalizar o projeto de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública.¹³⁹

¹³⁴ O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9475. 17 de março de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/6091 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.

¹³⁵ DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7136. 03 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/10882 Acesso em: 10/10/2019. P. 12.

¹³⁶ DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7137. 04 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/10894 Acesso em: 10/10/2019. P. 12.

¹³⁷ DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7138. 05 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/10895 Acesso em: 10/10/2019. P. 01.

¹³⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0102. 09 de outubro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/2946> Acesso em: 02/10/2019. P. 05.

¹³⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro. Ano: XXII. Edição: 9013. 16 de março de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093718_03/15405 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.

Naquele ano, o jornal *Última Hora* se envolveu em debates sobre direitos e deveres dos policiais do DFSP. Em 11 de fevereiro de 1952, a edição nº 205 do periódico noticiava o apelo dos agentes portuários para que fossem incluídos na reforma. De acordo com *Última Hora*, eles possuíam carteiras funcionais, eram punidos de acordo com o regimento do DFSP, mas eram pagos pela associação dos mercadores portuários.¹⁴⁰

Poucos dias depois, em 15 de fevereiro de 1952, o *Última Hora* publicou uma entrevista feita com um agente da Polícia Especial, subdivisão do Departamento Federal de Segurança Pública.¹⁴¹ No primeiro parágrafo da notícia, o *Última Hora* informou que no mês anterior os policiais especiais haviam redigido um memorial para a chefia de polícia reivindicando a fusão de sua corporação à Rádio Patrulha.¹⁴²

De acordo com o entrevistado haviam dinâmicas de trabalho coordenadas entre as duas divisões, realidade que justificaria a proposta de fusão:

Oculto meu nome para fugir às penalidades, posto que constitui para nós indisciplina falar a reportagem sobre o assunto em questão – principiou o P.E. – Mas a verdade é que visamos apenas melhoria de situação, não só para o presente como para o futuro. Quando atingimos a Letra K, damos por terminada nossa carreira percebendo quatro mil cruzeiros. Muitos colegas já estão envelhecidos e no fim da carreira. Não podem abandoná-la para abraçar outra profissão que nos proporcione melhores vencimentos e por tal razão, pleiteamos junto ao senhor chefe de Polícia o nosso aproveitamento em outras funções dentro do Departamento Federal de Segurança Pública, e, para tanto, bastava fundir a P.E. a Rádio Patrulha, uma vez que esta contará, segundo prevê a reforma, com efetivo de oitocentos homens. Além do mais, a R.P. está sediada aqui no nosso quartel e todos os seus carros contam com um colega nosso. Como vê, estamos estreitamente ligados, funcionalmente.¹⁴³

Apesar de dar publicidade a demanda dos policiais especiais, a formatação da notícia indica que o *Última Hora* intencionava defender a posição contrária à fusão entre Polícia Especial e Rádio Patrulha manifestada pelo general Ciro Riopardense de Resende. No título,

¹⁴⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 205. 11 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/5960> Acesso em: 01/10/2019. P. 06.

¹⁴¹ A fundação da Polícia Especial se insere no contexto de ascensão de Getúlio Vargas ao poder durante os anos 1930. Teoricamente, seria uma unidade de elite. A Polícia Especial atuaria em distúrbios públicos, manifestações políticas e escoltas motorizadas. Além disso, seus agentes eram treinados para operar metralhadoras, armamento de alto poder destrutivo. O primeiro efetivo da Polícia Especial contava com duzentos agentes, selecionados entre policiais civis, militares e atletas dos clubes desportivos do Rio de Janeiro. Sobre a Polícia Especial, ver: PACHECO, Thiago. **Da Polícia Especial até o BOPE e a CORE: as polícias do Rio de Janeiro e o desenvolvimento de suas unidades de elite.** Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, nº 3, novembro de 2013. P. 119.

¹⁴² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

¹⁴³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

em caixa alta, o jornal destacou uma adaptação de uma das frases ditas pelo chefe de polícia: “POLÍCIA DE CHOQUE É IMPRESCINDÍVEL.” No texto, *UH* primeiro apresentou as considerações de Resende sobre o assunto para depois redigir as palavras do policial.¹⁴⁴

Segundo o chefe de polícia:

- Nesse momento nada posso falar a respeito do assunto. Para fazê-lo teria que estudar minuciosamente o memorial em questão. Todavia antes de mais nada digo que sou favorável a existência da Polícia Especial e não penso em extingui-la ou transformá-la. Penso, sim, em aparelhá-la, melhorá-la cada vez mais, o que está previsto na reforma. Uma polícia de choque é indispensável.

Respondendo a outra pergunta do repórter, o general Ciro de Resende prossegue:

- O memorial não passa de uma tolice. Alguns elementos da Polícia Especial, porque estão velhos, acham que a corporação a que servem deve acabar também. Quanto ao resto, já está previsto na reforma da polícia.¹⁴⁵

Somente após garantir em título a importância da Polícia Especial e a opinião de Resende o jornal citou o agente que defendia a fusão das subdivisões. E, além disso, o *Última Hora* se eximiu de comentar os argumentos do policial.¹⁴⁶

Em 04 de abril de 1952, um colunista do *Última Hora*, assinado sob o pseudônimo de Topazé, defendeu o chefe de polícia quando este supostamente se negou a apoiar uma greve intencionada pelos comissários do Departamento Federal de Segurança Pública. Os policiais se queixavam das punições que sofriam após serem processados na justiça por denúncias de violências e arbitrariedades.¹⁴⁷

Para o jornalista do *Última Hora*, a cidade já enfrentava problemas urbanos demais para ter que lidar com uma crise em seu sistema de segurança:

Só nos faltava essa agora. Depois do desastre da Central, da endêmica falta d'água, dos envenenamentos nos restaurantes, do Brigue da Alegria e dos débeis mentais que dirigem lotações e ônibus, só nos faltava mesmo uma greve de comissários de polícia. [...].

Procedeu muito bem o sr. Chefe de Polícia que se recusou em boa hora a dar seu apoio à greve inoportuna e injusta. Esperemos que o general Ciro de Resende aproveite a ocasião excelente para efetuar uma reforma nos quadros da polícia, antes que certos

¹⁴⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

¹⁴⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

¹⁴⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

¹⁴⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0247. 04 de abril de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/7045> Acesso em: 12/09/2019. P. 04.

elementos da oposição sistemática passem a dizer que o sr. Getúlio Vargas espanca presos na delegacia ou deixa de espancar.¹⁴⁸

Ainda nesta coluna, Topazé acusou outros jornais de atuarem como agitadores. De acordo com o jornalista, os concorrentes de *Última Hora* usavam casos de violências policiais para publicar notícias críticas ao governo Vargas. Para Topazé, o Departamento Federal de Segurança Pública era um problema anterior ao então presidente.¹⁴⁹

Entretanto, as palavras do colunista do *Última Hora* ignoravam o fato de que a história do DFSP se entrelaçava com a trajetória política de Getúlio Vargas. Em 1944, o regime autoritário do Estado Novo gestou e, posteriormente, implementou uma reforma policial que deu origem ao DFSP. Naquele contexto, as autoridades envolvidas no projeto entendiam que havia uma necessidade por uma polícia mais eficiente em matéria de controle político das dissidências contra Vargas.¹⁵⁰ Assim sendo, quando assumiu a presidência, Vargas herdava a polícia que seu governo anterior havia criado.

E os jornais cariocas vinham questionando quando a reforma significaria uma nova polícia para o Rio de Janeiro. Ainda em abril de 1952, o *Jornal do Brasil*¹⁵¹ e *O Jornal*¹⁵² repercutiram em suas respectivas páginas sobre política nacional o discurso do deputado petebista Frota Aguiar¹⁵³ sobre o andamento da reforma. O parlamentar solicitou a mesa diretora da Câmara que encaminhasse seu requerimento ao ministério da justiça por esclarecimentos em relação à reforma:

Requeiro, na forma regimental, por intermédio do sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores, do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), as seguintes informações:

¹⁴⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0247. 04 de abril de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/7045> Acesso em: 12/09/2019. P. 04.

¹⁴⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0247. 04 de abril de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/7045> Acesso em: 12/09/2019. P. 04.

¹⁵⁰ ARAÚJO, Paulo Roberto de. DUARTE, Leia Menezes. **A contradita: Polícia Política e comunismo no Brasil: 1945-1964**. Op. Cit. 2013. P. 27.

¹⁵¹ JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro. Ano: LVII. Edição: 0088. 16 de abril de 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/18989 Acesso em: 10/10/2019. P. 09.

¹⁵² O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9802. 16 de abril de 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/13592 Acesso em: 10/10/2019. P. 09.

¹⁵³ Apesar de ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro, legenda de Vargas, Frota Aguiar não figurou como um dos trabalhistas alinhados ao presidente. Quando questionou o DASP, em 1952, ainda atuava em nome do PTB. Porém, no ano seguinte, ao dirigir os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o jornal *Última Hora*, Frota Aguiar abandonou o partido para reforçar a oposição da UDN a Getúlio Vargas. Cf. ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/anesio-frota-aguiar> Acesso em: 03/01/2020.

- A) – Em que pé se encontra o estudo do anteprojeto de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública?
- B) – Não obstante já se achar o referido anteprojeto há muito tempo nesse Departamento, qual o prazo ainda julgado necessário para a devolução do mesmo ao Ministério da Justiça, com o respectivo parecer?
- C) – Quais os motivos determinantes da estranhável e inconcebível demora desse estudo, quando estão em jogo os interesses da segurança pública e da ordem social, notoriamente conhecidos que imperativamente demonstrem ser imprescindível e urgente a reforma do aparelhamento policial?¹⁵⁴

Em 10 de junho de 1952, o *Última Hora* noticiou a resposta do Departamento de Administração do Serviço Público ao pedido de Frota Aguiar. No título da matéria, o jornal destacou em letras garrafais: “REFORMA RADICAL NA POLÍCIA CIVIL” e, no lide, declarou que o DASP estava cumprindo ordens do presidente em elaborar uma “substancial reforma na estrutura, nos métodos de trabalho e no quadro de pessoal do DFSP”.¹⁵⁵

O *Última Hora* reproduziu a nota do DASP sobre o projeto acompanhada por um comentário do jornal em relação aos trabalhos do órgão:

Os estudos, que se processam com rapidez, pelo DASP, estão sendo feitos sobre um anteprojeto elaborado pelo Ministério da Justiça, visando reaparelhar a nossa polícia civil, técnica e funcionalmente, capacitando-a a desempenhar melhor suas altas finalidades.

Os diversos departamentos de nossa polícia, desde as delegacias especializadas até os serviços auxiliares como rádio patrulha, etc., sofrerão uma radical reforma, de acordo com o anteprojeto.¹⁵⁶

Meses depois, em 18 de setembro de 1952, o *Última Hora* noticiou um evento entre estudantes e o general Resende organizado pela Frente Trabalhista Brasileira, dissidência política do Partido Trabalhista Brasileiro.¹⁵⁷ O tema da mesa redonda era a violência que assolava o bairro de Copacabana. Segundo *Última Hora*, os estudantes estavam preocupados com a degradação do bairro boêmio e turístico do Rio de Janeiro. Com isso, acima da manchete

¹⁵⁴ JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro. Ano: LVII. Edição: 0088. 16 de abril de 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/18989 Acesso em: 10/10/2019. P. 09.

¹⁵⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0304. 10 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/8359> Acesso em: 10/10/2019. P. 10.

¹⁵⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0304. 10 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/8359> Acesso em: 10/10/2019. P. 10.

¹⁵⁷ Cf. ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-tematico/frente-trabalhista-nacional> Acesso em: 03/01/2020.

“Os moços querem salvar a vida de Copacabana!” o jornal incluiu a frase “A imoralidade pode matar o mais lindo dos bairros.”¹⁵⁸

Abaixo do lide, o *Última Hora* iniciou a notícia relativizando a seriedade das manifestações dos estudantes. De acordo com o jornal:

Os jovens, em manifestações próprias da idade, não usaram meios-terminos para denunciar a ineficiência de nosso aparelho policial, acusando-o como um dos responsáveis pela corrupção de costumes não somente em Copacabana mas em todo o Distrito Federal. Falaram de suborno, espancamento e tudo o que tinham visto ou ouvido comentar. Houve um orador que fez ver que para moralizar o povo havia necessidade de cuidar primeiro da moralização da polícia.

Salientando o perigo que Copacabana representa para a sociedade, um universitário paulista comentou que a fama de perdição nesse bairro cresceu tanto que já não constitui problema local, mas do país inteiro. A mocidade de todos os Estados, levada pela propaganda de que esse belo logradouro do Rio é o “bairro do pecado” onde o prazer da carne não tem limites, se deixa contaminar pela voluptuosidade. Dessa maneira, Copacabana se tornou um foco de irradiação do mal, cujos raios se projetam com tal poder de ação que se refletem em qualquer ponto do Brasil.

A influência é nefasta porquanto, se nos lugares pequenos o ambiente não permite seguir em todo o esplendor o que nela se faz, a vontade fica no indivíduo, dando-lhe o desejo ardente de conhecer o que entre nós se transformou em “meca do prazer”.¹⁵⁹

Há um perfil conservador nas palavras do estudante. As pessoas eram vítimas instigadas por Copacabana e não responsáveis por seus atos. Assim, a polícia foi entendida como a instituição que deveria ser capaz de reprimir essa “voluptuosidade” do bairro, ou seja, as boates, bares e a prostituição. Complementando a ideia de que a suposta exacerbação dos estudantes era um reflexo da idade, o *Última Hora* pontuou que o general Resende havia acalmado todos:

Mostrando a complexidade do problema para a escolha de seus auxiliares, o General Ciro Resende informou que já estava sendo feita a reforma na polícia. Várias providências foram tomadas e, a partir de janeiro não entrará de serviço nenhum policial que não seja por intermédio da Escola de Polícia.

Respondendo uma a uma as perguntas dos estudantes, o Chefe de Polícia atendeu a todos com serenidade procurando convencer os jovens de que os problemas não eram de nenhum em particular mas de todos os brasileiros.

Foi tal a demonstração de sinceridade do Chefe de Polícia argumentando todos os assuntos que lhe apresentavam que os estudantes se sentiram satisfeitos.¹⁶⁰

Assim, entre 1951 e 1952, o *Última Hora* se propôs a dar visibilidade para as demandas dos policiais em relação ao projeto de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública.

¹⁵⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0390. 18 de setembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/9780> Acesso em: 02/10/2019. P. 06.

¹⁵⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0390. 18 de setembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/9780> Acesso em: 02/10/2019. P. 06.

¹⁶⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0390. 18 de setembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/9780> Acesso em: 02/10/2019. P. 06.

Todavia, esse apoio tinha limites bem delimitados. Quando as queixas dos policiais iam na contramão do que o general Ciro de Resende defendia, o *Última Hora* se aproximava da autoridade governista, à revelia dos policiais da baixa hierarquia do DFSP.

Essa postura editorial também se observa nas notícias que o *Última Hora* publicou sobre a tramitação da reforma policial. Nesse biênio, o periódico de Samuel Wainer respondeu as críticas sobre a demora na apresentação do projeto e também contradisse jornais como o *Diário Carioca*, quando este estabeleceu um prazo para o encaminhamento da matéria ao Congresso Nacional. E, de fato, a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública não saiu da esfera governamental em 1952.

Em 10 de junho de 1953, o *Última Hora* inseriu o assunto reformista na coluna “O dia do presidente”. De acordo com Samuel Wainer, a coluna escrita por Luís Costa resumia os atos políticos diários de Getúlio Vargas.¹⁶¹ Com isso, o colunista noticiou que o projeto estava pronto e seria enviado ao parlamento brasileiro:

Dentro de mais alguns dias, possivelmente no começo da próxima semana, será enviada pelo presidente Vargas ao Congresso Nacional a mensagem que acompanha o plano de reforma geral do Departamento Federal de Segurança Pública, elaborado pelo Ministério da Justiça, depois de demorados estudos em todos os órgãos diretamente interessados.

A reestruturação de nosso organismo policial é uma velha aspiração da classe e uma necessidade que o progresso e as novas condições sociais, econômicas e políticas do país impõem como inadiável.¹⁶²

Nas edições n° 646¹⁶³ e 647¹⁶⁴ do *UH*, 22 e 23 de julho de 1953, Luís Costa voltou a garantir aos leitores do jornal que Vargas estava prestes a mandar o projeto para aprovação dos deputados. Porém, as previsões do colunista não se concretizaram. Segundo o Diário Oficial do

¹⁶¹ Segundo Wainer: “Eu resolvera colocar ao lado de Getúlio, durante o dia inteiro, o jornalista Luís Costa, um dos meus mais importantes redatores. Os leitores imediatamente compreenderam que aquela era a única janela disponível para a contemplação do cotidiano de Getúlio, já que todos os outros jornais haviam aderido à conspiração do silêncio. Graças a “O dia do presidente”, aliás, o cerco foi rompido: fustigada pelos sucessivos furos obtidos pela *Última Hora* no Palácio do Catete, a grande imprensa teve de render-se à evidência de que não lhe seria possível seguir ignorando a figura de Getúlio Vargas”. O “silêncio” da imprensa citado por Wainer diz respeito a percepção que o jornalista tinha da oposição que seus concorrentes faziam ao governo, se negando a divulgar seus atos. WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 141.

¹⁶² *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0610. 10 de junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14149> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.

¹⁶³ *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0646. 22 de julho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14772> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.

¹⁶⁴ *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0647. 23 de julho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14794> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.

Congresso Nacional, a mensagem presidencial que apresentava a reforma foi datada de 27 de maio de 1954, quase um ano após as notícias publicadas pelo jornal *Última Hora*.¹⁶⁵

Podemos supor que essa dissonância entre o jornal e o governo em 1953 foi um reflexo da investigação parlamentar de inquérito sobre os financiamentos públicos ao *Última Hora*, assunto amplamente noticiado pela imprensa que acusava Getúlio Vargas de favorecer Samuel Wainer. Segundo o proprietário do *Última Hora*, foi neste momento que teve fim seu livre trânsito pelas dependências do Palácio do Catete.¹⁶⁶

Em síntese, entre 1951-53, o *Última Hora* concordava com a necessidade de uma reforma no Departamento Federal de Segurança Pública. Porém, naquele contexto, os policiais eram mais vítimas do que algozes nas páginas do jornal. Os agentes foram noticiados como trabalhadores que sofriam diariamente com as condições de trabalho e remunerações. Com a agressão ao repórter Nestor Moreira, o *Última Hora* propôs outro noticiário, onde os policiais são sistematicamente caracterizados como agentes nocivos que precisavam ser reeducados e punidos por uma reforma policial. Além disso, cumpre ressaltar que a proposição reformista precedeu – em muito – o crime e a campanha empreendida pelo jornal *Última Hora* entre os meses de maio e junho de 1954.

¹⁶⁵ BRASIL. Congresso. Câmara dos deputados. Mensagem presidencial nº 208 de 27 de maio de 1954. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, Câmara dos Deputados, DF, Seção 1 – 04/06/1954. Página: 3491 a 3503. P. 3498.

¹⁶⁶ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 143.

CAPÍTULO II

Discursos de crise: construindo o Departamento Federal de Segurança Pública como um problema social

2.1. O crime do 2º Distrito Policial

Copacabana foi um bairro projetado no início do século XX para receber a elite econômica do Rio de Janeiro. Os empresários que investiram no desenvolvimento da região buscaram difundir uma identidade para Copacabana por meio da propaganda. Aquele bairro era capaz de atender as necessidades das famílias mais abastadas da cidade.¹⁶⁷ Gradativamente, o empreendimento imobiliário obteve êxito em atrair moradores para Copacabana. Entre as décadas de quarenta e cinquenta, o número de residentes aumentou exponencialmente – cerca de 70% - graças aos prédios de apartamentos para aluguel ou compra.¹⁶⁸

À revelia do que foi irradiado pelos especuladores imobiliários, a identidade do bairro foi se alterando com o crescimento populacional. Bares e boates ofereciam diversão aos moradores e frequentadores de Copacabana: a região se tornou referência da boemia carioca. Paralelamente, houve também o aumento da criminalidade: assaltos, homicídios, prostituição e tráfico de entorpecentes. Fatores que causavam queixas dos moradores¹⁶⁹ e dos estudantes que se preocupavam com a “meca do pecado”.¹⁷⁰

Apesar das reclamações, Copacabana continuou sendo um local boêmio da cidade, destino daqueles que almejavam diversão. Segundo o noticiário do jornal *Última Hora*, o repórter policial Nestor Moreira decidiu ir a uma das casas de diversão de Copacabana na noite do dia 12 de maio de 1954, após seu expediente na redação de *A Noite*. Moreira utilizou um táxi – à época conhecido como carro de aluguel – e pediu para que o motorista o deixasse na boate Drink Bar.¹⁷¹

¹⁶⁷ AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: a Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral de Copacabana**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF, Dissertação de mestrado, 2012. P. 31.

¹⁶⁸ AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: a Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral de Copacabana**. Op. Cit. 2012. P. 53.

¹⁶⁹ AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: a Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral de Copacabana**. Op. Cit. 2012. P. 60.

¹⁷⁰ Cf. Capítulo 1.

¹⁷¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

Horas depois, ao sair do Drink Bar, Nestor Moreira foi interpelado pelo motorista do táxi Hermenegildo Alves Vizeu que o havia servido. O trabalhador teria ponderado que não havia sido pago pelo repórter policial. A contenda entre os dois homens foi interrompida por um guarda civil que patrulhava a região. O agente decidiu resolver a questão no 2º Distrito Policial, situado na Rua Hilário Gouveia, também em Copacabana. Tanto a repartição quanto o guarda eram partes integrantes do Departamento Federal de Segurança Pública.

Era madrugada quando Moreira, Vizeu e o guarda chegaram ao 2º Distrito. O plantão estava a cargo do comissário Gilberto Alves Siqueira, o qual dormia no momento. Outro guarda civil, chamado Paulo Ribeiro Peixoto, estava acordado e assumiu a ocorrência do repórter e do motorista. O jornalista argumentou que não possuía dinheiro para saldar a dívida. Com isso, Peixoto ordenou que lhe entregasse seus pertences, pois iria prendê-lo no xadrez do 2º Distrito. Esse processo acabou por dar início a uma nova confusão. Desta vez, Moreira e Peixoto foram os personagens do desentendimento.¹⁷²

Nestor Moreira acusou o policial de furtar uma nota de mil cruzeiros que possuía. O guarda Peixoto replicou a queixa com violência. Moreira foi derrubado ao chão e, após a queda, socos e chutas foram desferidos em seu corpo. A interferência do comissário de dia pôs fim a agressão. A vítima nem mesmo chegou a ser recolhida ao xadrez do 2º Distrito Policial. O comissário Siqueira pagou a dívida de Cr\$ 75,00 cobrada por Vizeu e ordenou que Nestor Moreira fosse para casa. Os protestos do jornalista em função da surra que havia levado foram ignorados pelo agente.¹⁷³

O *Última Hora* entrevistou a esposa de Nestor Moreira. Segundo Antonieta Moreira, seu marido havia reclamado que sentia dores no corpo. Na manhã seguinte, quando saiu para trabalhar, Antonieta disse ao jornal que pediu ao seu filho que cuidasse do pai. Nestor Moreira nem mesmo conseguiu cumprir seu plantão em *A Noite* naquele dia. Como a vítima continuava a se queixar, a família decidiu encaminhá-lo para o hospital Miguel Couto. A equipe médica diagnosticou a gravidade das sequelas dos golpes desferidos pelo guarda Paulo Peixoto. O repórter terminou por ser internado e seu quadro de saúde foi considerado grave.¹⁷⁴

¹⁷² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

¹⁷³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

¹⁷⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

Há mais de vinte anos Nestor Moreira trabalhava como repórter policial no Rio de Janeiro. Começou no jornalismo ainda jovem, no periódico *A Noite*. Com a vitória de Getúlio Vargas, o jornal havia sido novamente incorporado ao patrimônio da União, fator que tornava *A Noite* um veículo do governo.¹⁷⁵ De acordo com Wainer, Moreira também havia sido repórter policial para *Última Hora* em algum momento entre 1951-54.¹⁷⁶

Segundo o jornal de Wainer, Moreira era um jornalista policial experiente¹⁷⁷ e fora agredido por guarda civil no distrito do bairro que contrastava crime, boemia e riqueza. Seu agressor era um funcionário do baixo escalão do Departamento Federal de Segurança Pública. Todavia, a instituição estava subordinada a autoridade máxima do Executivo: Getúlio Vargas.¹⁷⁸

A repercussão em *A Noite* seria uma preocupação menor para o governo. Como era um veículo estatizado, Vargas poderia limitar a denúncia do crime nas páginas do jornal. Porém, havia outros jornais que faziam oposição, muito em função do favorecimento dado a Samuel Wainer/*Última Hora* durante 1951-53.¹⁷⁹

E, de fato, como sugerem as manchetes de primeira página dos jornais, foi o que ocorreu:

Beleguins da polícia agredem o repórter dentro da delegacia.¹⁸⁰
MASSACRADO O JORNALISTA POR DOIS GUARDAS CIVIS.¹⁸¹
Espancado brutalmente o jornalista no 2º Distrito.¹⁸²
A POLÍCIA DO 2º DISTRITO ESPANCOU UM JORNALISTA.¹⁸³
ESPANCADO PELOS GUARDAS DO 2º DP.¹⁸⁴

¹⁷⁵ Cf. Marieta de Moraes FERREIRA. *A Noite*. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a> Acesso em: 04/01/2020.

¹⁷⁶ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 180.

¹⁷⁷ *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

¹⁷⁸ ARAÚJO, Paulo Roberto de. DUARTE, Leia Menezes. **A contradição: Polícia Política e comunismo no Brasil: 1945-1964**. Op. Cit. 2013.

¹⁷⁹ Cf. Capítulo 1.

¹⁸⁰ *DIÁRIO CARIOCA*, Rio de Janeiro. Ano: XXVI. Edição: 7297. 12 de maio de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/23608 Acesso em: 31/10/2019. P. 08.

¹⁸¹ *DIÁRIO DA NOITE*, Rio de Janeiro. Ano: Ano: XXVI. Edição: 5777. 12 de maio de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/221961_03/33820 Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

¹⁸² *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, Rio de Janeiro. Ano: Ano: XXIV. Edição: 9667. 12 de maio de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/32280 Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

¹⁸³ *JORNAL DO BRASIL*, Rio de Janeiro. Ano: Ano: LXIV. Edição: 0107. 12 de maio de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/40206 Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

¹⁸⁴ *O JORNAL*, Rio de Janeiro. Ano: Ano: XXXV. Edição: 10328. 12 de maio de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/28500 Acesso em: 31/10/2019. P. 09.

A Polícia espancou o repórter.¹⁸⁵

Onze dias depois da agressão no 2º Distrito, Nestor Moreira faleceu no leito do hospital. Nesse período, seus colegas de profissão produziram uma quantidade expressiva de matérias sobre o que havia ocorrida naquela noite em Copacabana.¹⁸⁶ O enterro do repórter policial mobilizou milhares de pessoas. Em procissão pelo Centro do Rio de Janeiro, os enlutados velaram o corpo até o cemitério São João Batista.

Segundo Samuel Wainer:

Tão logo começou a correr a notícia de sua morte, os inimigos de Getúlio lançaram-se à tentativa de transformar o fato numa questão política que complicasse o governo. Nestor Moreira teve um enterro com o qual jamais sonhara. Seu corpo foi levado para a Câmara Municipal, o povo desfilou ao lado do esquife.¹⁸⁷

Nas notícias do *Última Hora*, o crime foi tratado como um ataque direto ao trabalho da imprensa.¹⁸⁸ Porém, em alguns dos relatos memorialísticos, os ex-jornalistas expuseram outras considerações sobre o caso. A história de Nestor Moreira foi contada por Samuel Wainer por se relacionar com um dos episódios de sua luta contra Carlos Lacerda. De acordo com o proprietário do *Última Hora*, foi no enterro que teve a ideia de publicar um editorial adjetivando o adversário de “corvo”. Assim, o que mais importava para Wainer era o conflito com Lacerda:

Trabalhava comigo um repórter policial chamado Nestor Moreira. Era, como tantos outros, um repórter sem maior brilho, que percorria o submundo das delegacia e depois telefonava para a redação transmitindo as ocorrências do dia. Num dia de 1954, Nestor Moreira teve um atrito com um policial, lotado numa delegacia de Copacabana, cujo apelido era “Coice de Mula”. [...] Jornalista, como sabemos, não pode sequer ser agredido, muito menos morrer [...]. Nesses momentos, explode o conhecido sentimento de solidariedade existente na imprensa brasileira, que já fabricou tantos mártires. Nestor Moreira seria um deles.¹⁸⁹

¹⁸⁵ TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro. Ano: XXVI. Edição: 1329. 12 de maio de 1954. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/15587 Acesso em: 31/10/2019. P. 01

¹⁸⁶ Uma busca pelo nome de Nestor Moreira em menções de jornais na década (1950-59) apresenta os seguintes resultados (limitados aos principais jornais do Rio de Janeiro): Diário de Notícias: 2859; Correio da Manhã: 2267; Jornal do Brasil: 1541; Diário Carioca: 1460; O Jornal: 1139; Diário da Noite: 803; Tribuna da Imprensa: 826; Última Hora: 393. Fonte: Hemeroteca Digital. http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Ddrummond_3431304960428.DocLstX&past a=ano%20195&pesq=Nestor%20Moreira Acesso em: 16/07/2019.

¹⁸⁷ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 180.

¹⁸⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

¹⁸⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 180.

Outros ex-jornalistas do *Última Hora* também falaram sobre a morte de Nestor Moreira. Em seus relatos, a vítima do 2º Distrito também foi definida como um jornalista de pouco prestígio na imprensa. O cartunista Lan e o redator Edmar Morel pontuaram que Moreira era conhecido por seu vício em bebidas alcoólicas. De acordo com Lan:

Aconteceu o seguinte: houve a morte do Nestor Moreira, repórter de A noite. Eu conheci Nestor Moreira, bebum, cara que aprontava sempre, ia pra delegacia, bom morreu, mataram numa delegacia, mataram não, pode ter tido, é uma dúvida grande até hoje, se ele teve um enfarte, caiu duro, mas atribuíram isso a polícia do Getúlio Vargas. Então, Carlos Lacerda imediatamente partiu, mas assim com tudo, em cima do Getúlio e em cima do Última Hora.¹⁹⁰

Já Morel falou sobre Moreira em duas passagens de seu livro de memórias. Na primeira, falando sobre os jornalistas de *A Noite*:

[...] e o Nestor Moreira, sendo que este último, dado ao seu permanente estado de embriaguez, não escrevia; entretanto era um bom tomador de notas. Seu brutal assassinato em 1954 por um policial consternou o Brasil e abalou o segundo governo Vargas, como veremos mais adiante.¹⁹¹

Posteriormente, sobre o dia do crime, Morel declarou que Moreira estava em “[...] seu natural estado de embriaguez”.¹⁹² De acordo com ex-jornalista do *Última Hora*, trabalhar na produção de notícias sobre a agressão não lhe interessava:

Quando eu estivera na delegacia para apurar a morte de Nestor Moreira (embora não fosse repórter de polícia), o que me impressionou fora a superlotação dos xadrezes. Contei ao Samuel e confessei do meu desinteresse pelo caso do Nestor Moreira, que ainda não havia falecido. Eu tinha um bom relacionamento com o então ministro da Justiça, Tancredo Neves, a quem pedi autorização para entrar em qualquer hora do dia ou da noite nos xadrezes de polícia. Tancredo concedeu a autorização.¹⁹³

Portanto, através dos relatos memorialísticos dos ex-jornalistas do *Última Hora*, se apreende que o crime contra o repórter Nestor Moreira foi um acontecimento que se subordinou a outros. Para Wainer e Lan, foi quando *Última Hora* difundiu a imagem de “corvo” do adversário Carlos Lacerda. No caso de Morel, seu envolvimento na cobertura do crime foi considerado como o momento que antecedeu a produção da notícia de maior importância para

¹⁹⁰ LAN. **Lan** (entrevista). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_35.pdf Acesso em: 29/03/2019. P. 16-17.

¹⁹¹ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 46.

¹⁹² MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 222.

¹⁹³ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 223-224.

o ex-jornalista: a superlotação prisional. Entrementes, Wainer considerou que o crime foi uma arma da oposição, mas não se alongou no próprio papel do *Última Hora* na construção de uma imagem de mártir para Moreira, o repórter policial que em vida foi “sem brilho” e “embriagado”. E, nas notícias do *Última Hora*, não figuram esses aspectos. Mas, sim, uma versão de Moreira como símbolo de profissionalismo e honestidade, vitimado pela arbitrariedade supostamente característica dos policiais do Departamento Federal de Segurança Pública. E as notícias policiais do jornal buscaram justiça para Nestor Moreira.

2.2. As notícias policiais do *Última Hora*: como se investiga um crime

Detentos, policiais e os envolvidos nos eventos daquela noite foram aqueles que testemunharam sobre o crime ocorrido no 2º Distrito. Não haviam jornalistas presentes no local. Os passos de Nestor Moreira e os fatos daquela madrugada foram mapeados pelos jornalistas policiais do jornal *Última Hora*.¹⁹⁴

A primeira notícia de *Última Hora* sobre o Caso Nestor Moreira foi veiculada no dia seguinte à agressão no 12 de maio de 1954. O repórter policial do periódico criou um enredo para noticiar o espancamento. O jornalista Moreira se tornou vítima no 2º Distrito Policial porque estava exercendo seu papel profissional.

*Nestor Moreira é um dos mais antigos e acatados repórteres policiais da imprensa carioca e desde a sua mocidade milita nos quadros do vespertino “A Noite”. Atualmente conta 45 anos de idade, sendo casado com D. Antonieta Moreira. Reside na Rua Nascimento Silva, 120, apt. 203. Na madrugada de ontem, a serviço de seu jornal, foi ao 2º Distrito Policial colher novos elementos jornalísticos sobre determinado crime. Ao adentrar foi provocado e insultado por vários guardas. Nestor Moreira repeliu os insultos com dignidade. E a essa altura viu-se inopinadamente atacado pelos guardas Claudionor Batista, Paulo Ribeiro Peixoto e José Gonçalves de Oliveira. Três contra um. Três bestas de músculos e instintos enrijecidos nas brutalidades cotidianas contra presos indefesos. Não havia uma oportunidade para o revide a altura. E a cena revoltante prosseguiu ante o sorriso do inepto Comissário, com Nestor Moreira atirado ao chão sob a saraivada bestial de patadas e bofetões, tentando inutilmente defender a cabeça, o estômago, as costas, da sanha covarde. Mesmo em gravíssimo estado, Nestor Moreira conseguiu livrar-se das bestas do 2º DP, encaminhando-se para a sua residência.*¹⁹⁵ [Grifos meus].

¹⁹⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

¹⁹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

Havia se passado menos de 24 horas desde a agressão. Neste curto período para apuração do caso, o setorista do *Última Hora* se valeu da construção de diálogos entre os personagens envolvidos, Nestor Moreira e os policiais do 2º DP. Na notícia, não há qualquer menção a fonte das informações redigidas. A não publicação desse aspecto pode ter sido motivada pela orientação editorial do periódico de preservar a fonte. Por outro lado, há a possibilidade de não haver informante algum.¹⁹⁶

O crime havia chegado ao conhecimento dos diversos jornais cariocas, como visto nas manchetes supracitadas. Todos noticiaram que policiais eram culpados pela agressão. A partir disso, é possível que o repórter policial de *Última Hora* tenha construído um enredo repleto de diálogos e causalidades seguindo as determinações de Samuel Wainer para humanizar e romancear a notícia.

De acordo com Edmar Morel, Nestor Moreira conhecia Samuel Wainer e simpatizava com o proprietário de *Última Hora*.¹⁹⁷ Em 1953, o repórter de *A Noite* foi um dos que se solidarizaram com Wainer quando este fora preso durante a investigação parlamentar sobre o periódico.¹⁹⁸

No fim da notícia, o repórter policial que escreveu sobre crime garantiu que Samuel Wainer e *Última Hora* concediam seu apoio a Nestor Moreira. O chefe da editoria policial, Augusto Donadel Jorge, ficou incumbido de se dirigir ao hospital Miguel Couto e expressar os votos da instituição.¹⁹⁹

Em 13 de maio, a página policial de *Última Hora* foi diagramada para dar espaço aos desdobramentos Caso Nestor Moreira. Em quatro colunas de texto, subdivido em dez tópicos, o jornal denunciou que o inquérito aberto pelo DFSP era uma farsa destinada a inocentar os acusados.²⁰⁰

A queixa se baseava nos depoimentos prestados pelos policiais do 2º Distrito. Segundo as declarações do comissário Siqueira, nenhuma agressão havia ocorrido durante o seu turno:

¹⁹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

¹⁹⁷ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 223.

¹⁹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0646. 22 de julho de 1953. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14777> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

¹⁹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

²⁰⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

Depois das 2,30 horas do dia 10 para 11, estava no andar superior da Delegacia, coligindo dados para o relatório sobre Luigi Alessandro Marchesi, um dos suspeitos no estrangulamento de René Aboab, quando chegou um vigilante municipal e me disse que, em baixo, havia um cidadão que não queria pagar o preço de uma corrida ao motorista de táxi. Eu disse ao guarda que a Polícia não cobrava dívidas de ninguém e que o mandasse embora. O vigilante retornou pouco depois, dizendo que o citado indivíduo se qualificava como jornalista e não tinha documentos. Pela descrição, conclui, imediatamente, que se tratava do Moreira, de “A Noite”. Essa fácil identificação decorreu de fato semelhante ocorrido há dois ou três meses passados, quando o jornalista Nestor Moreira, apresentado pelo Tenente Leal da Rádio Patrulha, por ter se negado a pagar despesa em certo café-concerto de Copacabana e resolvi na ocasião o caso amigavelmente, porque conheço o jornalista e sou seu amigo. Foi ele o primeiro repórter policial que conheci, quando servi no Distrito de Marechal Hermes. Com efeito, pedi para trazerem os protagonistas do incidente e, pouco depois, apareciam o guarda municipal, o motorista e o Moreira. Este abraçou-me: “Meu querido Gilberto, eu fui preso!” Procurei me inteirar do ocorrido e soube pelo motorista que o jornalista depois de “rodar” no táxi negara-se a pagar a despesa de 75 cruzeiros. Perguntei a Moreira por que ele não pagara e ele me respondeu que não tinha dinheiro. Em face disso, tirei a carteira e, pagando ao motorista, mandei que ele se retirasse. Saí com Moreira e descendo a escada fomos ter no andar térreo onde o Moreira, pondo-me a mão no ombro, gracejou com o guarda civil e o guarda municipal que ali se encontravam para num gesto sorrateiro oscular a minha face dizendo: “Meu querido Gilberto, eu lhe dei um beijo, você também tem de me beijar!” Sabendo que Moreira era dado àqueles arrebatamentos quando meio “tocado”, aconselhei-o a ir para casa e ele saiu caminhando normalmente, não sem antes gritar-me: “Gilberto amigo. Amanhã cedo voltarei para lhe pagar. Um grande abraço!”.²⁰¹

Segundo o repórter policial do *Última Hora*, foram realizados mais cinco depoimentos depois do comissário: escrevente Paulo de Carvalho, identificador José Vasquez Parreira, vigilante Celito Ferreira Quitete e dos guardas civis Paulo Ribeiro Peixoto e Claudionor Batista.²⁰²

As testemunhas falaram ao delegado titular do 2º Distrito na presença dos jornalistas. Nenhum deles admitiu que havia ocorrido um crime nas dependências policiais naquela madrugada. Supostamente, o repórter Moreira havia sido levado ao distrito por causa da dívida. Mas o episódio se resolvera sem o emprego de violências. Para o representante de *Última Hora*, todos os jornalistas entenderam que estavam presenciando uma farsa investigativa. Os policiais haviam se organizado para negar qualquer responsabilidade sobre o estado de saúde de Nestor Moreira. Simplesmente ignoravam ter conhecimento sobre o espancamento do jornalista.²⁰³

²⁰¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

A investigação do Caso Nestor Moreira poderia significar punições administrativas e penais para os envolvidos (tanto é que o DFSP instaurou dois inquéritos, criminal e interno, sobre o crime). O comissário Siqueira apresentou uma perspectiva acerca dos eventos que diferia daquilo que noticiavam os jornais desde o dia anterior. Nestor Moreira era amigo da Polícia. Além disso, era conhecido por suas confusões envolvendo dívidas não quitadas.²⁰⁴

Assim, para o setorista do *Última Hora*, esse cenário justificaria a intervenção dos jornalistas na investigação do crime:

Diante da perspectiva desalentadora de um inquérito que não levaria a nada, os repórteres justamente revoltados com a covarde agressão e indignados com as manhas da Polícia que queria conduzir o inquérito para rumo diferente, resolveram tomar uma atitude mais desassombrada: foram buscar nas próprias fontes, as informações de como teria ocorrido a agressão.²⁰⁵

Pelo trecho destacado, se apreende a preocupação do jornalista em elencar os motivos que respaldariam sua iniciativa. Podemos supor que essa enunciação também se direcionava aos policiais que liam *Última Hora*. Afinal, o ofício do setorista policial estava atrelado às relações que mantinha com os agentes do DFSP. Por outro lado, a postura investigativa deflagrada pelo autor era um ato de rotina para jornalistas. Só que, naquele momento, os alvos eram policiais civis.

Por meio do depoimento do identificador Parreira, os repórteres souberam que uma mulher havia avistado Nestor Moreira no 2º Distrito. Sem expor como, os jornalistas encontraram a residência da testemunha em Copacabana. Pressionaram-na a acusar quem foi responsável pelo espancamento de Moreira. Segundo matéria do *Última Hora* de 13 de maio, a testemunha:

Mostrou-se muito reservada e quando aceitou em falar alguma coisa, disse que brigara com uma vizinha e fora parar no Distrito. A sua inimiga pagou fiança e foi embora, mas ela não tinha dinheiro, grávida como estava, foi jogada ao fundo de um xadrez imundo, com o chão todo molhado. [...] Foi quando ela viu um senhor de terno azul e cabelos brancos que entrava junto com o guarda no xadrez [...]. Perguntada insistentemente sobre quem teria espancado o jornalista, Judite teve uma crise de choro e só deixou escapar, sem poder reprimir a resposta: “Foi o Peixoto!” Pelo temor que Judite, uma pobre moça transviada, demonstrava, ao ser posta em liberdade, ela deve ter sido “convidada” a não acusar os policiais, sendo ameaçada veladamente [...] De qualquer maneira, é bem provável que quando for chamada a

²⁰⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

depor ela venha e negar ter assistido ao espancamento. Todos os jornalistas que acompanham o caso, estão na obrigação moral de amparar a pobre jovem de alguma violência que venha a abalar a sua saúde.²⁰⁶

Segundo o repórter de *Última Hora*, havia uma disputa entre policiais e jornalistas para localizar primeiro as testemunhas civis. A notícia apontou para a vitória da imprensa: Judite Coutinho era o nome da primeira testemunha encontrada e, posteriormente, “seguindo várias pistas”, chegaram ao motorista Hermenegildo Alves Vizeu.²⁰⁷

As declarações do trabalhador foram adjetivadas como um “depoimento arrasador” por *Última Hora*²⁰⁸:

“Toca para o Bar Drink, em Copacabana, disse-me ele”. Na porta daquele bar, pedi-me para esperar pois pretendia voltar. Penso que fiquei ali estacionado perto de uma hora, [...]. Pelo jeito reparei logo que meu freguês estava meio “alegre” tanto que ao sair disse-me que não tinha tomado o carro. Não chegou a haver discussão. O passageiro de cabelos brancos, que depois soube tratar-se de um jornalista, convidou-me a ir ao Distrito Policial. Foi então que chamei um guarda municipal que ali estava. O policial atendeu-me e sentou-se ao meu lado. Fomos todos para o Distrito tendo corrido normalmente até a porta da Delegacia. O passageiro entrou ali e, ao encaminhar-se para o corredor, foi chamado pelo guarda civil que estava ali, *que reconhece pela fotografia que o nosso repórter exibiu-lhe* [sic] como sendo Claudionor, que o impediu de prosseguir. [...] Originou-se um ligeiro desentendimento entre o guarda e o jornalista. Então contei o ocorrido ao outro guarda, que é alto, forte e de tez clara. (*Apresentamos-lhe a fotografia de Peixoto e ele reconheceu-a imediatamente como sendo a do que mais violentamente espancou o nosso companheiro*). Peixoto mandou que Moreira tirasse a gravata e o cinto, pois ia ser recolhido ao xadrez. No momento da arrecadação dos valores, conta Hermenegildo, que Moreira reclamou a falta de uma nota de mil cruzeiros que estaria no seu bolso. Vi apenas que havia sido retirado de seus bolsos um lenço, uma nota de dois cruzeiros e outras 2 de um cruzeiro. O guarda Peixoto, que já havia identificado o jornalista, tendo inclusive tomado seu nome, pois ia pô-lo no xadrez, ao ser aventado o desaparecimento da cédula, partiu feroz para o jornalista e começou a soqueá-lo de preferência nos rins.²⁰⁹ [Grifos meus].

A primeira preocupação de Vizeu foi garantir que não havia brigado com o jornalista. Afinal, Moreira estava no hospital por conta de sequelas ocasionadas por luta corporal. As palavras do motorista eram essenciais para que os jornalistas exigissem a continuação do inquérito. Assim como dito sobre Judite Coutinho, o repórter de *Última Hora* garantiu aos

²⁰⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²⁰⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

leitores que os profissionais da imprensa impediriam que os policiais coagissem a testemunha. No próximo dia, Vizeu seria conduzido à presença do delegado responsável pela investigação do Caso Nestor Moreira.²¹⁰

Se um fato é considerado importante pelo jornal, há a possibilidade de ser mantido por tempo indeterminado no noticiário diário. No caso Nestor Moreira, jornalistas de *Última Hora* trabalham para conseguir novas informações ou desdobramentos daquilo que já se sabia (localizando testemunhas, presenciando depoimentos, etc.).

A reportagem policial de *Última Hora* não tinha aspectos a acrescentar na cobertura do Caso Nestor Moreira após terem localizado as testemunhas Judite Coutinho e Hermenegildo Alves Vizeu. Mesmo que os jornalistas não conseguissem dados extra, o crime figurou na página policial da edição seguinte.²¹¹

Essas especificidades do jornalismo policial (aprendizado graças a relação entre os pares em um cenário de sociabilidade hierarquizado e na interação com os crimes que ocorriam). A nova notícia sobre o Caso Nestor Moreira recapitulava tudo o que já havia sido reportado pelo jornal anteriormente. Se repetem as análises sobre as declarações dos envolvidos. Em meio a isso, o repórter policial redigiu um apelo ao delegado responsável pela investigação:

Os que conhecem o Delegado de Economia popular, *sabem que é ele, sem dúvida alguma, um homem íntegro e cumpridor de seus deveres*, já tendo por várias vezes funcionado em casos dessa natureza, primando sempre pelo espírito de justiça. Por isso mesmo, o Sr. Fernando Schwab está na obrigação moral de não medir esforços no sentido de esclarecer devidamente o fato e apontar à justiça os sanguinários e bestiais espancadores.²¹² [Grifos meus]

A animosidade para com os policiais do DFSP se limitava aos envolvidos no Caso Nestor Moreira. Quem conhecia o perfil do delegado Fernando Schwab eram os jornalistas policiais cariocas. Afinal, estavam cotidianamente interagindo com este e outros agentes para se inteirarem dos crimes que ocorriam na cidade.

Além disso, os jornalistas participavam de etapas investigativas deflagradas pela Polícia Civil. Segundo *Última Hora*, os depoimentos dos suspeitos foram coligidos na presença das

²¹⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0892. 14 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18697> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²¹² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0892. 14 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18702> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

reportagens dos jornais cariocas. Todavia, o jornal não especificou quais eram os representantes da imprensa presentes no evento.²¹³

Em outro momento da investigação, o motorista Hermenegildo Vizeu foi conduzido para uma sala de reconhecimento do 2º Distrito para apontar o(s) responsável(s) pelo espancamento do repórter Nestor Moreira. O cenário: a testemunha, Vizeu, foi posicionada em frente a uma turma de guardas civis devidamente fardados. Sem divisórias ou qualquer mecanismo que permitisse o anonimato. Jornalistas e fotógrafos observavam a acareação junto dos que eram responsáveis por investigar o crime.²¹⁴

A partir disso, o delegado Schwab solicitou que o motorista se dirigisse até os guardas civis e tocasse o ombro daquele que havia agredido Nestor Moreira. Ao se aproximar, a câmera fotográfica de *Última Hora* já estava a postos: o clique no obturador da máquina garantiu o registro imagético de Hermenegildo Alves Vizeu encostando sua mão no guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto.²¹⁵

Em menos de uma semana os jornalistas realizaram diligências como se fossem policiais. O Caso Nestor Moreira não se perpetuaria como um mistério sem solução. Duas testemunhas haviam confirmado aos repórteres que Peixoto havia atacado Moreira. Com isso, o processo criminal foi enriquecido com o reconhecimento do acusado por Vizeu.²¹⁶

Paralelamente, *Última Hora* acompanhava as oscilações no estado de saúde de Nestor Moreira. O boletim médico do dia 18 de maio de 1954 foi noticiado como “Ainda em ‘Estado de Torpor’ a Vítima da Sanha Policial”.²¹⁷ Algumas edições foram diagramadas para incluir o relatório clínico abaixo das notícias sobre o crime.²¹⁸

Além do inquérito penal, o Departamento Federal de Segurança Pública instaurou uma investigação administrativa sobre os suspeitos. O delegado Mário Lucena foi incumbido de

²¹³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18752> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²¹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18752> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

coordenar essas diligências. Assim como Fernando Schwab, o responsável permitiu acesso aos jornalistas.²¹⁹

O comissário Gilberto Alves Siqueira foi notificado que deveria prestar depoimento também para o inquérito administrativo. De acordo com *Última Hora*, haviam mais vinte jornalistas presentes no interrogatório de Siqueira. Todos em posse de “lápiz e papel para anotar as palavras, ao mesmo tempo em que os fotógrafos avançam, prontos para fazer funcionar os flashes”.²²⁰

A reportagem de *Última Hora* considerou ser desnecessário reproduzir a íntegra do depoimento. Afinal, o comissário repetiu a declaração que havia feito anteriormente. Após, a linha narrativa foi interrompida, em função de uma fala do comissário Siqueira. Uma palavra nova dita por Siqueira teria despertado a atenção dos jornalistas. Segundo o setorista de *Última Hora*:

Os diálogos entre Mário Lucena e Gilberto de Siqueira decorreram monótonos, desinteressantes, quando o primeiro perguntou:

- Onde estava quando o jornalista chegou?

- Dormindo. Quando me disseram que se tratava de Nestor Moreia, vesti uma calça de casimira e o palitô [sic] do pijama, pijama que não era listrado, como disseram os jornais e desci para acudir...

A palavra ACUDIR, proferida pelo Comissário acusado de cumplicidade no espancamento soou como uma “bomba”. Os jornalistas se entreolharam. Tinham ouvido, momentos antes, a afirmativa do mesmo: “Não ocorreu espancamento na Delegacia do 2º Distrito”. No entanto, ele próprio acabava de admitir a agressão, dizendo que se vestira para ACUDIR. Não havia dúvida alguma: seu subconsciente o traía desastrosamente. [...]

Diante disso os jornalistas se retiraram. Nada mais tinham a fazer ali. Estavam satisfeitos²²¹. [Grifos do autor].

A palavra destacada pelo jornalista em caixa alta buscava atestar que, naquele momento, havia ocorrido uma confissão involuntária do comissário. Acudir indicava que Siqueira tinha conhecimento que algo de errado havia acontecido no distrito.

Antes de encerrar a notícia, o jornalista de *Última Hora* afirmou que Hermenegildo Alves Vizeu também havia sido inquirido e reforçara suas declarações. Isso à revelia do comissário Raul Faria que, durante o depoimento, supostamente objetivava “confundir o

²¹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0897. 20 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18782> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0897. 20 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18782> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0897. 20 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18782> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

motorista, fatos esses que foram percebidos por todos os presentes que não puderam deixar de anotar esses detalhes”.²²²

A vigilância do jornalismo policial do *Última Hora* sobre as investigações motivou retaliações de policiais do DFSP. Crimes ocorriam rotineiramente no Rio de Janeiro. E a linha editorial do *Última Hora* valorizava a publicação de notícias policiais, era parte da fórmula do sucesso do jornal. Assim, perder acesso a informação nos distritos prejudicaria a edição diária do periódico de Wainer.

Na noite do dia 21 de maio de 1954, a redação do jornal soube de uma briga que havia acontecido na porta da boate Casablanca, no bairro de Botafogo. Valdemar Viana, policial especial que também trabalhava como segurança da referida casa de diversão, teria impedido a entrada de três marinheiros no local. De acordo com a notícia de *Última Hora*, Viana terminou por ser esfaqueado por um dos marujos. Mesmo ferido, auxiliou outros policiais na prisão dos agressores.²²³

Os envolvidos na contenda foram encaminhados para o 3º Distrito (Botafogo). A reportagem de *Última Hora* se dirigiu para a delegacia objetivando entrevistar e fotografar os homens. Porém, não passaram da porta. Um guarda de plantão negou acesso aos jornalistas. O repórter policial tentou argumentar com o comissário do dia, sem sucesso:

O comissário talvez diante do ambiente criado por um guarda (entre dez) e um funcionário à paisana daquela delegacia que faziam provocações dizendo que a imprensa deveria ter seu ingresso vedado nas dependências policiais – resolveu criar dificuldades, impedindo que as partes fossem ouvidas, ordenando ainda a retirada dos fotógrafos como se a delegacia fosse de sua propriedade e não uma repartição pública. É incrível que uma autoridade do porte do Comissário José Ruben Fonseca, bacharel em Direito, Professor da Escola de Polícia [...] deixe-se levar pelo espírito sectário, de grupo, cerceando a liberdade de imprensa sob o pretexto de que **os jornais tem atacado a polícia!** O comissário criou uma tal animosidade que chegou a ponto de afirmar ao repórter:

“Aqui dentro não deixo fotografar nem ouvir ninguém, pois estamos em campos opostos. Lá fora sou seu amigo, mas dentro da delegacia a imprensa não tem vez!”

Mais tarde, caindo em si, o comissário resolveu dar o nome de uma das partes. Mal sabe ele que se toda a opinião pública se levantou numa onda de revolta contra o bárbaro espancamento de que foi vítima o repórter Nestor Moreira, agora entre a vida e a morte num leito de hospital, por outro lado, nunca deixou de separar o joio do trigo, reconhecendo que no DFSP também existem homens íntegros que não são

²²² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0897. 20 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18782> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

atingidos em sua dignidade pelos péssimos exemplos dos maus policiais.²²⁴ [Grifos do autor].

Incluir esse suposto debate na notícia possibilitou ao setorista ponderar aos policiais que liam *Última Hora* que seus agentes sabiam que nem todos os policiais eram maus. Assim, esse trecho da notícia foi um mecanismo de defesa utilizado pelo jornalista, que naquele momento temia perder acesso aos distritos da cidade.

Não só a publicidade do Caso Nestor Moreira explica a posição do comissário Rubens Fonseca. Naquele dia, *Última Hora* denunciava aos leitores dois outros episódios em que policiais figuravam como acusados de agredir civis. O operário Osvaldo de Souza se queixou de ter sido surrado no 16º Distrito quando ia visitar um colega que se encontrava detido no local. Ao entrar, afirmou ter visto seu amigo amarrado de cabeça para baixo nas grades do xadrez. Um investigador tinha em mãos um cano de borracha e o usava para torturar o presidiário. Para Souza, ele fora também agredido por ter testemunhado a cena.²²⁵

Já o motorista de táxi Jorge de Barros denunciou o guarda civil nº 865. Sua queixa possui similaridades com a discussão entre Hermenegildo Alves Vizeu e Nestor Moreira. Um passageiro utilizou seu serviço no Centro do Rio de Janeiro. Saltou do automóvel sem pagar a corrida. Com isso, Barros procurou por um policial no intuito de que este fizesse com que o devedor pagasse.²²⁶

O guarda, ao ser abordado, teria atendido a Barros “muito indelicadamente” e o ofendido “moralmente”.²²⁷ Contra isso, o motorista tentou ponderar que só estava tentando receber o que lhe era de direito. Entretanto, o motorista teria dito que “isto foi o bastante para que me convidasse a brigar e proferindo os mais pesados insultos ameaçou-me de agressão caso persistisse em continuar ali”.²²⁸

Civis procuravam o jornal para tornar público suas queixas contra os policiais do Departamento Federal de Segurança Pública. *Última Hora* se definia como uma arma do povo

²²⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²²⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

brasileiro.²²⁹ Demandas e denúncias eram editadas em notícias, como nestes dois casos. Mas, ao mesmo tempo em que o jornal combatia a violência policial, os repórteres escreviam tendo a preocupação de manter suas relações com os agentes do DFSP.

No caso do 3º Distrito, o comissário supostamente afirmou que o jornalista de *Última Hora* era seu amigo. Por sua vez, a narrativa da notícia indica o espanto do repórter com a postura do policial. Indo além, argumentava que *Última Hora* não estava contra a Polícia, pois sabia separar os bons dos maus policiais.²³⁰

Outras duas notícias policiais publicadas naquela edição do dia 21 de maio de 1954 se relacionam ao Caso Nestor Moreira. Na parte inferior direita da página 06, em duas colunas, o *Última Hora* trouxe atualizações sobre a investigação do crime. Durante depoimento ao inquérito administrativo, Paulo Ribeiro Peixoto tinha confessado que agrediu o repórter de *A Noite*.²³¹

Além desta, o jornal noticiou um protesto organizado por jornalistas policiais na Praça Mauá contra a violência dos agentes do Departamento Federal de Segurança Pública. O evento vinha sendo divulgado pela imprensa do Rio de Janeiro. No dia, segundo *Última Hora*, além dos jornalistas, investigadores e detetives do DFSP se fizeram presentes.²³²

Os policiais estavam à serviço, monitorando a concentração de jornalistas pelas ruas e comércios. Em um bar estavam membros dos dois grupos. Naquela situação, de acordo com *Última Hora*, um agente do DFSP, que acabara de chegar no local, teria dito aos colegas:

“Vocês estão aí na boa vida. Não vão pegar jornalistas? É por isso que não se consegue nada”.

Houve um “psiu” geral, pois os repórteres que estavam na mesa eram conhecidos de alguns detetives e investigadores presentes, o que fez com que o autor daquelas palavras se apressasse em pedir desculpas e dizer que estava pilheriando.²³³

O protesto terminou em confusão. Estudantes e sindicalistas reforçaram o coro dos jornalistas contra o Departamento Federal de Segurança Pública. Fotógrafos que tentavam

²²⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 134.

²³⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²³¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²³² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²³³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

registrar a manifestação eram obstruídos por detetives e investigadores. Segundo a notícia, os policiais prenderam o repórter da revista *Manchete*. Quando um colega tentou fotografar a cena, teve seu equipamento quebrado.²³⁴

Esses episódios de adversidades entre policiais e jornalistas mostram que o noticiário diário acerca do Caso Nestor Moreira suscitou reações por parte dos policiais do DFSP. Nesse ínterim, esses agentes buscaram controlar a narrativa sobre o caso, cercear o acesso dos jornalistas nas repartições do departamento e, também, empregar a força para minar as denúncias dos setoristas.

A resistência de Nestor Moreira teve fim em 22 de maio de 1954. No período de dez dias, o repórter alternou momentos de lucidez e inconsciência. Nas ruas, seus colegas do jornalismo policial se empenharam em provar a responsabilidade dos policiais na agressão contra Moreira. E, também, exigiram que o governo garantisse a punição adequada aos perpetradores.

Em *Última Hora*, os jornalistas policiais buscaram justificar para os leitores a iniciativa de investigar o caso por conta própria. Os depoimentos dos suspeitos poderiam causar a impunidade, afinal, os policiais negavam a ocorrência da agressão no 2º Distrito. Após isso, a narrativa noticiosa se dirige para as ações que os repórteres já haviam realizado: localização, inquirição e escolta de testemunhas.

Por outro lado, todas as declarações dos policiais foram apresentadas e, posteriormente, desacreditadas em *Última Hora*. Declarações prestadas aos delegados Lucena e Schwab eram presenciadas pelos repórteres. E, como se fossem advogados de acusação, usavam as notícias como um recurso para provar a culpa dos policiais.²³⁵

A morte do repórter Nestor Moreira e a confissão do guarda Paulo Ribeiro Peixoto são etapas do noticiário criado por *Última Hora* para o crime do 2º Distrito. Das páginas policiais o caso se projetou para reportagens, colunas, editoriais e manchetes de capa do jornal de Samuel Wainer. Nesses espaços editoriais, a enunciação buscou associar o crime a necessidade – entendida por *Última Hora* – de se reformar o Departamento Federal de Segurança Pública.

²³⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

²³⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

Assim sendo, em *Última Hora*, a atitude investigativa em relação ao Caso Nestor Moreira possuía um outro sentido para além daquele que foi expresso nas notícias policiais publicadas pelo jornal. A ação do *Última Hora* em fornecer diversos indícios da nocividade do Departamento Federal de Segurança Pública objetivava estabelecer que o que aconteceu com Nestor Moreira se enquadrava em um cenário macro de arbitrariedades que atingiam jornalistas e outros cidadãos do Rio de Janeiro.

2.3.As manchetes de primeira página

Os editores e Samuel Wainer determinavam o que queriam que os diagramadores formatassem: títulos em caixa alta, tamanho das fotos, disposição das manchetes na página, boxes, ilustrações e, também, onde ficaria o logotipo do jornal. No caso do *Última Hora*, o nome do jornal, em letras brancas sob um fundo azul, era estampado na parte central.²³⁶

A difusão da fotografia se relacionava com esse contexto de edições da primeira página. Em relação as notícias policiais, o *Última Hora* não adotava como prática editorial publicar imagens de cadáveres como manchetes de capa. O “boneco”, buscado pelos jornalistas policiais do *Última Hora*, significava uma fotografia reproduzida da vítima em vida.²³⁷

Esses aspectos editoriais do *Última Hora* foram empregados na capa publicada em 12 de maio de 1954.

²³⁶ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 161.

²³⁷ Segundo Carla Siqueira: “Vale aqui fazer uma ressalva quanto ao caso de Última Hora. Talhada para dialogar com um público policlassista, o jornal getulista restringiu o apelo ao sensacionalismo a determinados espaços. Tal cuidado garantiu que o jornal não tivesse a feição “espreme e sai sangue” que caracterizaria O Dia e a Luta Democrática. Samuel Wainer confessou ter repugnância por fatos policiais. Mas o jornalista teve de sucumbir ao potencial comercial das manchetes sobre crimes. Embora vejamos, observando as primeiras páginas da Última Hora no período, que de fato o recurso ao sensacionalismo esteve mais associado à atuação do vespertino como “defensor do povo”. SIQUEIRA, Carla. **A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954)**. ECO-PÓS, v. 8, n. 2, agosto/dezembro 2005, p. 46-66. P. 57.

Imagem nº 01



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18665> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

A manchete sobre o crime foi editada em um parágrafo, abaixo da fotografia da vítima. Naquele dia, a matéria jornalística sobre Nestor Moreira obteve menor destaque do que a manchete trabalhista, diagramada em caixa alta por *Última Hora*. Ao lado, o periódico de Wainer utilizou as letras garrafais para noticiar outro crime ocorrido em Copacabana, o homicídio da francesa René Aboab, estrangulada em seu apartamento dias antes de Moreira ser agredido pelos policiais do DFSP.

A diagramação do *Última Hora* aproximou estes dois casos policiais. Ambos, são apresentados aos leitores em imagens, “bonecos”, sorrindo para as câmeras. Assim, o jornal atentava para um momento progressivo, anterior a se tornarem vítimas. Com isso, *UH* utilizou estas fotografias para criar um sentimento de empatia em relação à Aboab e Moreira.

Indo além, os crimes possuíam um elemento em comum que *Última Hora* buscou explorar: o 2º Distrito Policial. No caso Aboab, a delegacia era criticada pelo jornal por não conseguir descobrir quem fora o perpetrador. Já em relação à Nestor Moreira, os policiais do 2º DP eram os praticantes do crime. Portanto, a diagramação da primeira página indica que a ineficiência e a violência, para *Última Hora*, características daquela repartição policial,

vitimaram Aboab e Moreira.²³⁸ Essa lógica interpretativa foi mantida pelo jornal nas primeiras páginas seguintes. Um repórter do *Última Hora* conseguiu no hospital Miguel Couto uma fotografia do repórter Nestor Moreira quando este repousava no leito. A imagem foi estampada na parte superior direita da primeira página da edição nº 891, do dia 13 de maio de 1954.²³⁹

Em 15 de maio de 1954, os diagramadores editaram três manchetes policiais relacionadas ao Caso Nestor Moreira. As linhas orientadoras utilizadas direcionam a leitura da frase em caixa alta “EXPURGO GERAL NA POLÍCIA!” para a fotografia do guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto, no momento em que o policial era reconhecido:

Imagem nº 02



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

O jornal aproximou temporalidades de eventos diferentes. Enquanto Nestor Moreira “morria” no hospital, o redator Edmar Morel relatava a discussão entre Vargas, Tancredo Neves e Armando de Moraes Âncora para se processar o expurgo dos maus policiais do Departamento Federal de Segurança Pública. Além destas manchetes, a seta branca inserida pelos diagramadores apontava para uma reconstituição do crime desenvolvida pelo desenhista do *Última Hora*.

²³⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18665> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²³⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

Abaixo da imagem, o jornal explicou os sentidos que *Última Hora* buscava suscitar com a veiculação da ilustração:

Assim imaginou o desenhista de ÚLTIMA HORA a cena brutal de espancamento do jornalista Nestor Moreira. Quem quer que procure mentalmente reconstituir o fato sentirá a mais profunda revolta: três brutos, agindo sob as ordens ou, pelo menos, com o apoio de um superior, investindo aos bofetões, pontapés e joelhadas, contra um repórter indefeso, quase quinquagenário, habituado a lidar com palavras e não com a força muscular. No corredor às escuras a cena prolongou-se até que, arfando com o esforço, as bestas deixaram de desferir as patadas mortais. Atirado ao chão, com várias costelas partidas e sérias lesões orgânicas, o repórter perderá a consciência. E no xadrez próximo até o mais frio larápio encarcerado no 2º DP fora despertado pela inusitada brutalidade do espancamento.²⁴⁰ [Grifos meus].

A narrativa sobre a imagem valorizava a nocividade dos policiais, ignorava as declarações das testemunhas e repetia a postura do *Última Hora* de supor os fatos ocorridos no 2º Distrito Policial. O sorriso de Nestor Moreira²⁴¹ foi substituído pelo desenhista do jornal por feições que demarcavam o espanto do repórter ante a investida dos policiais que supostamente o deixaram prostrado no chão da delegacia, inconsciente. Imagem e narrativa instigavam os leitores a perceberem o absurdo que fora o crime: três policiais agredindo um jornalista de idade avançada.

Entre o reconhecimento de Peixoto e a reconstituição do crime, matérias críticas ao Departamento Federal de Segurança Pública, os diagramadores centralizaram a manchete de destaque daquela edição de *Última Hora*: o expurgo policial. No texto, os editores do periódico defenderam que os perpetradores da agressão seriam punidos pela Justiça, pois essa seria a vontade da “opinião pública” do Rio de Janeiro.²⁴²

Essa ferramenta discursiva era recorrentemente invocada pelos jornais da década de 1950. Através dela, se colocavam como porta-vozes da sociedade.²⁴³ Citar essa “opinião pública” intencionava sugerir que não era o *Última Hora* que estava tecendo sua posição sobre o expurgo policial, mas sim que o jornal estava reproduzindo algo que fora diagnosticado por seus jornalistas no cenário social.

²⁴⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18665> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴³ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa (1900-2000)**. Op. Cit. 2007. P. 163.

E a justificativa para tanto era de que, a partir da agressão ao repórter Nestor Moreira, a violência policial havia atingido patamares insustentáveis para uma cidade que era a capital da república. Assim, *Última Hora* propôs um entendimento sobre o antes e o depois, demarcados pelo crime. Com isso, o jornal defendeu que havia chegado o momento de se implementarem mudanças no Departamento Federal de Segurança Pública.

Nestor Moreira, a vítima indefesa dos policiais do 2º Distrito, foi apresentado como um símbolo do medo que os cariocas supostamente sentiam dos agentes do DFSP. Esse sentimento foi estampado na manchete que aproximava o horror da vítima (ilustração) do reconhecimento do perpetrador (fotografia):

Levantam-se numa só atitude de revolta e asco ante o monstruoso crime, todos os setores da sociedade - e a esta hora Nestor Moreira perdeu a sua condição de jornalista, para se converter precisamente num símbolo. Em seu leito de morte, cercado pelo desvelo e pelo respeito de todos, ele simboliza em suas pobres carnes todas as vítimas da brutalidade bestial dos semi-homens a que a Polícia sempre deu guarida, em suas fileiras, para seu próprio opróbrio. A esta hora Nestor Moreira é a sociedade ameaçada, insultada, desfeiteada por aqueles a quem paga, não para perpetrarem os costumeiros abusos de autoridade, mais justamente para preservá-la da ação nefasta, destruidora, de bandidos [...].²⁴⁴

No dia seguinte, 16 de maio de 1954, a manchete de política se relacionava com a exigência do *Última Hora*. O presidente Getúlio Vargas receberia o Chefe de Polícia Armando de Moraes Âncora e o Ministro da Justiça Tancredo Neves no Palácio do Catete. Estas eram as autoridades governistas responsáveis pela administração do Departamento Federal de Segurança Pública.²⁴⁵

Segundo *Última Hora*, a pauta da reunião seria a reforma do aparato policial carioca. A imprensa vinha exigindo a demissão do general Âncora em função da agressão ao repórter Moreira. O militar estava no cargo há um ano. Quando assumiu a presidência, Getúlio Vargas nomeou outro general, Ciro Riopardense de Resende, para a chefia da polícia civil. A escolha de oficiais do Exército brasileiro para postos de comando em instituições policiais era uma prática no período. A Polícia Militar, por exemplo, estava sob responsabilidade de um coronel.

O jornal de Samuel Wainer também foi a favor da demissão de Moraes Âncora. Em outra manchete de primeira página, os editores do *Última Hora* afirmaram que era uma questão

²⁴⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894. 17 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18725> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

de horas para que o governo Vargas anunciasse a substituição do general.²⁴⁶ Nesse contexto, o repórter Edmar Morel entrevistou o Chefe de Polícia. Uma frase dita por Âncora foi utilizada como manchete por *Última Hora*: “O Meu Lugar é na Caserna”.²⁴⁷

A seleção deste trecho como título da matéria de capa apontava para a inadequação do general para o cargo de Chefe de Polícia. Deslocada da sucessão de palavras proferidas por Âncora, *Última Hora* suscitou o entendimento de que o militar concordava que estava em uma posição estranha à sua formação. Abaixo do registro fotográfico da entrevista entre Morel e Âncora, o *Última Hora* estampou uma charge do cartunista Lan.

A ilustração propôs uma alegoria com o sobrenome do Chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública:

Imagem nº 03



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

Um elo da corrente que prendia o DFSP à – ou ao? – “Âncora” estava prestes a se romper. Mas a âncora ainda persistia em puxar a instituição policial para baixo, em direção ao fundo do mar. Assim, a charge simbolizou o general como responsável pelos problemas da

²⁴⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18747> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 14 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

polícia civil. Na legenda, Lan questionava se o governo iria ou não “libertar” o DFSP daquela âncora.²⁴⁸

Naquelas manchetes, o jornal *Última Hora* estava propondo uma ressignificação do objeto noticioso. Os conteúdos sobre a agressão ao repórter Nestor Moreira se direcionaram para a luta política pela reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. O cenário macrossocial, a instituição policial deficitária, se sobrepujava ao micro, a notícia policial sobre o espancamento de Nestor Moreira.

Afinal, os acusados pelo crime já haviam sido identificados, segundo *Última Hora*, graças ao esforço de reportagem dos jornalistas policiais. Agora, o jornal se apropriava do Caso Nestor Moreira para buscar ser um dos protagonistas na defesa da reestruturação de uma instituição do governo Getúlio Vargas.

Por conseguinte, a circulação do jornal durante a veiculação deste noticiário pode reforçar o alcance do discurso que estava sendo difundido. Para *Última Hora*, estavam em jogo as manchetes que tencionavam intervir nos rumos políticos, em um contexto que Samuel Wainer e Getúlio Vargas não mais se reuniam para discutir matérias jornalísticas do *Última Hora*, distanciamento que resultou da investigação parlamentar de inquérito sobre o periódico em 1953.²⁴⁹

Segundo Wainer, *Última Hora* teve que buscar contratos de publicidades para se manter nas bancas de jornal e, também, diminuir a dependência do governo Vargas. Para o proprietário, as agências de propaganda viam no jornal um parceiro interessante pelo fato das vendas avulsas continuarem altas (à revelia das acusações de 1953). Porém, nos anos cinquenta, não era possível para qualquer jornal sobreviver apenas através de sua circulação.²⁵⁰

Em 1951, primeiro ano de existência do *Última Hora*, os editores não incluíam no expediente a tiragem de suas edições diárias. Com o crescimento do periódico, Wainer declarou ter decidido expor a quantidade de exemplares que sua oficina imprimia. Mesmo após a crise de 1953, o *Última Hora* continuou com essa prática.²⁵¹

²⁴⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

²⁴⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 194.

²⁵⁰ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Contracampo: revista do mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói, v. 4. 1999. P. 01.

²⁵¹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 155.

O jornal circulava de segunda-feira à sábado. Nos domingos iam as bancas as edições da revista *Flan – O Jornal da Semana*. Como não havia um exemplar dominical, *Última Hora* produzia um vespertino expandido às segundas-feiras (a partir de 22 páginas). Essa quantidade podia ser alterada e incluir mais folhas. Nestes dias, o periódico estampava que havia impresso mais de cem mil exemplares, rotineiramente.²⁵²

De terça-feira à sábado a direção editorial optava por diminuir o tamanho de *Última Hora*. Também havia oscilações nos números de páginas: de 12 a 18. Essa irregularidade pode ser um reflexo da proposta do periódico de oferecer aos leitores suplementos temáticos ocasionais.²⁵³

Os conteúdos extras do jornal tinham temáticas específicas e edições certas para circular. Dia do esporte, outro de polícia e assim por diante. O recrudescimento no número de páginas era acompanhado pelo decréscimo de tiragem: *Última Hora* tinha uma média das setenta mil cópias diárias.

Números de tiragem não são iguais a vendagem diária da edição. Uma estratégia comercial empregada por *Última Hora* foi a de exibir balanços comparativos destes dois indicativos. A publicação ocorria na edição subsequente. Na capa, em uma faixa horizontal, o periódico fazia sua própria propaganda. Em 12 de janeiro de 1954, uma terça-feira, o jornal comemorou o sucesso da edição anterior: “ULTIMA HORA Tirou, Ontem, 170.000 Exemplares e Vendeu 156.387”.²⁵⁴ Esse resultado significa que mesmo em dias de grandes vendas um jornal poderia encalhar parte da produção.

Quando imprimiu a primeira manchete policial de *Última Hora*, Samuel Wainer argumentou que decidiu ampliar a tiragem do jornal para 25 mil exemplares. Estratégia que o proprietário explicou a partir da questão de mercado: a sociedade carioca queria ler sobre o assassinato do senador em *Última Hora*.²⁵⁵

Assim, nas tabelas seguintes, objetivamos averiguar as variações de tiragem do jornal no período após a crise (dezembro de 1953) até maio de 1954. A amostragem utilizada contém

²⁵² Realizamos um levantamento quantitativo entre os meses de dezembro de 1953 e maio de 1954. A média das segundas-feiras ultrapassou cem mil exemplares.

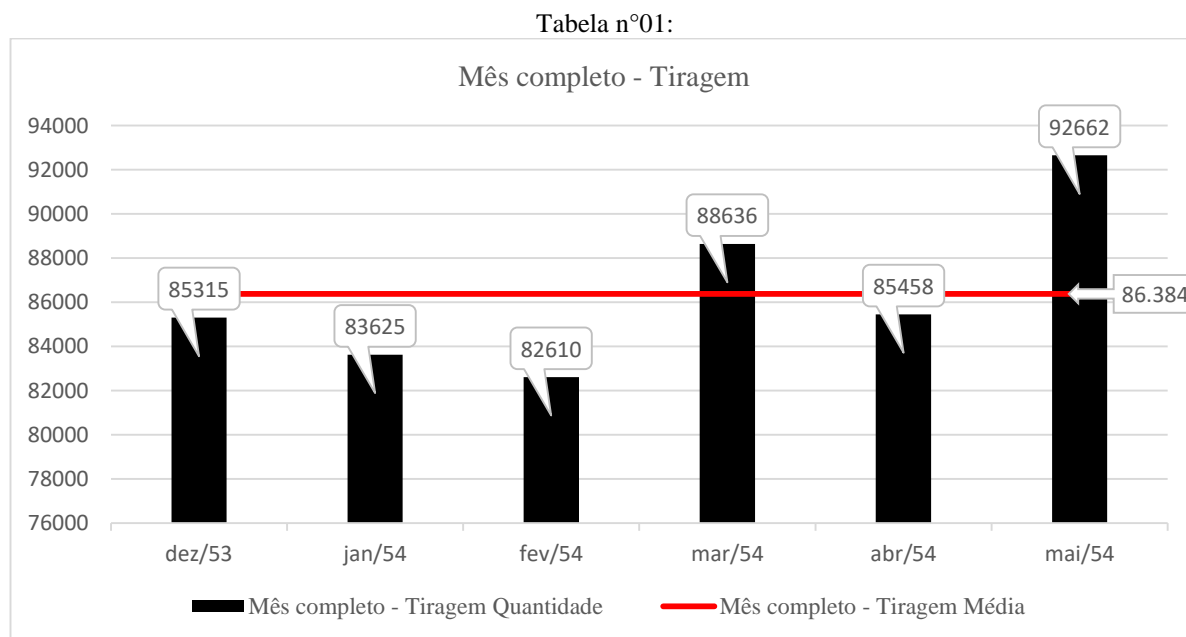
²⁵³ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1988. P. 189.

²⁵⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Edição: 0792. 12 de Janeiro de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/17153> Acesso em: 27/02/1954.

²⁵⁵ Cf. Capítulo 1.

148 primeiras páginas publicadas por *Última Hora*. Na tabela nº 01, apresentamos os volumes mensais de tiragem e a média do jornal neste período de seis meses.

Após dezembro de 1953, a circulação do jornal vinha diminuindo gradativamente. Em março se observa uma recuperação na tiragem de *Última Hora*. Esse foi o mês que mais se aproximou do período em que o periódico imprimiu mais exemplares: maio de 1954, quando Nestor Moreira foi agredido pelos policiais do 2º Distrito Policial.



Fonte: edições diárias do jornal *Última Hora* publicadas entre dezembro/53 a maio/54. Disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20/02/2019.

O montante de março resultou de uma manchete publicada por *Última Hora*. Naquela edição, nº 848, a primeira página noticiava a vitória da seleção brasileira de futebol sobre a equipe do Paraguai. O jornal rodou 207.500 em sua oficina.²⁵⁶ Quantidade que significou um aumento expressivo no padrão de *Última Hora*. Os relatos memorialísticos dos ex-jornalistas e as edições de *Última Hora* confluem para um quadro: as notícias policiais rotineiramente estavam editadas em manchete, mas isso nem sempre acarretou no aumento de tiragem.

A primeira notícia sobre a agressão ao repórter Nestor Moreira foi publicada pelo jornal em 12 de maio de 1954.²⁵⁷ Assim, *Última Hora* já havia publicado oito edições naquele mês

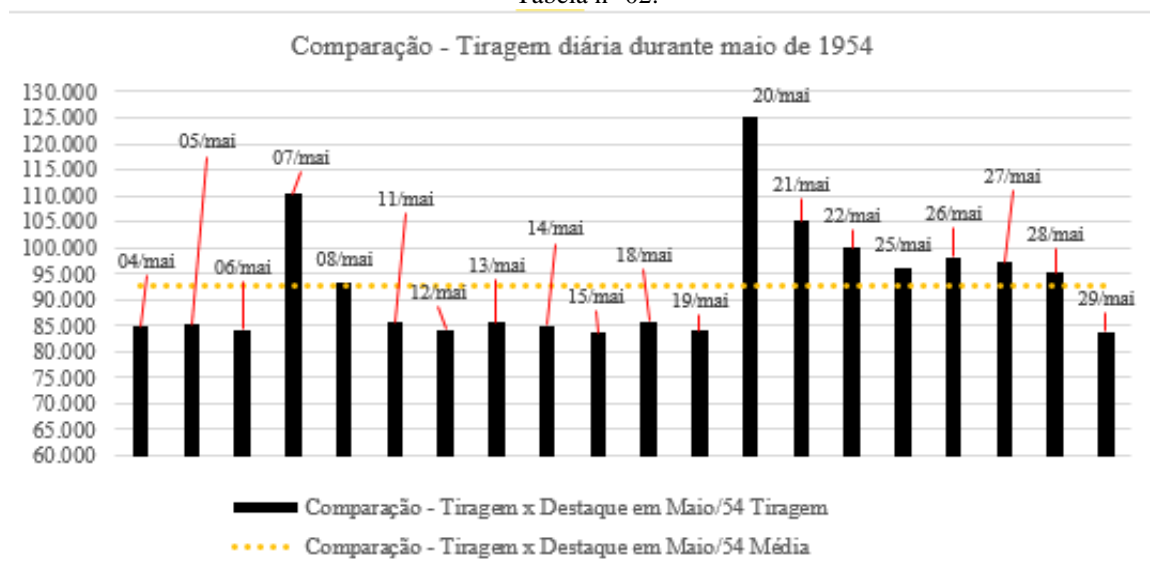
²⁵⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Edição: 0848 22 de Março de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/17991> Acesso em: 06/03/2019.

²⁵⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18665> Acesso em: 02/04/2019.

antes do crime ocorrer. Portanto, precisávamos determinar que foram, de fato, as matérias jornalísticas sobre o Caso Nestor Moreira que culminaram no aumento do número de exemplares.

Para evitarmos possíveis distorções nos números, limitamos a amostragem às tiragens de terça-feira a sábado. Ao todo, obtivemos vinte edições publicadas. Na tabela nº 02, estão registradas as tiragens do *Última Hora* nestes dias em maio de 1954.

Tabela nº 02:



Fonte: edições diárias do jornal *Última Hora* publicadas entre dezembro/53 a maio/54. Disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20/02/2019.

Até o dia 11 de maio de 1954, o jornal *Última Hora* tinha aumentado sua média de tiragem juntamente da veiculação de duas manchetes policiais (colunas 4 e 5 da tabela nº 02). Respectivamente, foram impressas 110.420 e 93.420 cópias do periódico. Ambas as primeiras páginas noticiavam uma explosão ocorrida no porto do Rio de Janeiro.²⁵⁸ A detonação ocasionou as mortes de dezoito militares que guarneciam o território. Na edição nº 887, *Última Hora* estampou em letras garrafais: “PERECEU TODA A GUARNIÇÃO DA 1º ZONA MARÍTIMA!”²⁵⁹

²⁵⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0886. 07 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18597> Acesso em: 02/04/2019. P. 01.

²⁵⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Edição: 0887. 08 de Maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18611> Acesso em: 27/02/1954.

A oitava coluna da tabela, 12 de maio de 1954, demarca a veiculação da primeira notícia publicada pelo vespertino sobre a agressão ao repórter Nestor Moreira.²⁶⁰ Após esse dia, *Última Hora* permaneceu veiculando manchetes sobre o crime diariamente. Em três edições, o jornal imprimiu tiragens superiores a noventa mil cópias. Não obstante, *Última Hora*, em mais três publicações, potencializou as rotativas para mais de cem mil cópias/dia. São os casos das edições n° 897 (21/05/1954 - 125.020²⁶¹), n° 898 (22/05/1954 - 105.230²⁶²) e n° 899 (22/05/1954 - 100.020²⁶³).

Aproximando esses dados quantitativos da análise do noticiário, detectamos um padrão: *Última Hora* buscava persuadir seus leitores para a importância do Caso Nestor Moreira e a proposta reformista que difundira. Com os aumentos de tiragem e o destaque as notícias policiais, *Última Hora* atentava para o imediatismo da questão policial. A partir do crime contra Nestor Moreira, os diagramadores de *Última Hora* substituíram as primeiras páginas com notícias policiais em sua parte inferior, com pequenas imagens, por manchetes chamativas munidas de fotografias e/ou ilustrações ampliadas, próximas, que formavam relações entre o crime e a reforma do DFSP.

Em síntese: para o jornal *Última Hora*, o Caso Nestor Moreira representou muito mais do que a denúncia aos perpetradores do crime. As manchetes de primeira página do jornal exploraram aspectos sensacionais, objetivando difundir uma percepção nociva sobre o Departamento Federal de Segurança Pública. E essa imagem justificava o argumento do *Última Hora* em defesa da reforma policial.

2.4. Os editoriais e a luta política

Após a primeira reportagem de Edmar Morel ser publicada, o jornal *Última Hora* veiculou um editorial relacionado ao crime contra Nestor Moreira. No texto, *Última Hora* se colocou como a voz da “opinião pública”. Escandalizada pelo que ocorrera com o repórter, “a sociedade” se manteria vigilante em relação a investigação do caso. Esse clima social de

²⁶⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

²⁶¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018.

²⁶² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018.

²⁶³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18811> Acesso em: 08/01/2019.

apreensão forçosamente obrigaria as lideranças do Departamento Federal de Segurança Pública a tomar uma decisão.²⁶⁴

Segundo o jornal, só haviam duas alternativas. A primeira delas seria o expurgo dos policiais criminosos do DFSP. A segunda, ignorar o suposto desejo da “opinião pública” pelas expulsões destes agentes. Ambas dependiam da atitude do governo. Com isso, *Última Hora* defendia a primeira opção. E, além disso, expressou sua desconfiança em relação a chefia de polícia que, para o jornal, não estaria disposta a reformar o DFSP. A atitude reformista teria que partir de outra esfera do poder executivo.

O general Armando de Moraes Âncora, diretor do DFSP, foi uma das principais pautas das reportagens publicadas por *Última Hora* em maio de 1954. Através delas, o periódico justificou aos leitores o seu ponto de vista. Segundo as reportagens, Âncora era conivente com a violência policial. Com Âncora, criava-se o inimigo para, posteriormente, o jornal introduzir o aliado do povo (na pessoa de Tancredo Neves). A autoridade que exerceria poder suficiente para garantir a punição aos envolvidos na morte de Nestor Moreira e, também, capaz de pôr em marcha o expurgo:

A menos que a vontade do Sr. Tancredo Neves se mantenha inflexível e o inquérito instaurado não seja apenas “mais um inquérito”, porém a arma vibrante que levará à cadeia os sinistros espancadores, iniciando assim, o expurgo há tanto esperado nos quadros policiais. A imprensa e o povo estão atentos: o inquérito deve prosseguir, com rigor. Até que chegue a hora dos culpados.²⁶⁵

A exigência do jornal foi retomada no editorial seguinte (15/05/1954). Em manchete, o jornal sugeriu que “bandidos não podem ser autoridades”. A enunciação canalizou a imagem do repórter agredido como um símbolo social. As deficiências da Polícia Civil se manifestavam no que havia acontecido com Nestor Moreira. Essa associação foi sendo desenvolvida pelo editorialista para construir um sentido. Não se tratava de propor uma campanha contra o Departamento Federal de Segurança Pública pelo fato da vítima ser um jornalista. O jornal ponderava que Nestor Moreira havia se transfigurado na vontade da sociedade supostamente amedrontada.²⁶⁶

²⁶⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0892, 14 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18697> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁶⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0892, 14 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18697> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁶⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0893, 15 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18713> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

O rosto do repórter representaria aqueles que anteriormente foram agredidos por policiais. E, também, uma recordação da impunidade: se praticavam atos ilícitos e continuavam patrulhando as ruas da cidade. Com isso, *Última Hora* buscou angariar apoio para o projeto político que encampava: a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. Durante a exposição, o editorialista de *Última Hora* teve o cuidado de não atingir aquele que havia aberto as portas dos xadrezes para Edmar Morel: Tancredo Neves. E, além disso, procurou angariar apoio dos policiais para a causa.

A esta altura não pode restar a menor dúvida de que o processo se cumprirá. Está em jogo a palavra do Ministro da Justiça [...]. *E ocorre que nenhuma outra entidade poderia, por um princípio de auto-sobrevivência, desejar mais esse expurgo que a própria Polícia.* Com efeito, a permanência em seus quadros de elementos inqualificáveis como os citados, outra coisa não tem sido senão uma fonte de constante humilhação para os homens íntegros que figuram, inegavelmente, na corporação.²⁶⁷ [Grifos meus].

Ao mesmo tempo em que denunciava uns, o jornal almejava se aproximar dos outros. O jornalismo policial diário dependia da manutenção das relações entre setoristas e policiais. Criticar irrestritamente a instituição significaria perder acesso a informações e delegacias. A campanha política do periódico teve que se condicionar a essa especificidade. Policiais liam *Última Hora*. E em suas páginas se encontravam estampadas críticas aos agentes do DFSP.

Para tentar evitar retaliações dos policiais contra seus jornalistas, o editorialista do *Última Hora* propôs um argumento maniqueísta:

Somente um conceito monstruosamente falso, de lealdade e camaradagem poderia levar os elementos sadios da Polícia a tentar dificultar, sub-repticiamente, o total esclarecimento das responsabilidades. E os que o fizeram revelar-se-ão da mesma massa pútrida e venenosa de que são feitos os agressores de Nestor Moreira – os agressores do cassetete, dos estiletos, dos “anjinhos”, das brasas de cigarro, dos “pau de arara”, a recente inovação dos “himmlers” caboclos.²⁶⁸

De um lado estariam os policiais dignos, aqueles que levantavam a bandeira desfraldada por *Última Hora*. Contrários a perpetuação de criminosos no DFSP. Na contramão disso se enquadrariam os agentes representados pelo jornal na imagem do guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto. Caso os policiais não quisessem ser vistos pela sociedade como criminosos, deveriam

²⁶⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0893, 15 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18713> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁶⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0893, 15 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18713> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

se colocar a favor da campanha do jornal. *Última Hora* ponderava que a ofensiva contra a instituição não significava a aversão aos agentes desta. Assim, além do apoio popular, o periódico tencionou legitimar sua luta arregimentando o apoio dos “bons” policiais.

O “furo” jornalístico conseguido por Edmar Morel e os editoriais sobre a reforma do DFSP receberam diagramação exclusiva na página três. No quadrante superior esquerdo da edição n° 897 (20/05/1954), *Última Hora* ponderou que “Não basta mudar os homens, urge reformar o sistema”.²⁶⁹

A reportagem que ÚLTIMA HORA divulga hoje vem complementar a dolorosa observação feita pelo Ministro da Justiça, Senhor Tancredo Neves, em sua entrevista coletiva de anteontem: “Que o sacrifício do repórter Moreira sirva, pelo menos, para apressar a reforma de nosso aparelhamento policial [...]. Efetivamente, o sacrifício de Nestor Moreira não deve servir apenas para explosões sentimentais, nem deve ser permitido que o sangue e a dor de um velho profissional de imprensa se transforme em arma de explorações políticas e demagógicas. [...] Não adianta agora querer saber de quem é a culpa desse deplorável estado de coisas [...]. Não adianta apontar o dedo incriminador para Tancredo ou Âncora, Getúlio ou Dutra: *o horror vem de longe e esta é a hora de enfrenta-lo decisivamente.* [...] Este é o clamor que se ergue hoje por toda cidade. É este o apelo que parte do quarto do hospital em que se acha ainda em perigo de vida o repórter Nestor Moreira. É este o objetivo que levou dois repórteres de ÚLTIMA HORA a vagarem durante duas noites consecutivas pelos escabrosos cubículos das nossas delegacias distritais *e dali trazerem um documentário que, por si só, fala mais do que qualquer discurso, qualquer sermão, qualquer editorial.*”²⁷⁰ [Grifos meus].

A campanha encabeçada pelo jornal poderia se enquadrar a linha editorial de qualquer um dos periódicos que criticavam Getúlio Vargas. A crise de 1953 demarcou a radicalização da imprensa contra o governo. A partir de então, o presidente teve que lidar com duas questões: a perda de apoio político e a ascensão da oposição. A reorganização de forças foi causada pelas denúncias que vinham sendo publicadas pela imprensa do Rio de Janeiro. Logo, estabelecer publicamente a nocividade do Departamento Federal de Segurança Pública forneceria mais munção para os jornais que se mobilizaram contra o presidente.

A contradição foi solucionada no editorial por meio de uma aposta no esquecimento do público. O jornal condenou o uso da campanha para palanques políticos argumentando que o presidente Getúlio Vargas e seu ministro da justiça Tancredo Neves haviam herdado o problema. Porém, desde os tempos do Estado Novo, só houve um governo democrático antes

²⁶⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

²⁷⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

do retorno de Vargas ao poder. Se a responsabilidade, como pontuou o jornal, não era também de Eurico Gaspar Dutra, seria então do regime autoritário comandado por Vargas durante oito anos? Ou então, de Getúlio, no momento em que ascendeu ao poder em 1930?

O editorial foi muito mais uma defesa de Tancredo Neves do que de Getúlio Vargas ou do general Moraes Âncora. Antes dessa publicação, o Chefe de Polícia foi sistematicamente criticado por *Última Hora*. Paralelamente, Vargas estava no poder na maior parte das últimas duas décadas. Por outro lado, o político pessedista comandava o Departamento Federal de Segurança Pública há um ano apenas.²⁷¹

Por conseguinte, o editorial defendeu a atuação de *Última Hora*. As manchetes, notícias e reportagens eram uma resposta do periódico aquilo que a “opinião pública” desejava que fosse feito pelo governo. Assim, por deter os mecanismos de difusão, *Última Hora* seria um agente capacitado a propor a questão reformista.

A edição seguinte do jornal (21/05/1954) reproduziu a formatação: apenas editorialista e Edmar Morel na página três. Na metade superior, a opinião de *Última Hora* foi fortalecida por uma das fotografias de Jader Neves. A lente focalizou as mulheres que se encontravam sentadas no xadrez lotado de uma das delegacias do DFSP. O editorial recebeu o título de “A polícia não pode matar”. Nos dois parágrafos iniciais, o editorialista narrou a suposta repercussão das reportagens de Edmar Morel sobre os presídios. De acordo com *Última Hora*, a tiragem do jornal daquele dia havia se esgotado nas bancas do Rio de Janeiro.²⁷²

Segundo o jornal, todos os cariocas desejavam obter uma cópia das fotografias feitas por Jader Neves. Assim, os leitores supostamente estariam dispostos a pagar preços superiores ao que era praticado por *Última Hora* (Cr\$ 1,00). Depois de propagandear o sucesso da reportagem, o editorialista garantiu que uma das finalidades havia sido atingida:

Estava, assim atingido o primeiro objetivo de nossa missão jornalística. *Despertar o imenso clamor da opinião pública, mobilizando-a para essa reivindicação* que hoje é de todas as camadas sociais: a reforma imediata do aparelhamento policial e o estabelecimento de condições de vida mais dignas para os que são responsáveis pela manutenção da ordem pública. [...] A conduta do Ministro da Justiça neste episódio, facilitando aos nossos repórteres o melhor cumprimento de sua função, merece sem dúvida, o louvor público *que daqui lhe dirigimos pela compreensão que vem*

²⁷¹ Anteriormente, o DFSP foi comandado pelo general Ciro Riopardense de Resende (1951-53).

²⁷² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018.

*demonstrando da utilidade de uma colaboração mais constante e íntima entre governo e a imprensa.*²⁷³ [Grifos meus].

Neste editorial, *Última Hora* almejou demonstrar que ainda detinha prestígio em uma das mais altas esferas de poder do governo Vargas. Assim, o trabalho de Edmar Morel e Jader Neves nos xadrezes teria sido possibilitado por esta relação entre o jornal e o ministro da justiça Tancredo Neves. O objetivo do *Última Hora* era garantir a importância de seu noticiário para a campanha da reforma e, com isso, manter e ampliar a proximidade com o político pessedista.

No dia seguinte, 22 de maio de 1954, o jornal estampou uma reportagem sobre os discursos políticos sobre o DFSP e os xadrezes. Essa matéria funcionou como um comprovante do que o editorialista defendeu anteriormente: a importância do jornal na campanha de reforma. Há o cuidado de expor declarações de correligionários de diversos partidos, inclusive da União Democrática Nacional (UDN). Abaixo do lide, *Última Hora* iniciou a matéria com as palavras proferidas por Artur Santos, categorizado pelo jornal como presidente nacional da UDN:

“As reportagens sobre as prisões da Polícia civil causaram a mais dolorosa impressão no espírito público. Apesar de julgá-las deprimentes aos nossos foros de civilização, em face da notória precariedade das instalações da nossa Justiça, em geral, nunca imaginei que elas fossem a vergonhosa realidade que nos revelam as fotografias estampadas pela ÚLTIMA HORA. Em nome das tradições cristãs do povo brasileiro, de sua cultura jurídica, de seus sentimentos humanitários – impõe-se a destruição dessas masmorras”.²⁷⁴

A UDN reunia os principais adversários políticos do governo, inclusive Carlos Lacerda. Desde a CPI do jornal *Última Hora*, Lacerda e seu partido vinham aumentando seu prestígio no Rio de Janeiro. Assim, a atitude do jornal de expor a declaração do presidente udenista intencionava demonstrar que até mesmo o partido de oposição à Vargas concordava com a necessidade da reforma policial, graças as reportagens de *Última Hora*. Afinal, Artur Santos era um agente autorizado a falar em nome da UDN.

Após focar a atenção da sociedade diariamente nas manchetes sobre a reforma policial, *Última Hora* tencionou controlar a circulação das fotografias feitas por Jader Neves. As imagens eram essenciais para o protagonismo do jornal. Isto estava de acordo com a

²⁷³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018.

²⁷⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18812> Acesso em: 26/06/2018. P. 02.

argumentação do jornal de tentar evitar que a campanha sobre o DFSP se tornasse uma arma da oposição ao governo.

Na primeira página publicada em 24 de maio de 1954, *Última Hora* informou aos leitores que vetou a venda das fotografias para agências de notícias. Além do jornal, apenas parlamentares teriam acesso às cópias, que seriam disponibilizadas pela redação. O jornal alertou políticos que essa atitude serviria “[...] para a mobilização da opinião nacional pela imediata extirpação desse verdadeiro cancro, que contaminou o nosso organismo policial, mas que não as cedam para divulgação em qualquer órgão da imprensa, sem nossa prévia autorização”.²⁷⁵

A opinião expressa no editorial foi reproduzida por Almir Quintanilha na reportagem sobre o cortejo/enterro do repórter policial Nestor Moreira:

Quantos outros Moreiras, entretanto, trabalhadores e simples homens da rua, pequenos comerciantes e modestos funcionários, não tem sido massacrados friamente nas madrugadas sombrias das delegacias distritais ou assassinados em vida nos seus negros cubículos de cimento e ferro? [...] De volta do túmulo de Nestor Moreira, aqui estamos novamente para lembrar as autoridades nacionais e a própria sociedade brasileira: *o desafio permanece de pé. Enquanto este cancro não for eliminado da vida de nosso país, não cessaremos de reclamar, exigir, reivindicar uma radical modificação no sistema penal brasileiro. Nossa campanha está apenas no seu início. A liberdade e a dignidade de uma nação estão em jogo.*²⁷⁶ [Grifos do jornal].

Em 25 de maio de 1954, o jornal publicou um editorial com o intuito de obstruir a tentativa de reorientação da denúncia dos xadrezes, feita por Carlos Lacerda. O *Última Hora* quis alertar seus leitores sobre quem era o proprietário do periódico *Tribuna da Imprensa*:

Quando o repórter Nestor Moreira, assistido por sua mãe, esposa, seus filhos e seus companheiros, exalava o último suspiro, surgiu a porta do *hospital a figura do Corvo*. Até então, ele estava apenas à espreita, aguardando o momento oportuno para, já à beira do túmulo, saciar a sua negra alma de abutre exibicionista e hipócrita. [...] Enquanto Moreira agonizava, levado a morte, no Hospital, pelo fato de exercer com dignidade a sua profissão de jornalista, ninguém viu a seu lado, interessado pela sorte do humilde repórter, a figura sinistra do Corvo. [...] O Corvo, porém, podia enganar o povo, não os verdadeiros jornalistas que sempre estiveram ao lado de Moreira em vida e nos momentos de sua agonia. Estes sabiam muito bem quais eram os desígnios do Corvo, *estes sabiam que ele sempre fora um inimigo da classe pela qual Moreira tombou, [...]. Estes sabiam, em suma, que o Corvo era o anti-Moreira por excelência*²⁷⁷. [Grifos meus].

²⁷⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0900, 24 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18825> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁷⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0900, 24 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18825> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁷⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18839> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

O estabelecimento de adjetivos associados a figura de Carlos Lacerda, ou “o Corvo”, indica muito mais do que uma dicotomia entre o jornalista-político e o repórter morto. No editorial, Moreira simboliza a imprensa “real” e “livre”, ou seja, que supostamente oferece notícias que espelham a realidade. Em oposição, atribuir a pecha de “anti-Moreira” à Carlos Lacerda significa posicioná-lo à margem desse jornalismo que *Última Hora* defendia. Haja vista a ascensão de Lacerda no período, o jornal almejava imputar uma imagem negativa ao adversário para impedir que a campanha pela reforma se transformasse em mais uma oportunidade da oposição.²⁷⁸

Na edição seguinte, (27/05/1954), o jornal republicou o editorial “O Corvo”. Desta vez, na primeira página. Segundo *UH*, o texto atendia as “centenas de telefonemas e solicitações pessoais de leitores [...]”. Entretanto, com essa justificativa, o que se fazia era imputar ao público a demanda por críticas à Lacerda.²⁷⁹

O *Última Hora* fez um balanço sobre a campanha nos editoriais publicados nas edições nº 905 e 907. No primeiro, intitulado de “Cumprindo o dever”, analisou as reportagens feitas pelo redator Edmar Morel. Que a imprensa tomasse o trabalho do jornalista como um exemplo da maneira que deveria lutar pela liberdade e pelos direitos dos cidadãos brasileiros²⁸⁰.

Por conta disso, o jornal encampava as denúncias do repórter, mantendo a vigilância sobre as discussões sobre procedimentos policiais e, também, acerca da investigação do Caso Nestor Moreira. Como prova, *Última Hora* afirmou que as denúncias de Morel seriam encaminhadas ao legislativo para que os deputados discutissem “as monstruosidades policiais nos xadrezes”²⁸¹

Todo esse trabalho, como verdadeiro profissional da imprensa, realizou o repórter de ÚLTIMA HORA com o intuito único de cumprir seu dever de solidariedade a um colega morto. E nesta posição, *sem outras preocupações de caráter pessoal e sem as deixar envolver pelas explorações políticas*, Edmar Morel acompanhará a marcha do processo, até que se faça ouvir a voz da Justiça²⁸².

²⁷⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18839> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

²⁷⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18869> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁸⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0905, 28 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18883> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁸¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0905, 28 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18883> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

²⁸² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0905, 28 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18883> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

O redator já havia concedido um depoimento para o inquérito sobre a agressão no 2º Distrito. Edmar Morel passou de jornalista a testemunha a partir do momento em que publicou as palavras dos detentos que assistiram Peixoto espancar Moreira. A participação do jornalista foi noticiada por *Última Hora* como: “Edmar Morel aponta os Presos Que Assistiram à Cena na Casa do Terror²⁸³”.

A repercussão gerada pelo noticiário foi novamente promovida nos editoriais de *Última Hora*:

Continuam chegando à redação de ÚLTIMA HORA, procedente de todos os recantos do país, centenas de cartas, telegramas e telefonemas de solidariedade às reportagens de Edmar Morel e Jader Neves sobre as masmorras policiais na Capital Federal, documentário que contribuiu de maneira decisiva para o ministro Tancredo Neves solicitar providências imediatas aos poderes públicos, a fim de aparelhar o nosso organismo policial [...].²⁸⁴

Por meio do esforço de seus agentes – manchetes, notícias, reportagens e editoriais – *Última Hora* atribuiu a si a missão de ser a voz pública dos “Moreiras”. Símbolo de homens e mulheres que diariamente sofriam toda sorte de violências praticadas nas ruas e nos xadrezes pelo Departamento Federal de Segurança Pública.

A difusão desta autoimagem foi alimentada pelos editorialistas com as narrativas sobre o estarecimento da sociedade a partir das fotografias dos detentos. As tiragens não só eram números de cópias impressas, mas sim um indício do apelo criado pelo jornal. Além disso, a suposta comoção dos cariocas foi utilizada para concretizar um cenário de consenso público acerca da necessidade da reforma da Polícia Civil.

De acordo com *Última Hora*, civilidade e desumanidade conjugavam os mesmos espaços no Rio de Janeiro. E esse cenário era anterior ao crime contra o repórter Nestor Moreira. Todavia, só se tornou pauta do *Última Hora* e, com isso, existiu publicamente, em 1954, quando a instituição empregou seus recursos editoriais na difusão de uma autoimagem do jornal como o protagonista da campanha pela reforma policial e prisional.

²⁸³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0895, 18 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18752> Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

²⁸⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0907, 31 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18909> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

CAPÍTULO III

O xadrez dos abutres: práticas políticas nas notícias policiais do jornal Última Hora durante a cobertura do caso Nestor Moreira (1954).

Nessa campanha realizada pelo Última Hora, o jornal publicou reportagens policiais sobre assuntos que ofereciam os meios para justificar suas posições a favor da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. Com isso, quatro jornalistas publicaram matérias sobre superlotação prisional, violência policial, impunidade, morosidade processual e, também, sobre a vítima, Nestor Moreira.

Todos esses jornalistas assinaram as reportagens publicadas por *Última Hora*, diferentemente do que ocorreu com as notícias policiais do crime. Assim sendo, é possível supor que o jornal usou as autorias como forma de legitimar os argumentos abordados nas reportagens. Essa questão nos levou a questionar quem era esses profissionais que tiveram suas identidades expostas, fator que os diferenciou do restante da redação envolvida na veiculação de matérias sobre a campanha reformista do Última Hora (editoriais, manchetes e notícias policiais).

Indo além, essas reportagens policiais contêm indícios do estilo de escrita de cada um destes jornalistas (Almir Quintanilha, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Edmar Morel e Hélio Rocha). A forma como abordaram os temas - citados anteriormente - nas matérias se originou de uma reflexão prévia daquilo que o jornal Última Hora intencionava focar e denunciar para defender seu ponto de vista sobre o DFSP.

3.1. Almir Quintanilha e a construção de um símbolo

Assim como Edmar Morel, Almir Quintanilha fez parte da primeira equipe redacional do jornal *Última Hora*.²⁸⁵ Todavia, não nos foi possível determinar se o jornalista trabalhou para o Samuel Wainer nos anos subsequentes (1952-53). Nesse hiato, Quintanilha poderia ter sido demitido ou saído de *Última Hora* para escrever em outro periódico.

Por outro lado, é presumível que o profissional estivesse entre aqueles que não tinham o prestígio de assinar matérias jornalísticas. Ambas as alternativas são suposições. Fato é que,

²⁸⁵ Em busca na Hemeroteca por informações sobre Almir Quintanilha, localizamos um memorial feito pelo jornal Última Hora para o jornalista quando este morreu, em 1961. Nele, o jornal registrava a trajetória de Quintanilha no jornalismo e em UH. ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: XI. Edição 0601. 17 de julho de 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/74869> Acesso em: 16/07/2019. P. 10.

em 1954, Almir Quintanilha figura nas edições de *Última Hora*. O repórter passou a assinar conteúdos para a página policial.

A carreira de Quintanilha contém passagens por redações de outros jornais do Rio de Janeiro. No *Diário Carioca*, foi contemporâneo do editor Pompeu de Souza. Vivenciou, portanto, as reformas editoriais, como a implementação do copidesque. As transformações observadas no jornal foram consideradas o marco zero do processo de modernização da imprensa.²⁸⁶

Além disso, Quintanilha foi jornalista da *Folha Carioca*, veículo do banqueiro e industrial Ricardo Jafet.²⁸⁷ Durante o mandato de Getúlio Vargas, o empresário foi nomeado presidente do Banco do Brasil. A comissão parlamentar de inquérito sobre *Última Hora* confirmou que fora Jafet quem autorizava os empréstimos estatais a Samuel Wainer. Isso à revelia dos laudos técnicos da equipe bancária.²⁸⁸

Dez anos após a fundação do jornal *Última Hora*, Almir Quintanilha faleceu (1961). No dia do enterro, o periódico publicou uma nota em homenagem ao jornalista: “Último adeus a um velho repórter de *Última Hora*”.²⁸⁹ No texto, se apresentava o perfil de Almir Quintanilha e sua trajetória no jornalismo carioca:

Vivendo entre a boemia e o lirismo, Quintanilha destacou-se na reportagem policial, onde jamais fez um inimigo. Sempre bem humorado e disposto, partia o velho Quintanilha para as mais árduas reportagens, voltando para a redação de seu jornal com dados e informações completas. Socialista por princípio e convicção, Quintanilha desapareceu num bonito dia: 14 de julho, data da Tomada da Bastilha.²⁹⁰

A descrição do *Última Hora* indica que o jornalista compartilhava a mesma profissão de Nestor Moreira: repórter policial. Tanto nos relatos memorialísticos quanto nas notícias policiais sobre o crime contra Moreira se observa uma imagem construída para a categoria dos

²⁸⁶ Albuquerque, em artigo, buscou compreender que tipo de modernização se verificou no jornalismo dos anos 1950 e como o caso do *Diário Carioca* contribuiu para o cenário. Para o autor, o que foi feito no DC foi uma modernização autoritária, onde o copidesque figura como um profissional de controle de trabalho de aspectos técnicos e morais. Além disso, destaca o peso dos jornalistas brasileiros na reinterpretação do modelo jornalístico americano para adequá-lo ao cenário brasileiro. ALBUQUERQUE, Afonso. **A modernização autoritária do jornalismo brasileiro**. Op. Cit. 2010. P. 102.

²⁸⁷ TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição: 1230. 09-10 de janeiro de 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/14229 Acesso em: 16/07/2019.

²⁸⁸ Relatório da comissão.

²⁸⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: XI. Edição: 0601. 17 de julho de 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/74869> Acesso em: 17/07/2019.

²⁹⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: XI. Edição: 0601. 17 de julho de 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/74869> Acesso em: 17/07/2019.P. 06.

setoristas policiais, definidos como agentes boêmios e dedicados que enfrentavam as adversidades em nome da notícia. E, também, dignos de homenagens por seus êxitos investigativos.²⁹¹

Essa informação, somada ao fato de trabalharem na mesma cidade, permite supor que, ao menos, Moreira e Quintanilha se conheciam. Afinal, ambos tinham em comum os ambientes de trabalho: delegacias especializadas, distritos, presídios, cenas de crimes e, também, o gabinete de imprensa da chefia de polícia do Departamento Federal de Segurança Pública. Além disso, existiam associações de classe que conjugavam os profissionais do Rio de Janeiro (como a Associação Brasileira de Imprensa).²⁹²

Ao ser alocado na cobertura do Caso Nestor Moreira, Almir Quintanilha escreveu sobre isso. A reportagem buscava retratar a amizade que existia entre o jornalista de *Última Hora* e o repórter agredido pelo guarda Peixoto. O setorista policial foi incumbido de cobrir o cortejo e subsequente enterro de Nestor Moreira.²⁹³

A reportagem sobre os eventos foi a única assinada por Almir Quintanilha. Esse aspecto não significa que sua participação na cobertura de *Última Hora* se limitou a essa publicação. Como partícipe da editoria policial, Quintanilha pode ter sido um dos autores das notícias que buscaram estabelecer a culpa dos policiais pelo crime. Mas, como se tratam de matérias não assinadas, esse aspecto é uma suposição.

O jornal veiculou a reportagem de Quintanilha em 24 de maio de 1954, dois dias após o falecimento de Nestor Moreira no hospital Miguel Couto. Dez dias se passaram até o momento em que a vítima sucumbiu às sequelas. Era uma segunda-feira, dia em que *Última Hora* aumentava os números de páginas e tiragem da edição.

A primeira página da edição n° 900 estampou um questionamento à sociedade carioca: “Até Quando Permanecerão Abertos os Campos de Concentração Das Delegacias Distritais?”²⁹⁴. A pergunta crítica foi acompanhada da diagramação de uma série de manchetes

²⁹¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: XI. Edição: 0601. 17 de julho de 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/74869> Acesso em: 17/07/2019.P. 06.

²⁹² A ABI foi criada em 1908. Segundo o perfil divulgado no site da instituição, um dos objetivos da ABI era garantir os direitos assistenciais da classe jornalística. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/historia/> Acesso em: 12/12/2019.

²⁹³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

²⁹⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18825> Acesso em: 20/07/2019. P. 01.

sobre a violência policial no Rio de Janeiro: “SÓ O POVO JULGARÁ OS ASSASSINOS DE MOREIRA”; “Blitzkrieg Contra a Violência e a Arbitrariedade Policial”; “O PRESO DOENTE FOI ESPANCADO PELO CARCEREIRO NA VIGILÂNCIA”; “ESPERAVA QUE MOREIRA VIVESSE PARA INOCENTÁ-LO”.²⁹⁵

A reportagem de Almir Quintanilha não foi editada em manchete. Entretanto, a denúncia dos “campos de concentração” distritais se desenvolvia na sexta página do primeiro caderno. Na mesma página foi publicado o texto de Quintanilha. A página foi composta por essas duas matérias. A primeira, do lado esquerdo, problematizava a situação dos presidiários nas dependências do Departamento Federal de Segurança Pública. Ao lado, Almir Quintanilha destacou, em título, o sentimento dos presentes no cortejo/enterro do repórter policial de *A Noite*.

Assim, “De Lágrimas Nos Olhos o Povo Acompanhou a Última Viagem de Nestor Moreira”, destacou Quintanilha em título. Se a frase por si só não suscitasse reações, haviam as fotografias feitas pelo fotógrafo de *Última Hora*. O fator emocional foi explorado pelo jornal através de imagens de pessoas enlutadas escoltando o cadáver do jornalista. No lide, o repórter policial do *Última Hora* resumiu os pontos considerados principais de seu texto:

Condenação Pública da Selvageria Policial – Da Praça Mauá ao Cemitério São João Batista – Pequenas Histórias da Vida do “Peixinho” – “Repórter Aqui é na Banca, Velhinho” Uma Das Frases Preferidas do Velho Repórter – O Adeus Dos Amigos.²⁹⁶

O texto da reportagem não foi orientado por meio da técnica da pirâmide invertida (ordem decrescente de importância). Ao escrever sobre o momento, Almir Quintanilha elaborou um diálogo fictício. A conversa tinha dois personagens: o próprio Almir Quintanilha e Nestor Moreira. Os repórteres policiais falavam justamente sobre o enterro. Era Quintanilha quem narrava como se deu o trajeto de Moreira até o cemitério São João Batista:

Bem, vou desligar o telefone agora. Tenho de descansar um pouco. Estou rouco e cansado. Sábado estive numa grande festa e entrei pelo domingo à dentro sem dormir. Era uma festa diferente: as pessoas compareciam sem ser convidadas, sem respeitar trajés. Vi gente descalça, outros com a roupa surrada de trabalho, homens de barbas

²⁹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18825> Acesso em: 20/07/2019. P. 01.

²⁹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

crescidas. *Eram pretos, brancos, mulatos, ricos, pobres*. “Peixinho” eu nunca vi coisa igual.²⁹⁷ [Grifos meus].

O cortejo fora uma “festa”. Em sequência, Almir Quintanilha expôs características do público presente. Todas as esferas sociais dedicaram parte do dia para prestar uma última homenagem ao repórter policial Nestor Moreira. Em contrapartida, repudiavam veementemente a agressão ocorrida naquela madrugada de 11 de maio, no 2º Distrito Policial.

Adiante, Quintanilha informou aos leitores que Moreira era um de seus veteranos no seguimento do jornalismo policial. Eram eles que leriam sua reportagem. Mas o tom da narrativa se mantinha como se fosse um diálogo entre Quintanilha e a vítima que estava sendo sepultada:

Gente teimosa aquela, “Peixinho”. Não obedecia a ninguém. Queria entrar de qualquer maneira. E entraram mesmo. No “peito”, porque parecia que pretendia tocar com as mãos alguma coisa que também a eles pertencia. Cantava muito. É bem verdade que o que cantava era uma canção diferente. Nem sei se aquilo era canção. Você sabe que sou pouco entendido em música. Mas parece que era um hino que a gente canta quando é aluno de escola pública. Aquele que até há pouco Altair e o Wayton cantavam, antes de deixar os bancos escolares. Não diga que não se lembra, “Peixinho”. Afinal de contas você não é tão velho assim. Quarenta e cinco anos. Vou cantar o estribilho e veja se se recorda: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!” Ué! Você está se rindo de que? Não tá acreditando no que estou dizendo. Já sei, você foi “furado”. Dê a mão à palmatória Moreira. Até que enfim chegou o meu dia de lhe dar um “furo”. Seu foca...²⁹⁸

Altair e Wayton Moreira eram os dois filhos do morto com sua esposa Antonieta. A referência aos dois pode ser compreendida como uma forma de atentar o público para o fato de que o DFSP havia deixado dois órfãos de pai. Mais uma vez, Quintanilha apelava para o emocional dos leitores de *Última Hora*.²⁹⁹

Esse trecho da reportagem contém dois jargões jornalísticos utilizados à época. Em primeiro lugar, o “furo”. Nos relatos memorialísticos, ex-jornalistas definiram o termo como o protagonismo de um periódico – por intermédio de seus profissionais – em publicizar alguma notícia antes de seus concorrentes.³⁰⁰

²⁹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

²⁹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

²⁹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰⁰ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 57.

Na editorial policial, o “furo” era objeto de disputa entre os setoristas, que buscavam o ineditismo na publicação de um fato jornalístico para, com isso, captar prestígio entre os pares. Em seu diálogo imaginário com o falecido Nestor Moreira, e por analogia, Almir Quintanilha notificava a seu interlocutor que ele mesmo fora “furado”. Com isso, o repórter de *Última Hora* brincava com o fato da vítima ter ficado para trás na cobertura de seu próprio cortejo/enterro.³⁰¹

O tom de gracejo continuou com o segundo termo: “foca”. Ao adjetivar Moreira desta forma, Quintanilha o definiu como um jornalista iniciante. Esse tom de camaradagem e pilheria entre dois prováveis amigos, tal como expresso no diálogo, sugere empatia. E não foi por acaso que, depois de se referir dessa forma aparentemente íntima ao seu interlocutor, o repórter de *Última Hora* retomou a reflexão sobre quem era Nestor Moreira. Com esse trecho, Quintanilha quis se mostrar como alguém autorizado a falar sobre o colega-vítima.

De acordo com a reportagem, Nestor Moreira era detentor de prestígio na imprensa. E isso, entre outras coisas, por ser um setorista policial notório justamente por conseguir “furos” ao longo de sua carreira. Segundo Quintanilha, até ser internado em consequência da agressão, Moreira estaria entre os principais jornalistas de crime da cidade.³⁰²

Voltemos ao contexto do enterro, registrado por Quintanilha e pelo fotógrafo de *Última Hora*. Entre os presentes estavam representantes dos jornais cariocas. Alguns expressaram suas condolências enviando coroas de flores para o túmulo de Nestor Moreira. Segundo o repórter policial, *Última Hora* se destacou de seus concorrentes em relação às homenagens ao falecido. O proprietário Samuel Wainer teria despachado quatro camionetas e um jipe de reportagem com Almir Quintanilha para fazerem parte da procissão enlutada.³⁰³

A narrativa dialógica criada pelo jornalista buscou defender que a sociedade e a imprensa conjugavam da mesma opinião sobre o Caso Nestor Moreira. O encaminhamento do texto se dirigiu para um cenário de mobilização geral em torno do homicídio. Para Quintanilha, só um setor estava alienado da campanha: o Departamento Federal de Segurança Pública, instituição que mantinha policiais como Paulo Ribeiro Peixoto em seus quadros. A “festa” que pertencia a todos, sem distinção de credos ou vestimentas, se fechava à Polícia Civil. Não era

³⁰¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

permitido acesso àqueles que foram responsáveis pela morte precoce de Nestor Moreira, tal como sugeria o texto de Quintanilha.³⁰⁴

Na narrativa, essa alienação baseava uma distinção fundamental entre o bem e o mal. Segundo ela, enquanto Nestor Moreira simbolizava o povo, o guarda Peixoto representava o que era o Departamento Federal de Segurança Pública. E, através de Peixoto, de maneira generalizada, o Departamento era retratado como uma instituição que, ao invés de prover segurança, praticava violências contra cidadãos:

Bravos, Peixoto. Você é um herói. *Tirou a vida de um cidadão* cujo único crime foi procurar a Delegacia do 2º Distrito Policial para resolver um caso de insignificante importância. Mas você, como policial zeloso que era (*será que voltará a ser?*) agiu na forma da lei, a lei da borracha, dos pontapés e dos cachações: “É a Polícia”. Por isso tudo o público condenou a selvajaria praticada pelas autoridades do 2º Distrito Policial e provou também que nem só de carnaval vive o povo.³⁰⁵ [Grifos meus].

O recurso à ironia na construção da imagem do “herói-zeloso” que não era Peixoto se direcionou para a difusão de uma denúncia. O guarda era um sintoma de um problema maior: a corrupção e o desvirtuamento da instituição policial. Peixoto já se encontrava preso. De fato, para Quintanilha, o Departamento Federal de Segurança Pública era a ameaça para o Rio de Janeiro. Haviam outros policiais na instituição que tinham por hábito empregar métodos não legais durante plantões nos distritos e nas rondas pelas ruas da cidade. Nestor Moreira se tornou aquilo que qualquer um poderia vir a ser e o DFSP uma estrutura que causava esse quadro.³⁰⁶

Esses argumentos buscavam persuadir os leitores de *Última Hora* a se alinharem com o jornal contra o Departamento Federal de Segurança Pública. O que se pintava era um cenário maniqueísta, em que o mal residia no DFSP. Segundo Quintanilha, o primeiro passo para uma aliança contra esse mal havia sido dado: imprensa e sociedade formaram um coro contra a violência policial, como testemunhava a lotação do enterro de Nestor Moreira.

Em certa altura do texto, o repórter policial de *Última Hora* se dedicou a redigir a história do “Peixinho”, alcunha pela qual Moreira era conhecido entre os colegas de profissão.

³⁰⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

Nos últimos subtítulos da reportagem sobre o enterro, Quintanilha relatou que o apelido fora criado por Lincoln Massena, redator-secretário de *A Noite* e amigo da vítima.

Além de retomar a narrativa empática, nesses trechos da reportagem Quintanilha voltou a simbolizar Nestor Moreira como um homem do povo: honesto, trabalhador e de origem humilde:

Ele que era tão despretensioso, tão acessível, que desprezava toda mania de grandeza, o Nestor Moreira que jamais em sua vida sonhou em se tronar um ídolo da Liberdade (embora a defendesse constantemente) se visse o transtorno que causou pelas ruas da cidade, interrompendo e modificando o trânsito [...], congregando multidões, fazendo uma porção de pessoas chorar, de certo perguntaria:

- Por que essa coisa toda, “velhinho”?

E nós que o conhecíamos muito bem, teríamos de comentar.

- Festa do Moreira é assim.³⁰⁷

Na reportagem, Nestor Moreira foi construído como algo a mais que uma vítima. No texto, ele representa o povo e simboliza a liberdade, e não só de imprensa, mas também as garantias democráticas estabelecidas pela Constituição de 1946. E, para tanto, o repórter de *A Noite* foi apresentado como um exemplo profissional:

Lá se vai o nosso companheiro, o Nestor Moreira, o “Peixinho”, o “Gato Angorá”, aquele que dava “furo” mas era amigo dos focas amigos: Nada de mascarados com ele:

- Repórter é aqui na banca, velhinho (velhinho era o seu termo predileto) dizia ele quando aparecia alguém que pretendia trabalhar em jornal a troco de nada.

- Se você quer trabalhar de graça é porque é chantagista, velhinho. Vai me roubar amanhã.³⁰⁸

Ao caracterizar a carreira de Moreira pela honestidade jornalística, como se ele fosse um agente que balizava o que era objetividade e a neutralidade, Quintanilha o enquadrava no discurso difundido pela imprensa do período. Não vislumbrar ganhos monetários ou favorecimentos para além daqueles possíveis na estrutura corporativa a qual pertencia fazia de Moreira um profissional de seu tempo, um caso bem-sucedido ou uma expressão da ruptura que se realizou no campo do jornalismo pelos anos 1950. Por essa época, o discurso de

³⁰⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³⁰⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

imparcialidade foi introduzido para aplacar práticas corruptas que, antes, se considerava serem comuns e generalizadas.³⁰⁹

Todavia, as relações de interesses entre jornalistas e políticos foi um traço característico do jornalismo desde o século XIX que, ao que tudo indica, não havia desaparecido.³¹⁰ Barganhas e trocas de favores eram regulares entre uns e outros. E esse jogo de interesses poderia se manifestar de várias maneiras, como, por exemplo, através da veiculação sucessiva de notícias críticas ou favoráveis a alguma figura de poder.³¹¹

Outrossim, ao contrário do que afirmava a reportagem de Almir Quintanilha, não se pode garantir que essas práticas tiveram um fim peremptório com a deflagração dos processos de modernização observados nos anos cinquenta. Muito pelo contrário, a historiografia determinou que ainda se perpetuavam no jornalismo.³¹²

O próprio jornal em que Quintanilha trabalhava era uma prova. Samuel Wainer conseguiu sair da posição de repórter para proprietário quando firmou sua aliança com Getúlio Vargas e, com isso, conseguiu estabelecer o *Última Hora*. O preço pago foi o apoio as ações políticas do presidente.

E Quintanilha terminou por evidenciar que essas dinâmicas se perpetuavam. Para formatar a imagem de Nestor Moreira como um símbolo social-jornalístico, precisou definir o que era o “outro”. Supostamente a vítima repudiava profissionais que ingressavam nas redações de jornais em busca de ganhos indevidos.

Ao fim da reportagem, Quintanilha recobrou a denúncia contra o DFSP:

Todos reparam apenas uma coisa: os bandidos que mataram Nestor Moreira estão em liberdade. Faz-se necessário encarcerar-los imediatamente. Eles roubaram, amigo leitor, a vida de Nestor Moreira. *Amanhã roubarão a minha, a sua, a nossa vida.* Cuidado que eles podem estar atrás de si num banco de ônibus, no café onde “bate um papo”, ou mesmo cruzando consigo em plena rua. *Cuidado, porque eles tem uma missão seríssima: MATAR.*³¹³ [Grifos meus].³¹⁴

³⁰⁹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950.** Op. Cit. 2003. P. 148.

³¹⁰ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Op. Cit. 1999. P. 12.

³¹¹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Op. Cit. 1999. P. 03.

³¹² RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Op. Cit. 1999. P. 12.

³¹³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³¹⁴ Entretanto, a grafia em caixa alta na palavra “matar” foi grifada pelo jornalista ao escrever a matéria para Última Hora.

Não só a posição como repórter de *Última Hora* respaldou as críticas de Quintanilha. Ele seria também um amigo da vítima, discurso avaliado pelos editores e publicado em *Última Hora*. O texto da reportagem confluía para o objetivo principal: construir Nestor Moreira como um símbolo social-jornalístico da campanha difundida contra a Polícia Civil. Esse simbolismo comportava alguns significados. Primeiro, o caso fornecia a representação de um povo que precisa defender seu direito à liberdade democrática. Além disso, Moreira também simbolizava as virtudes da classe jornalística. E essas imagens do Nestor Moreira simbólico circularam pela cidade através das mais de cem mil cópias da edição 900 do *Última Hora*, de 24 de maio de 1954.³¹⁵

3.2. Hélio Rocha no paraíso da criminalidade

Em sua trajetória no jornal *Última Hora* Hélio Rocha cobriu diversas pautas noticiosas. A partir de 1952 o jornalista figura nas páginas publicadas assinando matérias sobre polícia, artes, esportes e cidade. O repórter cobriu o motim de presidiários ocorridos na carceragem da Ilha de Anchieta. Após se sublevarem, parte dos internos conseguiu fugir do local. Com isso, *Última Hora* enviou Hélio Rocha e Luís Belo - também setorista de polícia - para acompanhar o caso. Uma dessas matérias foi publicada na edição 316, de 24 de junho de 1952, com o seguinte título estampado em caixa alta: “CAÇADOS COMO FERAS!”³¹⁶

Em 1953, Hélio Rocha viajou novamente. Desta vez, o destino foi Minas Gerais. A série de reportagens produzidas por Rocha durante essa missão são marcadas pelas características narrativas de apelo ao sensacional. Rocha foi acompanhado pelo fotógrafo Paulo Reis. Eles deveriam investigar as denúncias e relatos de moradores do interior do estado sobre eventos sobrenaturais que envolviam crenças religiosas e misticismo.

Na cidade de Borda da Mata, Rocha e Reis entrevistaram dezenas de cidadãos sobre a presença do diabo. Os cidadãos lhe haviam afirmado que ouviram a voz da entidade na casa de um lavrador. Na edição n° 576, do dia 29 de abril de 1952, *Última Hora* definiu a missão

³¹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18830> Acesso em: 20/07/2019. P. 06.

³¹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0316. 24 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/8653> Acesso em: 17/07/2019. P. 20

imputada a Rocha e Reis como a “[...] busca do demônio pelo interior de Minas”³¹⁷. A veiculação das entrevistas nessa edição deflagrou uma série de reportagens. Dias depois, na edição 578, do dia 02 de maio, Hélio Rocha publicou no *Última Hora* uma sequência com o título de “O Diabo Carregou o Padre Montado a Cavalos Nas Costas”.³¹⁸

O cônego Pedro Cintra perguntou então, em latim:

CÔNEGO – Quem tu és?

A VOZ – Sou o diabo.

CÔNEGO – Insisto, responda. Quem tu és?

A VOZ – Já disse que sou o Diabo. Vim das profundezas do inferno e quero matar vocês todos e fazer uma sopa.

O Cabo transformado, prossegue suas declarações:

- “Foi um horror. O Cônego rezando e se benzendo perguntou à voz:

- Como te chamas?

A VOZ – Chiquinho Prudêncio.³¹⁹

Segundo a matéria, a equipe do jornal também se dirigiu para a casa do lavrador, “[...] tentando se avistar com o Diabo para uma entrevista exclusiva com ÚLTIMA HORA e FLAN”.³²⁰ Pouco tempo depois, Rocha e Paulo Reis entregaram reportagens para *Flan* que eram também resultados de uma missão do tipo. Entre maio e junho de 1953, eles haviam passado por Minas Gerais e São Paulo em busca do paradeiro de um jovem que havia se descoberto mulher ao atravessar a puberdade. Na segunda semana e na terceira semana de junho desse mesmo ano, a revista publicou a reportagem que retratava o caso em duas partes, com o título de “Vida, Paixão e Morte do Homem Que Virou Mulher”.³²¹

Dois meses depois, Hélio Rocha ressurgiu nas páginas de *Última Hora*. O repórter foi enviado a Duque de Caxias para cobrir um cerco policial à casa de Tenório Cavalcanti.³²² Juntamente de outros setoristas, Rocha assinou a reportagem que foi exposta em manchete da

³¹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0576 29 de abril de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13505> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

³¹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0578 02 de maio de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13549> Acesso em: 17/07/2019. P. 07.

³¹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0578 02 de maio de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13549> Acesso em: 17/07/2019. P. 07.

³²⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0578 02 de maio de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13549> Acesso em: 17/07/2019. P. 07.

³²¹ FLAN O JORNAL DA SEMANA, Rio de Janeiro. Ano: I Edição: 009 07 a 13 de junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/257> Acesso em: 17/07/2019.

³²² Tenório Cavalcanti era um dos correligionários da União Democrática Nacional, partido de oposição à Vargas, desde 1945. Em 1950, foi eleito para o cargo de deputado com a quarta maior quantidade de votos entre os udenistas. Desde então, foi um crítico à política do presidente. Em 1953, Cavalcanti se envolveu na morte do delegado Albino Martins de Sousa Imparato. Cf. Israel BELOCH. Tenório Cavalcanti. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

edição n° 0683, do dia 02 de setembro de 1953.³²³ O esforço de reportagem do jornal se justificava pelo objeto da ação policial. Em 1953, Tenório Cavalcanti encampou as críticas aos financiamentos do Banco do Brasil a *Última Hora*.³²⁴

Quando *Última Hora* soube da ordem para prisão de Tenório Cavalcanti, mandou para Duque de Caxias Augusto Donadel Jorge, José Augusto, José Montenegro e Hélio Rocha. Nesse ínterim, Hélio Rocha esteve trabalhando ao lado de um dos jornalistas policiais mais prestigiados na redação de *Última Hora*: Augusto Donadel Jorge, então chefe da editoria de polícia do jornal. Essa matéria rendeu aos jornalistas da editoria policial o prêmio Roquete Pinto de melhor reportagem do ano de 1952. O título era oferecido pela Associação Brasileira de Rádio (ABR). O resultado foi celebrado por *Última Hora*: Samuel Wainer foi receber o prêmio em nome de seus repórteres.³²⁵

Em maio de 1954, Hélio Rocha estava trabalhando nas investigações do homicídio de René Aboab para *Última Hora*. O caso que pode ter servido como referência para as primeiras denúncias publicadas pelo jornal sobre a agressão a Nestor Moreira. E isso por que *Última Hora* supôs que o repórter teria sido atacado enquanto estava a serviço, buscando informações sobre o assassinato de Aboab.³²⁶

No dia 06 de março, Rocha e o fotógrafo Reis publicaram uma reconstituição do crime cometido contra Aboab na edição n° 885 do *Última Hora*. Uma imagem que representava por simulação o momento em que Aboab fora estrangulada por um lençol em sua cama. Essa fotografia, produzida por Reis, foi estampada junto com uma manchete de primeira página sobre o caso.³²⁷

O histórico de reportagens de Hélio Rocha evidencia que seu estilo tendia a explorar aspectos sensacionais a partir dos fatos. Essa mesma prática foi reproduzida seis dias após Nestor Moreira ser agredido, quando o repórter entrevistou parentes, amigos e médicos no

³²³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 683 02 de setembro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/15380> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

³²⁴ Cf. Israel BELOCH. Tenório Cavalcanti. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio> Acesso em: 04/01/2020.

³²⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0530 05 de março de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/12691> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

³²⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.

³²⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0885 06 de março de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18583> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

hospital Miguel Couto. Em 17 de maio, na edição n° 894 do jornal, o texto da reportagem foi resultado também dessas entrevistas e foi difundido como uma manchete impressa em letras garrafais, com um teor de exagero. Segundo essa matéria, na ocasião havia “108 MÉDICOS RESSUSCITANDO O REPÓRTER NESTOR MOREIRA”.³²⁸ Com este título, Rocha buscou determinar a complexidade da luta pela vida da vítima.

A reportagem completa foi publicada na oitava página da edição do dia 17 de maio. Uma sequência de fotografias feitas no hospital ilustrou o texto de Hélio Rocha. Na parte superior, foi publicada uma imagem da vítima repousando no leito. Tais imagens forneciam evidências para o cenário que o repórter policial descreveu para os leitores logo no início da reportagem:

Um homem tem a vida por um fio em seu leito de agonia. Ao seu lado estão a esposa, o casal de filhos, irmãos, parentes e os amigos espalhados pelos corredores brancos do hospital. *Um sacerdote lhe dá a extrema unção encomendando sua alma à Deus. A sua cabeceira estão os médicos, esperando o desenlace a qualquer momento. O repórter Nestor Moreira tem a cara arrebatada pelos pontapés dos guardas do 2° Distrito. [...] Sua barriga foi aberta pelos médicos na mesa de operação e está agora costurada, cheia de pontos como os cordões trespassados de uma botina, da mesma botina do guarda Peixoto, do guarda Claudionor, do guarda Ferreira que avançaram como bestas sobre o homem abatido no chão, a socos e pontapés. Do Comissário Gilberto Alves não, que o homem só usa sapatos de verniz e, na hora do crime, se limitou a sorrir. Todos os recursos da ciência já haviam sido empregados e só mesmo um milagre poderia arrancar o homem das garras da morte.*³²⁹ [Grifos meus].

A temporalidade da narrativa indica a expectativa de todos os que se encontravam no hospital. A morte de Nestor Moreira era uma certeza, a questão seria quando ele faleceria. Todavia, o texto da reportagem foi atravessado por dubiedades. De acordo com Rocha, Nestor Moreira resistia diariamente e evidenciava uma lenta recuperação. Momentos de delírio e lucidez eram alternados pela vítima. E Rocha garantiu ter conseguido testemunhar um dos rompantes de sobriedade de Nestor Moreira. Nesse instante, o jornalista supostamente teria contado que havia sido agredido por policiais do 2° Distrito:

Me jogaram no chão. Pontapés na barriga. O comissário viu. [...]

³²⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894 17 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18725> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

³²⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894 17 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18725> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

Vocês estão me passando a perna nesse caso. Mas deixar estar velhinho, que se eu morrer vou furar todo mundo fazendo uma entrevista com São Pedro, e dou um jeito de mandar a reportagem por uma sessão espírita...³³⁰

Na semana seguinte saiu mais uma reportagem relacionada ao caso. A primeira página de *Última Hora* divulgou uma cerimônia da Polícia Militar. No evento, Hélio Rocha presenciou o momento em que eram “Degradados Publicamente os Soldados Criminosos”. Fotografias registraram quando um oficial ordenava aos agentes que retirassem suas fardas para serem expulsos da Polícia Militar³³¹.

Os policiais em questão eram parte da equipe que ficava lotada no posto da Pavuna. De acordo com Rocha, as acusações eram variadas e envolviam extorsão, agressão e exploração do meretrício no bairro etc. Na retranca, acima da manchete, o repórter sugeria que a atitude da Polícia Militar deveria ser “[...] um exemplo para o gen. Âncora: não transigir com a violência”.³³²

Hélio Rocha se aproveitou do evento para endereçar mais uma crítica do jornal ao chefe de polícia, Armando de Moraes Âncora. O repórter instigava os leitores a defender que a mesma atitude de penalização de maus elementos da Polícia Militar, tal como observado na ocasião da cerimônia que era objeto da cobertura, fosse reproduzida no Departamento Federal de Segurança Pública. Anteriormente, na primeira página, os editores de *Última Hora* também haviam opinado em favor de um expurgo na Polícia Civil, em editorial.³³³

O sentido da narrativa da reportagem de Hélio Rocha para a edição 901 do *Última Hora* de 25 de maio de 1954 relacionava a conivência do general Âncora com a violência policial. Uma evidência disso é o fato de que, nessa reportagem, assim como na do hospital, publicada na edição 894 do dia 17 do mesmo mês, Hélio Rocha se colocou como testemunha das palavras de outrem. E dessa vez, a fonte não foi identificada nominalmente, mas apenas como uma senhora que estaria ao lado de Rocha durante a cerimônia da Polícia Militar. Vendo o expurgo realizado durante o evento, essa senhora teria dito que: “Isso devia servir de exemplo para o

³³⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894 17 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18725> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

³³¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

³³² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

³³³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18839> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

Chefe de Polícia. O General Âncora precisa fazer o mesmo no DFSP varrendo da corporação os policiais indignos.³³⁴

A partir disso, Rocha propôs uma comparação entre as “imagens públicas” de três instituições: o Corpo de Bombeiros, o Departamento Federal de Segurança Pública e a Polícia Militar. Para Rocha, apenas uma era desprestigiada pela população do Rio de Janeiro:

A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, justamente duas das mais estimadas corporações da Capital da República são sempre bem vistas aos olhos da população. E se o mesmo não acontece com o DFSP é porque os maus policiais geralmente não são punidos, preferindo a polícia encobrir os desmandos de seus funcionários.³³⁵

Com esse argumento, o repórter policial apresentou uma justificativa para o que havia ocorrido com o colega Nestor Moreira. A violência policial era reflexo da ineficiência, ou conivência, histórica dos que ocuparam o cargo de Chefe de Polícia do DFSP. Essas autoridades não haviam proposto punições aos que agiam arbitrariamente.³³⁶ Assim, Rocha, além de explorar a violência como fez Quintanilha, denunciou a ineficiência das lideranças da Polícia Civil.

Na edição nº 913 do *Última Hora*, do dia 07 de junho de 1954, o jornalista embasou seu ponto de vista. Em uma reportagem intitulada “Rio, Paraíso de Criminosos Impunes”, Rocha se deteve sobre o histórico de homicídios ocorridos no Rio de Janeiro nos últimos anos. O repórter se interessou por aqueles casos que constavam como não solucionados nas delegacias do Departamento Federal de Segurança Pública.³³⁷

Na chamada, Rocha ironizava: “Mate e Fique Tranquilo: A Polícia é Cega...”. Ao lado do título, para ilustrar a situação, o jornal estampou uma fotografia de René Aboab sorrindo. O cenário provocado pela negligência ou pela crise institucional do Departamento Federal de Segurança Pública, tal como construído pela reportagem, era calamitoso. Segundo Rocha, transgressores caminhavam livremente pelas ruas da cidade.³³⁸

³³⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

³³⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

³³⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

³³⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

³³⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

Se colocando como um bandido impune, Rocha ponderou que:

Mate de uma vez e pague em dez prestações. Esse anúncio jocoso, de que nos fala a anedota, publicado por conhecido advogado de porta de xadrez, não suplanta a realidade dos fatos. Sim, porque dezenas de criminosos impunes, soltos pela cidade e a esta hora zombando da Polícia, parecem aconselhar aos companheiros: mate. Mate à vontade que a Polícia arquivará o processo. O crime perfeito existe nesta terra. Olhe para mim. *Matei um homem dormindo placidamente em sua casa e não fui incomodado. Ando pelas ruas livremente, arquitetando novos crimes e ninguém suspeita de mim*³³⁹. [Grifos meus].

As matérias de Quintanilha e Rocha confluem para uma mesma interpretação. Segundo elas, o DFSP era uma dupla ameaça. Primeiro, pela violência que sujeitava as pessoas inocentes, como Nestor Moreira, e, segundo, em razão da ineficiência. Segundo essa mesma interpretação, enquanto atacavam cidadãos, os criminosos reais continuavam à margem da lei: a funcionalidade do DFSP não existia, e a instituição se tornou a principal causadora da insegurança social. Rocha dizia que:

Ninguém mais pode estar tranquilo em sua casa. Os crimes se sucedem, no recesso dos lares, e os assassinos ficam impunes. *A sociedade brasileira está abalada diante dos acontecimentos que se precipitam diariamente nas manchetes fartas dos jornais. As famílias estão entregues à própria sorte diante dos fracassos sucessivos dos “sherlocks” nacionais. Quem matou a célebre Pierrot, crime que apaixonou a opinião pública durante anos seguidos? Os crimes insolúveis se multiplicaram através dos tempos. Até hoje não foi descoberto o paradeiro do criminoso do Edifício Aclamação. O latrocínio da Ladeira dos Guararapes permanece na estaca zero. O esartejamento dos Pilões, com a ossada macabra encontrada às margens de um rio de Petrópolis, até hoje perdura no mais denso mistério. O crime da machadinha voltou ao ponto inicial com a absolvição de Aracy Abelha por falta absoluta de provas. A Polícia, diante dos primeiros suspeitos, como no caso do italiano Alex, amante da francesa Aboab, assassinada em Copacabana, parece fazer um verdadeiro jogo de cabra-cega, apontando à Justiça o primeiro suspeito para não ter muito trabalho. [...] *Ai de nós, se a moda pega, todo cristão, inclusive o leiteiro, o padeiro e o alfaiate, que tenha seus nomes anotados no bolso de um cadáver será tido como suspeito pela Polícia.*³⁴⁰ [Grifos meus].*

Por conta destes casos de impunidade, Hélio Rocha avaliou negativamente o Departamento Federal de Segurança Pública:

Eis a triste situação a que chegamos. A Polícia impotente, levando meses, às vezes anos, para solucionar crimes como por exemplo o do Castiçal, sem mistério algum, em que um homem foi ferido dentro de um apartamento onde se encontrava apenas sua esposa e as empregadas dormindo. Dona Cecília, apontada pela própria Polícia

³³⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

³⁴⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

como suspeito número um, no assassinato do advogado, até hoje não foi ouvida. Por quê?³⁴¹

Em nenhum momento dessa reportagem sobre o “paraíso de criminosos” Rocha citou Nestor Moreira ou mesmo os fatos ocorridos no 2º Distrito. Ele optou por tratar de dois dos homicídios que haviam ocorrido em Copacabana, jurisdição sob guarda daquela delegacia. Com isso, sua reportagem se articula intrinsecamente com a linha editorial adotada por *Última Hora* sobre o Caso Nestor Moreira. Mesmo a vítima estando viva no momento de publicação desta reportagem, Rocha afirmou que o colega iria morrer e, a partir disso, passou a criticar o DFSP.³⁴² Há, portanto, uma evolução na narrativa das reportagens produzidas por Hélio Rocha. O crime cometido pelos agentes do 2º DP estava consumado e Moreira perderia a vida. Nessa matéria da edição nº 913, são evidentes os paralelos com as publicações anteriores de Rocha para *Última Hora*.

A mulher que criticou o general Âncora realmente existiu ou foi uma personagem inventada pelo repórter especializado em narrativas sensacionais? Independentemente disso, a declaração serviu ao seu propósito: evidenciar que a população entendia a necessidade de um expurgo no Departamento Federal de Segurança Pública. E essa foi uma das bandeiras irradiada nas manchetes de *Última Hora*.³⁴³

Por último, identificar a cidade como um paraíso de criminosos subvertia o papel social da Polícia Civil. A importância de suas reportagens para a campanha do jornal se tornam mais evidentes quando as aproximamos das matérias escritas por outro jornalista: Antônio Evaristo de Moraes Filho.

3.3. Antônio Evaristo de Moraes Filho e a educação policial

Em junho de 1952, o jornal *Última Hora* comemorou seu primeiro ano de existência no Rio de Janeiro. A data foi celebrada na edição do dia 11 de junho, por meio da publicação de manifestações de personalidades parabenizando o periódico. Na primeira página da edição nº 305, foi estampada uma mensagem enviada por ninguém menos que o presidente da república,

³⁴¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

³⁴² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894 17 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18725> Acesso em: Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

³⁴³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

Getúlio Vargas, felicitando Samuel Wainer pela conquista. Abaixo, a nota da redação foi assinada pela equipe de jornalistas de *Última Hora*. Na editoria de reportagem se encontra registrado o nome de Antônio Evaristo de Moraes Filho.³⁴⁴

Nos anos 1950, Antônio Evaristo de Moraes Filho cursava Direito na Universidade do Brasil, enquanto trabalhava para *Última Hora*. Era oriundo de uma família de juristas brasileiros. Seu pai, Evaristo de Moraes, atuou no Ministério do Trabalho durante a vigência do Estado Novo.³⁴⁵

Há registros que atestam que o repórter trabalhava no jornal de Samuel Wainer desde, pelo menos, 1952. Nesse ano, foram publicadas matérias assinadas por ele sobre pautas que abordavam temas relacionados ao Direito. Por exemplo, em dezembro de 1952, Evaristo de Moraes publicou o texto “QUARENTA MIL PROCESSOS JULGADOS POR 23 JUÍZES” no jornal. O ponto central dessa matéria era atentar para a disparidade entre o número de processos e a quantidade de juristas. Moraes Filho sugeria que não havia togados suficientes para dar conta das demandas da cidade.³⁴⁶

Ao inventariar os volumes processuais, Antônio Evaristo de Moraes Filho teceu críticas às denúncias direcionadas aos bicheiros do Rio de Janeiro. De acordo com o jornalista, não havia nenhum processo tramitando na justiça contra “banqueiros” do jogo do bicho e somente os “[...] humildes bicheiros” eram acusados pela Delegacia de Costumes e Diversões do Departamento Federal de Segurança Pública. Para o repórter, se fazia necessário investigar aqueles que controlavam a contravenção.³⁴⁷

³⁴⁴ Atualmente, a família de Antônio Evaristo de Moraes Filho mantém um site onde se encontram dados biográficos de seus membros. Segundo o site, Antônio Evaristo de Moraes Filho foi: “Doutor em Direito Penal e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil, membro do Conselho Nacional de Polícia Criminal e Penitenciária e presidente do Conselho Estadual de Política Criminal e Penitenciária. Evaristinho, como era carinhosamente chamado pelos amigos, chegou a se aventurar no jornalismo, como repórter do jornal *Última Hora*”. EVARISTO DE MORAES. Antônio Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://evaristodemoraes.com.br/antonio-evaristo-de-moraes/> Acesso em: 01/08/2019.

³⁴⁵ EVARISTO DE MORAES. Antônio Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://evaristodemoraes.com.br/antonio-evaristo-de-moraes/> Acesso em: 01/08/2019.

³⁴⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0455. 03 de dezembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11194> Acesso em: 01/08/2019. P. 13.

³⁴⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0455. 03 de dezembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11194> Acesso em: 01/08/2019. P. 13.

No decorrer de 1952-53, o jornalista escreveu mais matérias relacionadas ao direito penal.³⁴⁸ Todavia, nestas publicações, Antônio Evaristo de Moraes Filho não se alongou nas críticas ao Departamento Federal de Segurança Pública. Sua posição era de defesa das leis vigentes³⁴⁹ e de combate a legalização da pena de morte no Brasil.³⁵⁰

Com isso, a área de atuação de Antônio Evaristo de Moraes Filho o aproximava dos assuntos policiais. Por exemplo, em nome da revista *Flan*, ele acompanhou o julgamento do tenente Alberto Jorge Franco Moreira, um militar que fora acusado pelo assassinato do bancário Arsênio de Lemos, ocorrido em 1952. O homicídio foi nomeado na imprensa como o crime do Sacopã, em referência ao fato do corpo ter sido encontrado pelos policiais na ladeira de mesmo nome. Nos relatos memorialísticos dos ex-jornalistas, esse caso foi apontado como um dos que mais mobilizaram os jornais cariocas. Segundo José Alves Pinheiro Júnior, Antônio Evaristo de Moraes Filho teria lhe confidenciado à época:

Na cabeça havia os sinais complementares e definitivos da causa mortis: pelo menos 36 ferimentos contundentes produzidos pela coronha, ao que tudo indicava, da mesma arma calibre 32 nunca encontrada para as provas definitivas
- Tantos ferimentos evidenciavam ódio e impulso passional – *me garantiu Evaristo de Moraes Filho, nosso editor de assuntos policiais.*³⁵¹ [Grifos meus].

Em função de sua trajetória e relações *Última Hora* deixou a cargo de Antônio Evaristo de Moraes Filho a parte jurídica do Caso Nestor Moreira e acerca da viabilidade de uma reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. A primeira aparição de Antônio Evaristo de Moraes Filho no Caso Nestor Moreira se deu através da reportagem publicada em 18 de maio de 1954. Na primeira página da edição n° 0895, *Última Hora* diagramou a chamada da matéria: “Os algozes de Moreira e o Código Penal: DE 12 A 30 ANOS DE CADEIA A PENA PARA OS ESPANCADORES. Leia na Quarta Página Deste Caderno”.³⁵²

³⁴⁸ Antônio Evaristo de Moraes Filho passou a assinar uma coluna intitulada “Dentro do Fórum”. Em uma edição, o jornalista expôs as cartas que seu pai havia escrito para seu irmão sobre o sistema penal brasileiro e suas deficiências. *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0728. 24 de outubro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/16080> Acesso em: 01/08/2019. P. 07.

³⁴⁹ *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0455. 03 de dezembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11194> Acesso em: 01/08/2019. P. 13.

³⁵⁰ *FLAN O JORNAL DA SEMANA*, Rio de Janeiro. Ano: I Edição: 009 28 de junho a 04 de julho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/355> Acesso em: 17/07/2019. P. 09.

³⁵¹ PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora (como ela era). História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer.** Op. Cit. 2001. P. 82.

³⁵² *ÚLTIMA HORA*, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18747> Acesso em: 01/08/2019. P. 01.

Os dois primeiros parágrafos da matéria foram dedicados as razões que teriam motivado o repórter a escrever. De acordo com o texto, Moraes Filho tinha entendido que havia uma necessidade de responder a desinformação que assolava a sociedade. O cenário apontado era uma crítica aos outros jornais que supostamente divulgavam notícias que não condiziam com a verdade.³⁵³

As relações mantidas com personalidades do campo jurídico foram novamente acionadas. Tendo como referência as declarações dos entrevistados, Moraes Filho explicou didaticamente como aconteceria os trâmites processuais. A justiça cumpriria seu papel ao propor acusação condizente ao crime. O ponto era apresentar aos leitores quais eram as penas previstas para os policiais envolvidos na agressão a Nestor Moreira. Após apresentar a posição dos entrevistados, Moraes Filho sustentou que:

Os espancadores do repórter Nestor Moreira estão incurso nas penas do crime de tentativa de morte (ou de homicídio, se sobrevier o falecimento do jornalista), bem como nas sanções previstas no artigo do Código Penal que pune o delito de violência arbitrária cometido por funcionários públicos. Assim, é calculada entre 15 a 30 anos de reclusão, a sanção a ser aplicada quando os atiradores policiais responderem perante o Tribunal do Júri pelos brutais fatos por eles praticados no interior do 2º Distrito Policial. Tais informações a reportagem de ÚLTIMA HORA colheu ontem nos mais autorizados círculos forenses ficando desta forma desmentida a versão de que os espancadores seriam apenas atingidos pelo Artigo 322 do Código, o qual prevê uma irrisória pena de seis meses a três anos de simples detenção.³⁵⁴

A argumentação proposta na reportagem estava condizente com a linha de raciocínio que Moraes Filho vinha defendendo há dois anos. Quando analisou os volumes processuais e a legalização da pena de morte, o repórter foi contrário a alterações nas leis brasileiras. O problema da criminalidade não residia na justiça.

Desta vez, Moraes Filho se propôs a refletir sobre a atuação do Departamento Federal de Segurança Pública. No último subtítulo da reportagem, nomeado em caixa alta de “SOLUÇÃO”³⁵⁵, comentou que se fazia necessária a elaboração de um projeto de reforma da instituição policial carioca:

A reforma de base nos quadros do D.F.S.P. é, sem dúvida, necessária e urgente, mas enquanto ela não vem tratemos de cumprir a lei, apenas a lei. Se for feita a aplicação

³⁵³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18750> Acesso em: 01/08/2019. P. 04.

³⁵⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18750> Acesso em: 01/08/2019. P. 04.

³⁵⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18750> Acesso em: 01/08/2019. P. 04.

efetiva dos dispositivos legais citados nesta reportagem, sem tergiversações, os infratores estarão punidos e satisfeita a opinião pública, naturalmente revoltada. Por se deixar de cumprir a lei, nos inúmeros casos anteriores, foi que se chegou a este descalabro de um jornalista ser espancado num Distrito Policial. Assanhados pela impunidade eles foram longe demais e nada os impedirá de prosseguir na estrada da violência e do arbítrio [sic]. A solução imediata para o “Caso Nestor Moreira” é simples: basta lembrar a existência dos artigos 322 e 121 do Código Penal Brasileiro, ainda vigente...³⁵⁶

Os jornalistas policiais obtiveram êxito em encontrar as testemunhas do crime. Com isso, puderam contestar a narrativa dos policiais que sustentava não haver ocorrido agressão no 2º DP. O guarda por fim confessou ter brigado com Moreira. O Código Penal não reverteria o cenário. As punições significariam mais de uma década de reclusão para os envolvidos.³⁵⁷

Assim, Moraes Filho combateu a desinformação que ele entendia existir inventariando os dispositivos legais em que seriam enquadrados os policiais. O Caso Nestor Moreira teria um final determinado. Agora, o foco da sociedade deveria se dirigir para as questões da violência e da segurança pública que deixavam a desejar por razão do trabalho desenvolvido pelo Departamento Federal de Segurança Pública.

Moraes Filho, Quintanilha e Rocha convergiam para a mesma questão: a impunidade dos policiais do DFSP. Suas reportagens sustentavam que havia um histórico de violências que precedia a agressão à Moreira. Além disso, os processos mal elaborados pela Polícia causavam a morosidade da Justiça.

A temporalidade de veiculação de duas reportagens é um indício da construção de sentidos proposta por *Última Hora*. Em maio, Moraes Filho falava aos leitores sobre o Caso Nestor Moreira e os problemas do Departamento Federal de Segurança Pública. Poucas semanas depois, Hélio Rocha publicou a matéria que identificava o Rio de Janeiro como o paraíso da criminalidade.

Quando o jornal veiculou a matéria de Rocha, estava fornecendo provas aos leitores que comprovariam o ponto de vista defendido por Moraes Filho anteriormente. Em função disto não se fazia essencial citar o Caso Nestor Moreira. O repórter já havia estabelecido as etapas que inevitavelmente culminariam na prisão dos policiais acusados. A ponte havia sido construída por Moraes Filho. A partir disso, o repórter policial Hélio Rocha inventariou outros

³⁵⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18750> Acesso em: 01/08/2019. P. 04.

³⁵⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18750> Acesso em: 01/08/2019. P. 04.

crimes não solucionados pelo DFSP. O descumprimento das leis brasileiras havia acarretado no “descalabro” de um jornalista ser agredido nas dependências de uma repartição policial.

Um artifício muito utilizado pelos jornalistas de *Última Hora* era se portar como a voz da “opinião pública”. Para Moraes Filho, a sociedade era racional e pragmática pois fora informada, inclusive via reportagem do autor, sobre punições previstas para os policiais. Bastaria, então, que o devido processo legal fosse cumprido. Se isso de fato ocorresse, a “opinião pública” se daria por satisfeita e o Caso Nestor Moreira não ficaria impune. Segundo o jornalista, esse momento de contentamento possibilitaria ao governo ter tempo para formatar um projeto de reforma para o Departamento Federal de Segurança Pública. Somente assim o cenário social construído por Moraes Filho, Quintanilha e Rocha se modificaria.

O estilo textual do repórter, nessas matérias, diferiu dos demais. Não se observam recursos narrativos sensacionais. Todavia, a próxima reportagem, publicada na edição n° 903 de *Última Hora* (27/05/1954), teve o seguinte título: “MORRA, SE MORRER POUCO IMPORTA, CONTINUAREI DANDO PONTAPÉS”.³⁵⁸

A frase destacada pode ter sido escolhida por Moraes Filho ou por algum dos editores de *Última Hora*. Se o repórter comandava de fato a editoria de polícia naquele momento, são consideráveis as probabilidades de ter sido autor do título. Apesar de aparentar ser algo dito pelo agressor a vítima quando acontecia a agressão, a matéria de Moraes Filho dizia respeito a um preceito jurídico que se detém sobre quando um agressor assume o risco de matar uma pessoa. Portanto, se valendo disto, o *Última Hora* criou uma manchete baseada em uma frase que Peixoto não disse, ou seja, uma forma de imputar responsabilidade ao perpetrador e incitar que a certeza da impunidade havia motivado o policial a continuar agredindo Moreira.³⁵⁹

Continuando, o promotor Paulo Dourado Gusmão havia solicitado que o processo criminal fosse enviado para o Tribunal do Júri. Ele justificava o pedido em razão de ter sido um caso de dolo contra a vida. De acordo com Moraes Filho, o requerimento estava sendo encaminhado para análise do juiz Mata Machado.³⁶⁰

³⁵⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

³⁵⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

³⁶⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

O contexto foi usado pelo repórter para qualificar a matéria que havia publicado anteriormente em *Última Hora*:

O parecer ontem prolatado pelo Promotor Dourado Gusmão vem confirmar a reportagem de ÚLTIMA HORA, publicada há cerca de duas semanas, na qual afirmávamos que a agressão praticada contra o repórter Moreira constituía um crime de tentativa de morte (caso não ocorresse o desenlace) ou de homicídio qualificado por três agravantes (se sobrevivesse, como lamentavelmente sobreveio, o falecimento).³⁶¹

Contra a desinformação, leia *Última Hora*. A mensagem era clara: nas páginas do jornal estavam reunidos jornalistas compromissados com a verdade. Após perpassar novamente pelas questões jurídicas relacionados ao Caso Nestor Moreira, Moraes Filho retomou a iniciativa de explicar o sistema penal para os leitores.

O guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto havia assumido o risco de matar quando continuou a agredir Nestor Moreira, ignorando o fato do repórter estar caído ao chão do 2º Distrito. Dessa análise se originou a frase título da matéria:

Para o leitor, não habituado com a terminologia forense, transcrevemos a opinião de um abalizado criminalista (Frank) o qual explicou o que se deve entender por ‘dolo eventual’ através de um método de fácil compreensão conhecido por ‘Fórmula de Frank’:

Comete o homicídio com dolo eventual, ou seja, assume o risco de matar, aquele cidadão que enquanto estiver agredindo sua vítima, pensar da seguinte maneira:

-‘Dê no que der, aconteça o que acontecer, morra, se morrer, não me importa, eu continuo a dar socos e pontapés’.

Admite-se que Peixoto ao espancar Moreira tenha pensado nos termos acima transcritos e prosseguindo em sua agressão mesmo prevendo e admitindo a hipótese de acontecer a morte de sua vítima.³⁶²

Modificando pontualmente a frase da Fórmula de Frank, Moraes Filho – ou outro editor de *Última Hora* – tencionou sustentar para os leitores que Peixoto havia desconsiderado a vida da vítima. O jornal buscava se comunicar com a sociedade do Rio de Janeiro que tinha acesso limitado a instituições de ensino superior. Com isso, Moraes Filho didaticamente aproximava esses leitores do que era discutido entre os juristas.

Essa reportagem demarcou o encerramento da pauta sobre o crime. O processo legal se consumaria. As punições estavam de acordo com o que ocorrera no 2º Distrito. Faltava, apenas,

³⁶¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

³⁶² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

a condenação dos policiais envolvidos. Enquanto isso, Moraes Filho se direcionou para o assunto que havia introduzido na primeira reportagem: a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública.

No dia seguinte, o repórter assinou a manchete principal da capa de *Última Hora*. Em letras garrafais, o periódico estampou qual deveria ser o principal ponto de uma reforma no DFSP: “ENSINAR A POLÍCIA A RESPEITAR O HOMEM!”.³⁶³ A matéria foi uma entrevista de Moraes Filho com o jurista Nelson Hungria.

O entrevistado possuía vasta experiência em direito penal brasileiro. Anteriormente, havia sido delegado de polícia. No momento da reportagem, Nelson Hungria ocupava o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Era também um dos autores do Código Penal vigente. Lembremos que, desde 1952, Moraes Filho vinha defendendo o conjunto de leis em suas reportagens.

No corpo da matéria, estampada na página três, Hungria argumentou que a reforma deveria ter como ápice o estabelecimento de uma Escola de Polícia. A seu ver, o problema basilar do Departamento Federal de Segurança Pública era a mentalidade de seus policiais. A lacuna educacional refletiria nas práticas.

A Escola de Polícia também forneceria avanços de longo prazo. Primeiro, teria de ser um centro de profissionalização policial. Instituído também critérios rígidos de seleção de novos policiais. Segundo, possibilitaria ao Departamento Federal de Segurança Pública aplicar métodos científicos modernos nas suas investigações.

Não obstante, o ministro Hungria ponderou que o problema observado no DFSP não era uma especificidade do Brasil:

- “Não é apenas no Brasil que a polícia usa métodos de brutalidade. O mal existe, desgraçadamente, em todo o mundo. A exceção da Inglaterra e da Bélgica, em toda parte a polícia se atribui a faculdade de exercer, à margem da lei, a violência contra as pessoas que ela têm à sua mercê. A consciência policial está em crise aguda. Notadamente, depois que se inventou, por influência dos Estados totalitários, a chamada “polícia, política”, segundo os moldes mais ou menos atenuados, da famosa Gestapo”.³⁶⁴

³⁶³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0905. 28 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18883> Acesso em: 01/08/2019. P. 01.

³⁶⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0905. 28 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18885> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

A síntese histórica sobre as instituições policiais, mesmo que indiretamente, continha uma crítica a um dos aparatos policiais reestruturados por Vargas durante o Estado Novo. A Polícia Política precedeu a ascensão varguista. Entretanto, seus governos – Estado Novo (1937-1945) e democrático (1951-1954) – dedicaram especial atenção a esse mecanismo coercitivo:

A Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) foi criada em 10 de janeiro de 1933 pelo decreto nº 22.332 com o objetivo de entrever e coibir comportamentos políticos divergentes, considerados capazes de comprometer “a ordem e a segurança pública”. [...] A DESPS serviu de modelo para a criação de delegacias estaduais, já que à Chefia de Polícia do Distrito Federal cabia determinar as diretrizes básicas do controle social a ser exercido pelas polícias dos estados, ainda que estas fossem formalmente subordinadas aos governos locais. Para sua centralização foi decisiva a atuação de Filinto Muller, homem de confiança de Vargas e chefe de Polícia do Distrito Federal de 1933 a 1942. [...] A transformação da Chefia de Polícia do Distrito Federal em Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) pelo Decreto nº 6.378 de 1944, foi parte de uma reforma do Poder Judiciário realizada durante o Estado Novo. A DESPS tornou-se então a Divisão de Polícia Política e Social, com duas delegacias, uma responsável pela matéria política e outra pela matéria social. Essas delegacias dariam continuidade à política de especialização dos serviços referentes à segurança pública e seguiriam orientando o controle político e social após a queda de Vargas em 1945.³⁶⁵

A segunda ascensão de Getúlio Vargas em 1950 não significou alterações. Quando os jornalistas policiais foram protestar contra a agressão a Nestor Moreira, a Polícia Política foi acionada para reprimir o evento.³⁶⁶ O repórter de *Última Hora* disse ter ouvido um dos policiais afirmar que estavam ali para “pegar” jornalistas.

A Polícia Política era uma divisão subordinada ao Departamento Federal de Segurança Pública. À época, se identificava pelo nome de Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Retomando a entrevista de Moraes Filho com Nelson Hungria, o jurista elencou as causas que culminavam nos problemas da instituição policial:

- “As causas desse mal são múltiplas: a improvisação dos policiais, ausência de critérios de seleção no seu recrutamento, o desestímulo ao dever pela má remuneração, a incapacidade dos atuais funcionários para assimilação dos métodos de polícia técnica ou científica e, acima de tudo, o espírito de arbítrio e crueldade que surge nos homens de educação inferior quando investidos de autoridade”.³⁶⁷

³⁶⁵ Cf. ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/PoliciaPolitica> Acesso em: 04/01/2020.

³⁶⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18799> Acesso em: 01/08/2019. P. 05.

³⁶⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0905. 28 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18885> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

Segundo a reportagem, já existia uma Escola de Polícia em funcionamento no Rio de Janeiro. Todavia, os policiais não eram obrigados pelo regulamento do DFSP a frequentar os cursos ofertados. E essa era uma questão vital para Hungria: a reforma teria que determinar que as aulas eram obrigatórias para os agentes. Sem o diploma da Escola de Polícia, os policiais não poderiam ser considerados aptos a exercer suas funções. E, para o ministro, essa cláusula deveria abranger não só os ingressantes nos quadros do DFSP, mas também todos os policiais que estavam em atividade. Afinal, eram os demonstravam ineficiência e inadequação.

Por conseguinte, na edição nº 916, *Última Hora* publicou no rodapé da capa a chamada: “Milhares de Criminosos em Liberdade Enquanto Inocentes Mofam na Prisão (leia na oitava página deste caderno)”.³⁶⁸ Auxiliado pelo fotógrafo Jankiel, Moraes Filho registrou como ocorria um dia de visitas no presídio do Rio de Janeiro.

A reportagem foi publicada três dias após Hélio Rocha ter apresentado a cidade que era o paraíso dos criminosos. Por não se enquadrarem no ritmo de publicação diário – como as notícias – as reportagens permitem aos editores criar uma ordem de sentidos. Partes que, quando publicadas, são peças que se encaixam no quebra-cabeça montado por *Última Hora*.

A chamada da primeira página condiz com aquilo que Hélio Rocha argumentou anteriormente. Inocentes iam parar no xadrez enquanto criminosos circulavam pelas ruas da cidade.

Enquanto centenas de inocentes estão recolhidos ao Presídio aguardando, durante longos anos, o dia do julgamento e da absolvição, milhares de criminosos já condenados, com prisão decretada, passeiam pelas ruas da cidade gozando de uma liberdade perigosa para a sociedade – este deplorável contraste apresentado no balanço feito pela reportagem no Foro Criminal. Somente uma reforma de base em nosso sistema penal salvará de uma inevitável bancarrota todo aparelho de repressão à delinquência no Distrito Federal.³⁶⁹

Muito antes do crime contra Nestor Moreira acontecer, Antônio Evaristo de Moraes Filho questionava a perpetuação dos problemas processuais no Brasil. A Justiça gradativamente se engessava, segundo o jornalista. Não haviam juízes suficientes para o volume de inquéritos.³⁷⁰ Quando retomou este debate, em 1954, Antônio Evaristo de Moraes Filho

³⁶⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

³⁶⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

³⁷⁰ Exemplo: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0455. 03 de dezembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11194> Acesso em: 01/08/2019. P. 13.

contribuiu para a discussão com um novo argumento, a forma como o Departamento Federal de Segurança Pública realizava prisões de suspeitos:

A polícia, desaparelhada como se encontra, é prejudicial por não prender... e também por prender mal. Quem passar os olhos pela estatística forense desta capital ficará escandalizado com o número de prisões em flagrante ilegais diariamente efetuadas pela polícia. A percentagem de absolvições atinge 70% nas Varas Criminais, quase todas por força da ilegalidade dos flagrantes. Habeas corpus são concedidos às dezenas corrigindo também as violências praticadas por elementos do D.F.S.P. contra a liberdade dos cidadãos. As vezes a ilegalidade é tão gritante que o juiz, logo de início, ao receber a cópia do flagrante, manda imediatamente arquivar os autos e libertar o réu. Assim foi, por exemplo, contra uma jovem comunista. Não tendo a polícia qualquer razão para prender a moça, resolveu autuá-la por crime de furto. Ao tomar conhecimento do fato, o Juiz da 12^o Vara Criminal ordenou incontinenti o arquivamento do processo. No ano passado foram lavrados cerca de 1.200 flagrantes contra “bicheiros”. Julgados pelas Varas de Contravenções, apenas 1% dos réus foi condenado, pois 99% restantes tinha sido detidos de forma defeituosa. Em consequência de todas estas prisões ilegais as Varas ficam congestionadas de centenas de processos nulos e mal feitos, os quais acumulam o serviço aumentando ainda mais a morosidade do andamento das causas.³⁷¹

Anteriormente, a crítica ao jogo do bicho se restringiu a impunidade dos “banqueiros” da contravenção. Em 1954, na pauta do Caso Nestor Moreira, Antônio Evaristo de Moraes Filho encaminhou o problema para a incompetência policial na condução das investigações. Quadro que causava um erro de responsabilidade: a soltura dos suspeitos não era culpa do judiciário, mas sim da forma com os policiais se valiam para prendê-los. Enquanto os jornais criticavam os juristas, Evaristo de Moraes atentava para os erros processuais observados nas ações da polícia.

No fim da reportagem, Moraes Filho inseriu o subtítulo “O Filme”.³⁷² O jornal *Última Hora* estaria patrocinando uma sessão de cinema. O evento teria a exibição de uma película produzida por detentos sobre a situação dos xadrezes do Rio de Janeiro. De acordo com o repórter, o periódico almejava levar o problema a atenção das autoridades.

Cansados de tanto esperar a criação de um novo Júri os presos resolveram solucionar o problema cada um de seu modo. Alguns preferem fugir, mesmo com risco da própria vida, como ocorreu no domingo passado. E outros, porém, fizeram uma revolta branca através de um filme documentário no qual mostram em seus menores detalhes a vida de um detento no presídio. A angústia dos longos anos que antecedem o julgamento são fielmente retratados neste película que dentro em breve será exibida, sob

³⁷¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

³⁷² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

patrocínio de ÚLTIMA HORA e FLAN, em sessão especial para magistrados, advogados, legisladores, penintenciaristas [sic].³⁷³

Desta forma, o jornal se colocou como um mediador entre reclamantes e autoridades. Com isso, *Última Hora* expandiu seu papel do discurso noticioso para uma ação concreta. A sessão patrocinada objetivava fazer com que a situação prisional se tornasse o tema mais destacado dentre as questões que vinham sendo reportadas pelos jornalistas do *Última Hora*.

Se todos os argumentos anteriores não fossem suficientes para persuadir os leitores, Moraes Filho viria apresentar mais um reflexo causado pela inadequação do Departamento Federal de Segurança Pública. No último parágrafo, o repórter anunciou aos consumidores de *Última Hora*: “Na reportagem de amanhã apresentaremos o último item deste momentoso problema (reforma do processo) e mostraremos o grande prejuízo que ele acarreta aos cofres da Nação”.³⁷⁴

Entretanto, o jornal só publicou a reportagem três dias depois, na edição n° 919. A demora pode ter sido motivada pelas características de tiragens de *Última Hora*. O texto de Moraes Filho foi veiculado em uma segunda-feira. Dia nos qual as rotativas imprimiam mais de cem mil cópias. Segundo a primeira página da edição, a oficina distribuiu 130.020 mil exemplares pelos postos de venda do Rio de Janeiro.³⁷⁵

Os diagramadores do periódico inseriram um box na parte central da capa. Ali foi escrita a chamada para a reportagem de Moraes Filho: “Quinze Milhões de Cruzeiros Consumidos no Presídio!”.³⁷⁶ A matéria completa consumiu metade da página n° 12 daquela edição. Novamente, o fotógrafo Jankiel esteve ao lado do repórter.

Sua contribuição consistiu em quatro fotografias de xadrezes cariocas. Em reportagem anterior, Moraes Filho havia atentado para a situação dos detentos que ficavam meses ou anos reclusos sem terem sido julgados culpados. Agora, materializava o cenário narrando a história de Domingos Dias.

³⁷³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

³⁷⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

³⁷⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19107> Acesso em: 01/08/2019. P. 01.

³⁷⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19107> Acesso em: 01/08/2019. P. 01.

Todas as etapas do processo contra Dias haviam sido realizadas. As testemunhas foram inquiridas. As diligências policiais estavam concluídas. Mas, Domingos Dias era o detento nº 197 na fila dos processos à espera de julgamento. Pelos cálculos de Moraes Filho, Dias só iria se sentar no banco dos réus em três anos. Ou seja, 1957.

Mesmo não sendo condenado, Domingos Dias estava fadado a ficar mais três anos no xadrez à deriva. Com isso, Moraes Filho sustentou que:

O andamento é moroso e enquanto isto Domingos Dias terá de esperar pacientemente. Se for considerado inocente o Estado o mandará embora e pedirá muitas desculpas pelo tempo que passou, inutilmente, no cárcere. Durante estes anos Domingos não produzirá, pelo contrário, dará uma despesa diária à Nação de 50 cruzeiros (em média) o que equivale a cerca de 45 mil cruzeiros durante os três longos e inúteis anos.³⁷⁷

O repórter buscou abordar a gravidade da questão por meio de diversas perspectivas. Primeiro, o apelo a humanidade. Pessoas não condenadas perdiam parte de suas vidas nos xadrezes. Segundo, a intervenção de *Última Hora*. O jornal se propôs a patrocinar um documentário dos detentos visando sensibilizar as autoridades penais. E, se mesmo assim não conseguissem movimentar a máquina pública, Moraes Filho justificava a relevância da questão pelo viés econômico.

A partir de um caso – Domingos Dias – Antônio Evaristo de Moraes Filho projetou o martírio do presidiário para englobar o restante da população carcerária. Detentos como Dias custavam milhares de cruzeiros aos cofres públicos. De acordo com o repórter do jornal *UH*:

Já que estamos falando em despesas, daremos agora aos leitores, como subsídio para esta reportagem, o custo de manutenção do Presídio do Distrito Federal, onde estão recolhidos mais de 1.000 indivíduos à espera de julgamento. Notai bem – eles não são condenados, apenas aguardam sentença. O orçamento do Presídio para este ano apresenta os seguintes números:

Pagamento do pessoal	5.000.000
Alimentação	7.400.000
Vestuário	1.200.000
Medicamentos	200.000

Somados a outros gastos eventuais, o total de despesas sobre à casa dos 15.500.000 cruzeiros. Afirmamos com absoluta certeza que está assombrosa cifra poderia ser reduzida à metade, pelo menos, caso viessem a ser sanadas as causas que determinam o congestionamento e o andamento moroso dos processos na Justiça. Quanto mais rápido for a marcha do processo, menor será o tempo que o réu levará no Presídio e,

³⁷⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19118> Acesso em: 01/08/2019. P. 12.

consequentemente, diminuirá a despesa de sua manutenção. Isto é pura lógica matemática.³⁷⁸

Para o jornalista a igualdade de tramitação de processos era um erro jurídico. Casos de lesão corporal e homicídios seguiam a mesma marcha. Com isso, defendeu a proposta do magistrado Irineu Joffily: alocar juízes plantonistas pelas delegacias e distritos do Rio de Janeiro. Assim, os casos de menor gravidade – furtos, brigas, delitos de trânsito – teriam definição na repartição policial onde se registraram. Desta maneira, homens como Domingos Dias não teriam que aguardar anos por uma vaga no tribunal do júri. A população carcerária carioca diminuiria consideravelmente.

No momento da reportagem, a cidade contava com apenas um tribunal deste tipo. Moraes Filho ouviu do juiz Bandeira Stampa que seria necessário multiplicar esse número. Para Stampa, só poderiam se julgar quatro casos por semana. Paralelamente, o número de processos ultrapassava a casa dos milhares.

A partir das reportagens de Hélio Rocha e Moraes Filho, o noticiário do Caso Nestor Moreira se transformou em outras pautas: superlotação prisional, ineficiência e violência policial. O imediatismo da questão foi corporificado na angústia diária de homens como Domingos Dias.

Cabia, aos políticos, colocar em discussão as bases de uma reforma na estrutura de segurança. Para, assim, se adequar as necessidades sociais do Rio de Janeiro”.³⁷⁹ O combate ao Departamento Federal de Segurança Pública teve mais um *front* de batalha: a instituição prendia inocentes em xadrezes precários e lotados.

Por meio de um estilo didático, Antônio Evaristo de Moraes Filho enumerou as etapas de um cenário que se iniciava com o Caso Nestor Moreira. O crime resultou da inadequação moral e profissional dos policiais. Esse aspecto determinava também o engessamento da justiça e a impunidade. Com a reforma educacional, os processos mal elaborados teriam fim. O volume de inquéritos diminuiria. Homens como Domingos Dias não perderiam anos na prisão. Portanto, a reforma deflagraria um efeito em cadeia. E quem defendia esse ponto de vista era um repórter e acadêmico com trânsito pelas diversas instâncias judiciais.

³⁷⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19118> Acesso em: 01/08/2019. P. 12.

³⁷⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19118> Acesso em: 01/08/2019. P. 12.

3.4. Edmar Morel nos xadrezes policiais

A carreira de Edmar Morel no jornalismo teve início em seu estado natal, Ceará, como agenciador de anúncios para um periódico local.³⁸⁰ Em seu livro, Morel contou ter migrado para o Rio de Janeiro nos anos 1930. Quando chegou a então capital, buscou ajuda de Maurício de Lacerda, pai de Carlos Lacerda, para conseguir um emprego na imprensa carioca.³⁸¹

Assim se tornou setorista do *Jornal do Brasil*. Seu posto de trabalho era no Instituto Médico Legal da cidade. Lá, registrava os cadáveres que eram entregues e, a partir disso, redigia anedotas sobre as mortes para serem publicadas no *JB*.³⁸² Ainda nos anos trinta, Morel se tornou repórter policial do periódico *A Pátria*. De acordo com o jornalista, os tempos como funcionário deste veículo foram marcados pelas incertezas quanto o pagamento de salários.³⁸³

Em 1935, o jornalista teve outra oportunidade no jornalismo policial em *A Manhã*, “fui lotado na reportagem policial, coisa que já não me agradava muito”. Apesar de ter afirmado que a função não lhe agradava, Morel declarou *A Manhã* tinha uma vantagem: pagamentos regulares.³⁸⁴ Segundo seu relato, data desta década a entrada em *O Globo*: “fiquei na reportagem de polícia, sob comando de Alves Pinheiro, o maior chefe de reportagem de todos os tempos”.³⁸⁵

Todavia, apesar de elogiar seu chefe na editoria, Morel seguiu criticando o jornalismo policial. “Em *O Globo*, como repórter de polícia, tinha contato com a escória da sociedade, assassinos, chantagistas, mafiosos, etc.”.³⁸⁶ Durante a década de 1940, Edmar Morel escreveu matérias policiais para o *Diário da Noite*, um dos jornais que formavam os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Em nome do periódico, Morel entrevistou o presidiário Francisco Manso de Paiva Coimbra, condenado pelo assassinato do político José Pinheiro Machado.³⁸⁷ Em outro momento, voltou a adentrar em um xadrez com o intuito de entrevistar Gino Meneghetti, ladrão que atingiu notoriedade na imprensa da época por roubar joias.³⁸⁸

³⁸⁰ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 22.

³⁸¹ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 32.

³⁸² MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 37.

³⁸³ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 42.

³⁸⁴ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 49.

³⁸⁵ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 56.

³⁸⁶ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 73.

³⁸⁷ Esta é a versão de Morel para os acontecimentos. Entretanto, na edição 3.480 do *Diário da Noite* consta uma manchete da entrevista com Manso de Paiva que teria sido de autoria de João Atahyde. In: *DIÁRIO DA NOITE*, Rio de Janeiro. Ano: XV. Edição 3.480. 16 de maio de 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/22484 Acesso em: 07/01/2019.

³⁸⁸ *DIÁRIO DA NOITE*, Rio de Janeiro. Ano XVI. Edição 3.547. 12 de agosto de 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/23848 Acesso em: 08/01/2018.

Quando Samuel Wainer criou *Última Hora*, Edmar Morel diz ter sido alocado na seção de notícias populares. Foi em *Última Hora* que Morel denunciou uma quadrilha que desviava dinheiro público destinado a caridade.³⁸⁹ Para o jornalista, esta reportagem teria marcado sua primeira passagem pela redação do *Última Hora*, em 1951.³⁹⁰ Em seu livro consta um prefácio sobre Morel escrito por Nelson Werneck Sodré, jornalista e historiador que também trabalhou no periódico de Wainer:

Conheci Edmar Morel, já com a sua posição de grande repórter reconhecido por todos, em *Última Hora*, quando o vespertino de Samuel Wainer era como a Verdun da imprensa brasileira, ultrapassada a batalha que quase a destruía, montada por um conluio pútrido entre os interesses antinacionais contrariados e a ciumenta dos competidores incapazes de acompanhar o ritmo ali mantido e as largas iniciativas que colocaram aquele jornal na vanguarda da imprensa brasileira. Morel era uma das figuras destacadas de uma grande redação, que reunia o que o jornalismo possuía de melhor. *Fizera seu nome, antes, particularmente nos Diários Associados, com reportagens de enorme repercussão*; passara por quase todos os jornais cariocas e neles se destacara sempre como personagem singular. *Em Última Hora, recrutado pela argúcia que Samuel Wainer possuía de escolher o melhor, exercia, na função específica que o distinguiria, uma influência muito grande, porque a reportagem, e a reportagem realmente importante é a que me refiro, é o centro da gravidade do jornal: em torno dela gira o resto, do noticiário ao editorial*, quando o acontecimento que ela coloca em evidência é daqueles que merecem, sem dúvida, a atenção geral. Esse o tipo de reportagem que Edmar Morel fazia.³⁹¹ [Grifos meus].

De acordo com Morel, o retorno ao jornal *Última Hora* aconteceu em 1954, após ter passado uma temporada no continente europeu escrevendo reportagens com a intenção de vendê-las para jornais brasileiros.³⁹² Em maio daquele ano, Morel se tornou o principal jornalista do *Última Hora* envolvido na cobertura do Caso Nestor Moreira. A primeira reportagem relacionada ao crime foi sua, publicada dois dias após a agressão. A diagramação da primeira página do *Última Hora* foi elaborada com diversos sinais de que o jornal buscava destacar a matéria de Edmar Morel. Na composição, a seta no topo da capa, afirmando que os presos do 2º DP haviam dado declarações ao jornal seguida de uma imagem de Nestor Moreira no leito do hospital. Logo abaixo da foto, em caixa alta, a revelação que a seta indicava: a vítima havia sido espancada no corredor do distrito, ao que se seguiram fotografias dos policiais acusados pelo crime e, ao lado, uma foto de Morel supostamente deixando o quarto de Moreira.

³⁸⁹ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 189.

³⁹⁰ MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999P. 190.

³⁹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. Prefácio. In: MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999.

³⁹² MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Op. Cit. 1999. P. 218.

Ao todo, quatro fotografias, três envolvidos mais o jornalista, e duas manchetes. Essa diagramação ocupou cerca de meia página do espaço de destaque do *UH*.³⁹³

Na parte superior, uma seta apontava para baixo. Dentro dela, a frase em caixa alta: “OS PRESOS DO 2º DISTRITO REVELARAM A ÚLTIMA HORA”.³⁹⁴ O sentido direcionava o leitor para a fotografia ampliada de Nestor Moreira no leito do hospital. Abaixo da fotografia, a manchete que a frase se referia.

Edmar Morel havia entrado no xadrez do 2º Distrito e entrevistado os detentos. Por eles soube que Moreira foi agredido no corredor, com as luzes apagadas. A primeira página estampou também fotografias de dois dos policiais suspeitos – Peixoto e Batista – à esquerda e a do redator Morel, à direita.

Imagem nº 04:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18683> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

Segundo a reportagem:

Eram 22 horas quando cheguei ao 2º Distrito Policial, em Copacabana, no momento em que o meu colega de reportagem Nestor Moreira recebia a quinta transfusão de

³⁹³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18683> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

³⁹⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18683> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

sangue no Hospital Miguel Couto, vítima de uma cena de banditismo naquele departamento do Ministério da Justiça.

Apresentei-me ao Comissário Salomé, de serviço, pedindo permissão para visitar o xadrez, certo de que o repórter de A Noite ali fora bestialmente seviciado. A ordem foi dada, depois de um telefonema para o Delegado Fernando Bastos, porém, com uma condição:

- Não podia falar com os presos!³⁹⁵

De acordo com a matéria, Morel tinha em mãos uma lista dos detentos reclusos no xadrez do 2º Distrito. Com isso, exigiu que o comissário lhe deixasse entrevistá-los sem a presença de policiais. A narrativa da reportagem posiciona o redator como uma figura que exercia poder sobre os agentes do Departamento Federal de Segurança Pública.³⁹⁶

As exigências foram atendidas. Depois de dar ordens, adentrou no xadrez da delegacia. Ao todo, sete presidiários foram entrevistados por Edmar Morel. Um deles, Germano dos Santos, afirmou que:

- Pouco depois das 2 horas da madrugada ouvi algazarra no corredor, gritos característicos de quem é surrado. Mas como os espancamentos aqui são diários, não dei muita importância ao fato. [...] Depois o guarda Peixoto [...] apagou as luzes do corredor e a pancadaria aumentou.³⁹⁷

Além de conseguir identificar mais testemunhas para a agressão, Morel direcionou a reportagem para os problemas observados no xadrez: superlotação e violência. Se valendo da declaração de Santos, o redator argumentou que o comissário Gilberto Siqueira não teria se incomodado com os gritos de Moreira pelo fato de serem rotina os espancamentos de detentos no 2º Distrito.

Na página policial, a reportagem de Morel foi estampada ao lado denúncia ao inquérito farsa do setorista de *Última Hora*. Ambos criticavam a violência dos agentes alocados no 2º Distrito. Todavia, o redator discordava de seu colega. Estaria em jogo a imagem do Ministro Tancredo Neves. E, por isso: “[...] honestamente, acredito que os facínoras serão punidos desta vez, coisa inédita nos nossos dias”.³⁹⁸

³⁹⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18688> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

³⁹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18688> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

³⁹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18688> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

³⁹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18688> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

No dia seguinte, 14 de maio, Morel escreveu a manchete “novos espancamentos programam os ‘leões de chácara’ doublé de policiais que seviciaram o jornalista Nestor Moreira”.³⁹⁹ Assim como o setorista policial que resumiu as informações investigadas até então, Morel se voltou para os casos de violência policial que eram de conhecimento público.

O redator criticava o fato dos presos não terem prestado depoimento sobre a agressão ao jornalista. Assim, no subtítulo “URGE UM EXPURGO”, Morel solicitou o apoio da sociedade para a campanha de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública:

A opinião pública confia na palavra do Ministro da Justiça: “O governo não compactua com violências praticadas por agentes das autoridades públicas. Os responsáveis serão amplamente punidos e responsabilizados”.

Mas o que está acontecendo nas primeiras 72 horas do inquérito é um achincalhe à Justiça. Os facínoras que agrediram o jornalista, cena testemunhada por várias pessoas, continuam em suas funções e, incrível como pareça, programando novos espancamentos. Não basta punir os algozes do repórter de “A Noite”. Urge, como medida de profilaxia moral, um expurgo no Departamento Federal de Segurança Pública, onde homens de bem estão ombro a ombro com elementos indesejáveis.

[...] *A opinião pública exige uma investigação no D.F.S.P., certa de que o Ministro da Justiça saberá expulsar os maus elementos, devolvendo-os a sua fonte de origem: cadeia.*⁴⁰⁰ Grifos meus].

A Polícia conjugava criminosos e homens de bem. Algo que fora apontado também por seus colegas de redação em reportagens. Só que Morel apresentou aos leitores quem teria a capacidade para pôr em marcha a reforma: Tancredo Neves. Autoridade máxima do DFSP, o ministro pessedista exercia poder suficiente para expurgar os policiais violentos.

Nessas duas reportagens, Morel buscou persuadir a população carioca a perceber a ameaça representada pelo Departamento Federal de Segurança Pública. Na edição seguinte, assinou “ENQUANTO O REPÓRTER MOREIRA MORRIA”. A matéria comparou a atuação de Neves e Armando de Moraes Âncora no comando da Polícia e em relação ao Caso Nestor Moreira.⁴⁰¹

De acordo com a narrativa da reportagem, cidadãos que procuravam as delegacias poderiam acabar presos mesmo que não houvessem cometido crimes. Isso aconteceu com o

³⁹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0892, 14 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18697> Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

⁴⁰⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0892, 14 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18697> Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

⁴⁰¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0893, 15 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18713> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

repórter de *A Noite*. A impunidade fazia com que se multiplicassem casos como esse. E a responsabilidade disto era do general Moraes Âncora:

E os profissionais da imprensa, ameaçados pelos beleguins, *só contam com as garantias oferecidas pelo Ministro da Justiça*, o qual, na selvagem agressão de Nestor Moreira, está tomando medidas que deveriam ter sido ordenadas, de início, pelo Chefe de Polícia. A população está à mercê da truculência e selvageria das autoridades, quando ainda conservam nas suas funções algumas autoridades do 2º Distrito Policial, muito embora o Ministro da Justiça já tenha recomendado o afastamento de todos os sádicos do distrito de Copacabana, a Casa do Terror.⁴⁰² [Grifos meus].

A pressão sobre o Chefe de Polícia foi mantida na edição nº 896 (19/05/1954). Nesse mesmo dia, o jornal publicou a charge de Âncora afundando o DFSP. Ao entrevistar o militar, Morel o questionou sobre violência policial, sobre a investigação do Caso Nestor Moreira, sobre o expurgo e acerca da reforma na Polícia Civil.⁴⁰³ As supostas reações as perguntas foram utilizadas por Morel para criticar Âncora:

- Acusam o General como responsável pelo clima de insegurança que reina na Capital Federal, em particular, nos Distritos Policiais, *onde os espancamentos são comuns*. Acusam o General de não punir as autoridades faltosas. *O Chefe de Polícia deu um sorriso como quem diz: tocou no meu ponto fraco*.⁴⁰⁴ [Grifos meus].

Não havia como o público saber como se comportou o general. Os olhos do leitor eram os olhos de Edmar Morel. E estes viam um Chefe de Polícia conivente com a violência de seus agentes. Na edição nº 897 (20/05/1954), Morel deslocou a pauta das reportagens de Moreira para a situação prisional. A capa destacou a sua matéria, “CENAS QUE LEMBRAM MONSTRUOSIDADES TÍPICAS DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO”.⁴⁰⁵

Os textos se subordinaram a ampliação das fotografias de Jader Neves, companheiro de Morel. A equipe de *Última Hora* foi aos presídios e constatou a situação caótica em que se encontravam. Essas imagens aproximam do público o martírio dos detentos. Muitos dos quais, segundo Moraes Filho, eram inocentes aguardando julgamento.

⁴⁰² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0893, 15 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18713> Acesso em: 26/06/2018. P. 06.

⁴⁰³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 19 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

⁴⁰⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 19 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 03.

⁴⁰⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 05:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

Superlotação, epidemias, falta de água, de comida e de higiene. A reportagem de Morel e Neves foi apresentada por *Última Hora* como um furo jornalístico, o que, pelos relatos dos ex-jornalistas, era algo muito valorizado pelo campo. A tiragem desta edição, que saiu numa quinta-feira, foi aumentada. As rotativas produziram 125.000 mil cópias de *Última Hora*. Isso significou um acréscimo de 32% na média que o jornal veiculava por mês.⁴⁰⁶ Em uma das legendas da primeira página, Morel descreveu o que vira nas prisões:

As cenas são dantescas. *Faltam palavras para acompanhar a documentação fotográfica.* Em meio daquela gente enjaulada, como gado no matadouro, encontramos um ancião com os cabelos brancos: - Estamos apodrecendo em vida! Ao lado, um tuberculoso tossia, enquanto, deitados sobre o cimento, 25 companheiros de prisão dormiam semi-nus uns sobre os outros.⁴⁰⁷ [Grifos Meus]

O jornalista priorizou, na reportagem, o que ouviu dos detentos durante sua estada nas prisões. Destacou a diversidade dos motivos que levavam homens e mulheres para as celas do Departamento Federal de Segurança Pública. Morel intercalou trechos em que identificava os

⁴⁰⁶ Entre janeiro e abril, a média do jornal ficou em torno de 84 mil exemplares. Cf. Capítulo 1.

⁴⁰⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

entrevistados e outros que os deixava anônimos. Esses depoimentos foram reforçados pelas fotografias de Jáder Neves que expuseram a precariedade dos xadrezes.

Haviam comerciantes presos por “[...] pequenas infrações”. Na delegacia da rua Mem de Sá, Centro da cidade, Jáder Neves fez a fotografia das mulheres que foi manchete da edição. Uma delas se queixou de ter sido presa por se negar a pagar propina a um policial. Outras, teriam sido acusadas de furtos de alimentos ou remédios. Para Morel, o xadrez feminino era a “[...] a nota horripilante” da reportagem.⁴⁰⁸

Muitos detentos estavam doentes e não tinham acesso a tratamento, ficando reclusos nas mesmas celas que os sãos. Morel comparou esse cenário com uma de suas reportagens anteriores, sobre a máfia da caridade.⁴⁰⁹ Morel questionava o poder público que supostamente gastava milhares de cruzeiros em instituições falsas enquanto os presos padeciam nos xadrezes do DFSP. Ao fim, *Última Hora* diagramou o “APELO AOS HOMENS DIGNOS”:

A nossa romaria pelos sórdidos antros da Polícia, alguns instalados a apenas cem metros da Avenida Rio Branco, que atentam contra a dignidade humana, estava finda. Chegou a vez de lançar um angustiante apelo aos homens dignos, no sentido de melhorar a nossa aparelhagem policial, herança do Brasil Colônia. Não basta a presença de parlamentares nos desgraçados cubículos. Dirigimos um S.O.S. aos homens de boa vontade para que minorem os sofrimentos de centenas de homens, mulheres e crianças, que estão apodrecendo em vida.⁴¹⁰

No dia seguinte, 21 de maio, edição n° 898, *Última Hora* estampou na primeira página duas reivindicações, “O CRIME NÃO DEVE, NEM PODE CONTINUAR” e “A POLÍCIA NÃO PODE MATAR”. As duas manchetes se referiam a uma nova reportagem de Morel e a um editorial. As rotativas do jornal produziram uma tiragem expressiva: 105.230 exemplares.⁴¹¹

⁴⁰⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

⁴⁰⁹ Morel fez referência a esta reportagem em seu livro. Segundo ele, uma reportagem investigativa que realizara fez com que a polícia desbaratasse uma quadrilha de falsários. Os acusados recebiam verba pública para cuidar de pessoas carentes, mas, ao invés disso, desviavam o dinheiro. MOREL, Edmar. Op. Cit. 1999.

⁴¹⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0897, 20 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

⁴¹¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 06:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Acima, numa faixa horizontal, o jornal *Última Hora* afirmava ter obtido êxito em causar um choque emocional na sociedade carioca. Segundo a imagem que o jornal fazia e projetava de si próprio como instituição, bastou uma edição para mobilizar o público. Com isso, *Última Hora* apresentou novas fotografias de Jäder Neves dos xadrezes: homens dormindo amontoados em celas superlotadas. A reportagem, publicada na terceira página, consistiu em uma avaliação de Morel sobre seu furo jornalístico. Indo além, o jornalista revelou como lhe fora possível transpor autoridades policiais, entrevistar e fotografar dentro as celas do DFSP:

Outro intuito não tivemos senão o de mostrar as chagas de um organismo policial inadequado e que atenta contra os foros de nossa civilização. [...]. *Procuramos o Ministro da Justiça e oferecemos uma coleção de fotografias sobre o estado de miséria em que vivem os enclausurados, amontoados como gado humano.* [...]. O general Moraes Âncora, Chefe de Polícia, 30 dias depois que assumiu o cargo, nomeou uma comissão a fim de melhorar as desgraçadas condições de higiene e saneamento dos xadrezes distritais e das Delegacias especializadas [...]. O Ministro Tancredo Neves nunca escondeu as mazelas, *A ele devemos a nossa visita aos desgraçados cubículos da Era medieval,* [...].⁴¹² [Grifos meus].

⁴¹² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

Inicialmente, há a construção da autoimagem do jornalista. A reportagem se justificava pela necessidade da sociedade saber o que ocorria por presídios e delegacias. Alguns dos quais no epicentro da cidade. O argumento retira qualquer objetivo político da publicidade criada por *Última Hora*. O ato do jornal se limitaria, apenas, a conectar autoridades, detentos e sociedade ao problema prisional.⁴¹³

Quando sai de cena o crime, Edmar Morel modificou sua linha argumentativa. Até então, Moraes Âncora era criticado por sua suposta passividade em relação a violência policial. Porém, no momento em que a narrativa se direciona para o sistema, do micro para o macro, a responsabilidade do general não é abordada. Morel ponderou que havia um projeto de reforma policial e prisional elaborado por Tancredo Neves. Entretanto, segundo o jornalista, o projeto “[...] foi parar no fundo da gaveta de um oficial administrativo, que achou por bem arquivá-lo, [...]”. Agora, a burocracia, retratada como um agente abstrato, surge como o vilão.⁴¹⁴

Por conseguinte, a reportagem contém indícios das relações de poder mantidas por Morel com personalidades políticas. Teria sido o ministro quem lhe concedeu passe livre pelos xadrezes do DFSP. Essa afirmativa poderia ser apenas um recurso de Morel para captar poder simbólico para si?⁴¹⁵

Mesmo que não se saiba o porquê, o fato é que Morel e Neves puderam falar e fotografar os presos nos xadrezes. As imagens são tão determinantes quanto os textos para a construção de sentidos proposta por *Última Hora*: a narrativa de Morel se materializava em corpos em expressões apreendidas pela lente da câmera de Neves. O texto, assim, não poderia ser desacreditado, as fotografias eternizaram o que os olhos dos jornalistas viram nos xadrezes.⁴¹⁶ Após a veiculação destas manchetes sobre os xadrezes, Nestor Moreira faleceu no hospital Miguel Couto:

⁴¹³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

⁴¹⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 03

⁴¹⁵ Em depoimento ao CCMJ, Mário Morel, filho do jornalista do Última Hora, comentou o caso: “Então, eu acho que houve – não me lembro, pois eu era criança na época – um convencimento do Samuel com o Tancredo. O meu pai não ia chegar para o Tancredo e pedir autorização, eu acho que houve sim. Ou então, conversaram com ele, dizendo que o Tancredo era um cara que tinha noção das coisas”. MOREL, Mário. **Mário Morel**. (Entrevista) Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_29.pdf Acesso em: 01/04/2019.

⁴¹⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 07:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18811> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Com isso, *Última Hora* aproximava as duas pautas, o Caso Nestor Moreira e a reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. Segundo o jornal, a sociedade dirigiria sua revolta da agressão ocorrida no 2º Distrito para a questão presidiária. Abaixo, Morel retomava a denúncia contra a burocracia estatal. O redator teve acesso a uma cópia de um relatório policial produzido por autoridades do Departamento Federal de Segurança Pública. No documento, se propunham medidas para sanar as deficiências prisionais.

A história que vamos narrar define, de maneira categórica, a nociva burocracia nacional. Três técnicos de polícia, com mais de vinte anos de serviços, foram *incumbidos em junho de 1953 pelo Chefe de Polícia, Gal. Moraes Âncora, precisamente, há um ano*, para visitar os miseráveis cubículos do Distrito Federal, a fim de ser conhecido o estado precário dos xadrezes, alguns, como disse a comissão “verdadeiramente indescritíveis, que fariam inveja às próprias masmorras medievais”. Sabíamos da existência deste documento *há mais de um mês.*⁴¹⁷ [Grifos meus].

A reportagem ofereceu uma explicação para que os leitores entendessem a relação do governo, da polícia e do jornal com o tema dos xadrezes. Segundo Morel, havia mais um de ano que governo estava ciente da situação. Com isso, um plano de ação foi redigido por autoridades do DFSP. O redator disse ter conhecimento do relatório há pelo menos um mês. Ou

⁴¹⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18811> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

seja, em abril de 1954, a questão dos xadrezes era discutida internamente na redação de *Última Hora*. Dito com outras palavras: a campanha que envolvia Almir Quintanilha, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Edmar Morel e Hélio Rocha poderia ter sido deflagrada muito antes de ocorrer a agressão a Nestor Moreira no 2º Distrito.

O crime foi um catalisador acionado por *Última Hora* para mobilizar a sociedade carioca para a reforma policial e prisional. Assim sendo, os repórteres do jornal foram os responsáveis por construir e estabelecer a relação entre esses dois fatos: a reforma e o Caso Nestor Moreira. O primeiro passo aconteceu quando Edmar Morel entrou no 2º Distrito. Na reportagem, o redator foi descrevendo o xadrez da delegacia, colocando o leitor em contato com o problema, fazendo-o existir publicamente. E, também, dimensionando a questão por intermédio das fotografias de Jader Neves.

O apelo havia sido construído com o esforço da equipe: um desenho editorial voltado para a reforma do DFSP. Com isso, Edmar Morel publicou uma entrevista com o ministro da justiça Tancredo Neves. Não há qualquer pergunta do jornalista ao político no corpo da reportagem publicada por *Última Hora*. A matéria consiste em três colunas de declarações prestadas por Tancredo. As palavras foram expostas em manchete como o “golpe de morte” na “miséria dos cárceres” cariocas:

Vão entrar em ação, imediatamente, a “blitzkrieg” contra as truculências policiais e a mobilização de recursos para melhorar a sorte de 800 presos que estão ao leu da sorte, numa promiscuidade animal, nos fundos das catacumbas policiais. [...] Depois de despachar com o Presidente da República, a quem expôs as medidas que pretende tomar para impedir a repetição do selvagem espancamento que vitimou o repórter Nestor Moreira, o Ministro Tancredo Neves declarou a este jornalista: [...].⁴¹⁸

O jornal através de seus repórteres, teve como pauta denunciar deficiências da Polícia Civil. Instituição que estava subordinada ao governo federal. Há quatro anos Getúlio Vargas estava no poder. E, pelo noticiário de *Última Hora*, se apreende que nesse período o problema não foi enfrentado pela administração pública.

Por outro lado, Tancredo Neves foi nomeado por Vargas na reforma ministerial implementada em 1953. A ineficiência do executivo em relação as denúncias atingiam seus predecessores e o presidente. Após expor as medidas que adotaria, o político pessedista elogiou o empenho de *Última Hora*:

⁴¹⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18841> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

“- A verdade deve ser dita. As reportagens de ÚLTIMA HORA, à base de uma documentação fotográfica fulminante, servirão para mostrar aos homens públicos da urgente necessidade de reforma da polícia. O que não é possível, em hipótese alguma, é a continuação daquele estado de descalabro. [...] A primeira providência que tomei foi mandar fazer uma relação dos presos doentes que se encontram recolhidos a diversos xadrezes, denúncia feita por ÚLTIMA HORA, a fim de promover a urgente remoção para hospitais especializados”.⁴¹⁹

Na parte final da matéria, se estabelecia que aquele era o momento de construir. O texto não possibilita evidenciar se quem fala é Tancredo Neves, Edmar Morel ou se há alternância entre os dois agentes. Inicialmente, o político figurou na terceira pessoa do singular:

O assunto foi debatido com ampla liberdade e por várias vezes o Ministro da Justiça, solicitado por jornalistas e homens de rádio, teve encontro com a imprensa, em sucessivas mesas-redondas.⁴²⁰

As aspas usadas pelos jornalistas quando citavam alguém não foram registradas na reportagem. No parágrafo seguinte, se supõe que era Neves falando, quando se diz “prometi medidas enérgicas e elas estão sendo cumpridas”.⁴²¹ Essa dubiedade dificulta saber qual deles foi o autor da conclusão proposta pela reportagem:

Amanhã, a Comissão estará em atividade. Urge uma mobilização de todos os homens de boa-vontade, em particular, do Congresso, para que os recursos solicitados pelo Governo sejam dados com a maior presteza, a fim de ser desfechado um golpe de morte contra o sistema presidiário da polícia, que constitui um atentado à dignidade humana.

Nesta obra de patriotismo, o Governo espera contar com a ajuda de todos os brasileiros, sem distinção partidária. A obra é, antes de mais nada, de Humanidade.⁴²²

A narrativa indicava ao leitor que o trabalho de influência do jornal fora um sucesso. Nas próximas edições, o destaque ao assunto policial foi mantido através das reportagens de Antônio Evaristo de Moraes Filho e Hélio Rocha:

“MORRA, SE MORRER POUCO IMPORTA, CONTINUAREI DANDO PONTAPÉS” – Evaristo de Moraes, publicada em 27/05/1954.

⁴¹⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18841> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18841> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18841> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0901, 25 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18841> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

“Ensinar a Polícia a Respeitar o Homem!” – Evaristo de Moraes, publicada em 28/05/1954.

“Rio, Paraíso de Criminosos Impunes” – Hélio Rocha, publicada em 07/06/1954.

“Milhares de Criminosos em Liberdade Enquanto Inocentes Mofam na Prisão!” – Evaristo de Moraes, publicada em 10/06/1954.

“15 MILHÕES DE CRUZEIROS CONSUMIDOS NO PRESÍDIO!” – Evaristo de Moraes, publicada em 16/06/1954

Nesse meio tempo, Morel adentrou mais uma vez em um presídio. Em letras garrafais, fazendo referência a Paulo Ribeiro Peixoto, em 27 de maio, a edição 903 de *Última Hora* bradou na primeira página: “ESTES PÉS MATARAM UM HOMEM!”.⁴²³ Abaixo, dividimos a primeira página em duas imagens para evitar distorções nas palavras e fotografias publicadas por *Última Hora*:

Imagem nº 08:

The image is a composite of two parts. On the left is a newspaper clipping from 'Última Hora', Rio de Janeiro, dated May 27, 1954. The main headline reads 'ESTES PÉS MATARAM UM HOMEM!' (These feet killed a man!). The sub-headline is 'Um Crime Que Não Pode Permanecer Impune' (A crime that cannot remain unpunished). The article discusses the assassination of Nestor Moreira and the role of Paulo Ribeiro Peixoto. On the right is an advertisement for a beauty conference. The headline is 'Diretamente de New York seu passaporte para a beleza' (Directly from New York your passport to beauty). It lists speakers like Helena Rubinstein and Mrs. Edna Winters, and mentions a conference in Rio de Janeiro on June 1st.

Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18869> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

Imagem nº 09:

Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

Segundo Edmar Morel, todo o diálogo estampado na reportagem fora sustentado entre o jornalista e o agressor. Sua preocupação era de que a matéria não fosse entendida pelo público como um apelo de *Última Hora* ao sensacional:

Poderia atribuir uma série de declarações ao detento para fazer sensacionalismo. Prefiro, entretanto, reconstituir com absoluta fidelidade o nosso diálogo, por dois motivos: não trair a um princípio de decência da profissão e respeitar a condição de um homem privado da liberdade.⁴²⁴

Entretanto, a escrita do redator foi atravessada por períodos em que se romaneava o encontro. Na manchete, a fotografia impressa foi editada para ampliar os pés do guarda que havia chutado o corpo do repórter agredido. Desde a investigação do caso, a imprensa tinha conhecimento de que Peixoto havia desferido pontapés em Moreira. Os jornais afirmavam que a força desses golpes que causara as sequelas que levaram o jornalista à morte.

A narrativa da reportagem de Morel enfatizou a construção arquetípica de Paulo Ribeiro Peixoto como a personificação do mal que assolava a sociedade. Recordemos que o acusado

⁴²⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

foi também apresentado pelos repórteres de *UH* como sendo o perfil generalizado dos policiais do DFSP (principalmente na reportagem de Quintanilha). Assim como em outras reportagens, os olhos de Morel eram a visão do público que lia *Última Hora*: “Aproveito a oportunidade para ver bem os seus pés, os pés que mataram Nestor Moreira. São enormes. São duas patas. Olho ainda mais para as mãos que inutilizaram o abdome do meu infeliz colega”.⁴²⁵

O guarda supostamente teria questionado qual seria o título da reportagem que Morel redigiria sobre a entrevista:

Sinto que ele quer saber a manchete da reportagem que eu estou fazendo, e digo:
- Tinha tanta certeza de que você me receberia, que o título já está pronto: “*No covil da fera*”.
Pela primeira vez o encarcerado perde a serenidade. Fita-me demoradamente e os lábios tremem bastante. Está finda a missão do repórter na cela n. 8.⁴²⁶ [Grifos meus].

A frase do redator foi de fato estampada pelo jornal. Mas a manchete da reportagem foi modificada para estabelecer um diálogo com a matéria de Moraes. No decorrer do texto, Morel inseriu trechos em que Peixoto foi apresentado como um ser irracional: a fera. Assim, *Última Hora* conectou a entrevista com a outra matéria da terceira página, sobre a desconsideração de Peixoto pela vida de Nestor Moreira: “MORRA, SE MORRER POUCO IMPORTA, CONTINUAREI DANDO PONTAPÉS”.⁴²⁷

A articulação entre as reportagens de Morel e Moraes Filho foi o principal artifício discursivo empregado por *Última Hora*. Em 07 de junho de 1954, na edição 913, o redator escreveu “500 HOMENS, HÁ ANOS, AGUARDAM JULGAMENTO PELO TRIBUNAL DO JÚRI, ENQUANTO OUTROS 500 ESTÃO DEPENDENDO DAS VARAS CRIMINAIS”.⁴²⁸

No mesmo dia, Rocha denunciava a ineficiência dos policiais do DFSP. Segundo ele, era um grave problema social haver inocentes irregularmente confinados nos xadrezes, enquanto criminosos de fato e impunes assolavam a sociedade carioca. Após, Morel retomava a pauta pela perspectiva do engessamento do sistema judiciário.

⁴²⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

⁴²⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

⁴²⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0913, 07 de Junho. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19018> Acesso em: 26/06/2018. P. 10.

Desgraçado de quem comete um crime no Brasil, quer político, uma simples contravenção de “jogo do bicho”, um homicídio, enfim, qualquer espécie de delito. O sistema carcerário do país, a despeito de ter um Código Penal que é uma maravilha, é claro, somente no papel, é o mais desumano possível, *tornando o condenado um incapacitado à regeneração, um eterno revoltado, ante os brutais espancamentos e as miseráveis condições da prisão em particular*, as catacumbas policiais cariocas que degradam a dignidade humana.⁴²⁹ [Grifos meus].

A partir de aspectos do Caso Nestor Moreira, *Última Hora* direcionou a atenção do público através das reportagens de seus jornalistas. Espalhada de maneira mais ou menos ordenada por um conjunto de edições do jornal, a narrativa produzida pelo jornal era generalizadora. Segundo ela, um policial agredira um repórter e isso não era uma particularidade: a Polícia espancava diariamente detentos. Peixoto, o agressor de Moreira, simbolizava a identidade do DFSP que, ao invés de coibir a violência, causava-a. E, com isso, *Última Hora* potencializou seu jornalismo policial humanizado e romanceado: milhares de cariocas, inocentes e culpados, pereciam nos xadrezes do Departamento Federal de Segurança Pública que, por isso e outras coisas, precisaria ser reformado.

3.5. Enfim, reformas

Em 27 de maio de 1954, o presidente Getúlio Vargas assinou a mensagem presidencial n° 208, apresentando ao Congresso Nacional a proposta de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. Entre o dia do crime (12/05/1954) e a aprovação do projeto (04/06/1954)⁴³⁰ foram veiculadas algumas das reportagens de Almir Quintanilha, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Edmar Morel e Hélio Rocha. Com isso, o *Última Hora* noticiou atos políticos e judiciários que se direcionavam a resolução dos problemas apontados por seus jornalistas. Nessas matérias, o jornal se colocou como partícipe destas ações por ter dado destaque em suas páginas as precariedades do Departamento Federal de Segurança Pública.

Na edição n° 907, o *Última Hora* estampou na primeira página uma nota sobre a suposta repercussão social de suas reportagens. Segundo o jornal, a redação havia recebido centenas de cartas, “procedentes de todos os recantos do país”⁴³¹ denunciando episódios de violência policial.

⁴²⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0914, 08 de Junho. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19036> Acesso em: 26/06/2018. P. 04.

⁴³⁰ BRASIL. Congresso. Câmara dos deputados. Mensagem presidencial n° 208 de 27 de maio de 1954. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, Câmara dos Deputados, DF, Seção 1 – 04/06/1954. Página: 3498.

⁴³¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0910. 03 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18909> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

Indo além, o *Última Hora* usou a nota para apontar a sintonia entre suas reportagens e a atuação do ministro Tancredo Neves:

[...] as reportagens de Edmar Morel e Jader Neves sobre as masmorras policiais na Capital Federal, documentário que contribuiu de maneira decisiva para o Ministro Tancredo Neves solicitar providências imediatas aos poderes públicos, a fim de aparelhar o nosso organismo policial, sem dúvida, uma instituição que atenta contra os foros da nossa civilização.⁴³²

Às vésperas da aprovação da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública, o *Última Hora* destacou, ao lado da coluna sobre o presidente, quais seriam os principais pontos do projeto de reestruturação da polícia. Para o jornal, o documento propunha uma “verdadeira reforma de base” no DFSP, objetivando “alterações profundas” na administração, nos quadros e na organização policial. Abaixo do texto, o *Última Hora* reproduziu duas tabelas sobre cargos e salários da polícia para ilustrar quais seriam as modificações.⁴³³

Porém, apesar de garantir a qualidade do projeto de reforma, o jornal não noticiou naquela edição se haveriam medidas para outras questões que vinha destacando em seu noticiário: violência policial, superlotação dos xadrezes, morosidade judiciária e incompetência dos agentes do DFSP. Pelo que foi exposto na matéria, o projeto se baseava em discussões pregressas sobre o aprimoramento policial, ocorridas entre 1951-53 nos jornais cariocas.⁴³⁴

No dia 07 de junho de 1954, o jornal imprimiu uma reportagem não assinada na contracapa da edição nº 913 sobre a Escola de Polícia. De acordo com *Última Hora*, a matéria resultava de uma carta de um leitor ao jornal que desejava saber quais razões levavam os policiais diplomados pela escola não serem aproveitados nos quadros regulares do DFSP. Com isso, o *Última Hora* apresentou um levantamento sobre a criação e a funcionalidade da Escola de Polícia. Para o jornal, a falta de estímulos de carreira para que os policiais participassem dos cursos oferecidos pela instituição culminaram em sua ineficiência.

No último subtítulo da reportagem, o *Última Hora* voltou a defender o expurgo se colocando como porta-voz dos bons policiais. E, para reforçar o argumento, Nestor Moreira foi citado pelo jornal:

⁴³² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0907. 31 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18909> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

⁴³³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0910. 03 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18909> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

⁴³⁴ Cf. Capítulo 1.

Como é ainda desconhecida o teor da reforma da polícia, liberada em consequência exclusiva da violência praticada por um policial contra a vida de um profissional da imprensa, julgamos oportuno alertar o Congresso sobre esse importante órgão. A reforma, naturalmente, modificará a Escola, o que almejado por numerosos policiais que aspiram por uma polícia à altura de nossa civilização. Queremos salientar não ser admissível uma pessoa ingresse nos quadros policiais sem que passe pela Escola. A falta de preparo técnico profissional de alguns policiais contribui poderosamente para as violências que vem se sucedendo. É preciso que o povo não veja em sua polícia um inimigo, mas um sustentáculo de garantia de seus direitos. Assim teremos uma polícia à altura de nossa civilização.

E é isso o que desejam comissários, detetives, investigadores e demais policiais que estimam a função que desempenham, desde que estão convencidos de suas altas atribuições. Por isso, querem a expulsão dos elementos indesejáveis que, sem dúvida, comprometem toda a corporação.⁴³⁵

No texto, o jornal alternou personagens de fala. Em alguns trechos, é o *Última Hora* dirigindo um alerta e uma queixa contra os maus policiais. No restante deste fragmento, o jornal deu protagonismo para aquilo que supostamente era o interesse dos bons policiais do DFSP. Apesar de não citar a si quando falou sobre a reforma, o *Última Hora* deixou implícita a importância de sua campanha para que mudanças se processassem na polícia. Na abertura do subtítulo, o crime contra Nestor Moreira é apontado como o estopim da reforma. Só que, a relação entre esses dois eventos foi algo criado, destacado e suscitado por *Última Hora* em seu desenho editorial.

No dia seguinte, o jornal inseriu na primeira página duas manchetes sobre os problemas do Departamento Federal de Segurança Pública. A primeira, na parte superior da capa, destacava o apelo dos prisioneiros para que fossem julgados. Ao lado do título, *Última Hora* imprimiu a fotografia de um detento com a mão espalmada, indicando os cinco anos que estava no xadrez aguardando julgamento. Abaixo da imagem, o periódico estampou um trecho do discurso do general Lima Figueiredo: “Vamos fugir da polícia como o diabo da cruz”.⁴³⁶

Como a reforma não previa expurgos no Departamento Federal de Segurança Pública, o *Última Hora* noticiou, em 11 de junho de 1954, que Tancredo Neves instaurou uma comissão técnica de polícia com o objetivo de solucionar os outros problemas da instituição policial. Nessa matéria, o *Última Hora* teve o cuidado de não criticar uma possível lacuna da reforma empreendida, mas sim apontar a ação do ministro como uma continuação do processo que havia

⁴³⁵ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19032> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

⁴³⁶ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0914. 08 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19033> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

sido iniciado com a reestruturação de cargos, salários e organização funcional da polícia do Rio de Janeiro.⁴³⁷

Segundo o jornal:

[...] desde logo, como assunto a ser devidamente estudado para obter a mais rápida aprovação: a elaboração de um estatuto próprio para a Polícia Carioca, diverso do Estatuto Geral dos Funcionários Cíveis e a adoção de uma série de medidas urgentes no sentido de se fazer, o mais rápido possível, um expurgo nos quadros policiais dos elementos que comprometem o bom nome do Departamento Federal de Segurança Pública.

Abrindo a sessão o Ministro Tancredo Neves fez um breve relato dos objetivos das reuniões da Comissão Técnica de Polícia e frisou, como ponto de partida, a necessidade de serem adotadas rápidas providências para o cumprimento do disposto na portaria que criou. Assentou-se então, que a Comissão ficará encarregada de apresentar novas sugestões, como contribuição para melhoria do projeto que se encontra no Congresso dispondo sobre a reforma da Polícia. Essas sugestões dirão respeito especialmente aos novos métodos de aprimoramento e recrutamento do pessoal para os quadros policiais. Serão estudadas medidas de emergência que possibilitem dentro do espírito da lei processos eficientes destinados a escoimar a Polícia dos seus maus elementos apontando, por outro lado, a sociedade, os bons policiais com que conta a cidade.⁴³⁸

Desta maneira, o jornal *Última Hora* desempenhou os papéis de quem questiona e, também, de quem dá resposta à pergunta. Quatro dias após argumentar sobre a necessidade do expurgo em reportagem sobre a Escola de Polícia⁴³⁹, o periódico estampou uma matéria que suscita o entendimento de que sua demanda havia sido atendida pelo ministro, através da instauração da comissão técnica.

Por conseguinte, na edição do dia 15 de junho de 1954, o *Última Hora* noticiou que o juiz da 25ª Vara Criminal havia feito uma inspeção nos xadrezes do 6º e 7º distritos, dos daqueles que foram denunciados pelo jornal em reportagem de Edmar Morel. De acordo com o jornal, a avaliação negativa do magistrado culminou no pedido de interdição do xadrez do 7º Distrito, fato destacado por *Última Hora*:

O Juiz da 25ª Vara Criminal visitou os xadrezes do 7º Distrito Policial, denunciados pelos nossos companheiros Edmar Morel e Jader Neves como verdadeiras catacumbas. [...]

O Juiz da 25ª VARGA Criminal, desejando apurar a veracidade de uma denúncia, visitou os referidos xadrezes de surpresa, ficando estupefato com o espetáculo, cena que representa, sem dúvida, uma página suave diante da tragédia dos presos que estão

⁴³⁷ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0917. 11 de junho de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19080> Acesso em: 09/01/2020. P. 02.

⁴³⁸ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0917. 11 de junho de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19080> Acesso em: 09/01/2020. P. 02.

⁴³⁹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19032> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

enterrados vivos nos miseráveis cubículos da Delegacia de Vigilância e do 6º Distrito [...] Que diria o ilustre Juiz diante dos xadrezes onde dezenas de homens dormem como animais, numa promiscuidade bestial?⁴⁴⁰

A indagação do jornal foi feita se valendo das adjetivações sobre os xadrezes feitas por Edmar Morel em suas reportagens. Mesmo pontuando que haviam casos piores do que o do 7º Distrito, a interdição foi celebrada por *Última Hora*, estampando o ato na primeira página daquela edição. E os trechos da notícia apontam para a intenção do jornal de argumentar que o fechamento do xadrez do 7º DP foi um reflexo da campanha empreendida pelo jornal através das reportagens policiais.⁴⁴¹

Em relação a morosidade da justiça, criticada por Antônio Evaristo de Moraes Filho, o *Última Hora* afirmou que o presidente Vargas havia encaminhado para o Congresso Nacional um projeto de lei para a criação do Segundo Tribunal do Júri e da Vigésima Sexta Vara Criminal. Na matéria, publicada em 22 de junho de 1954, o *Última Hora* estampou uma entrevista com o juiz João Claudino de Oliveira e Cruz:

- Há muito tempo vínhamos trabalhando para a criação de um novo Tribunal do Júri. Esse projeto, aliás, resultou de estudos elaborados pelo Juiz Faustino Nascimento, atual titular do Tribunal do Júri, que também tem batalhado para por em dia os trabalhos da Justiça. Creio que, com essa providência agora tomada pelo Executivo, a situação do Júri melhorará, quanto à espera de julgamento por parte dos réus.⁴⁴²

Esse foi o primeiro subtítulo da matéria que dividiu a entrevista em três partes. É possível supor que iniciar a matéria com esse trecho da fala do juiz foi uma escolha editorial pelo fato de que Antônio Evaristo de Moraes Filho ter publicado no jornal, pouco mais de uma semana antes, uma reportagem sobre os anos de espera dos detentos nos xadrezes para serem julgados.⁴⁴³

Ainda nesta entrevista, o juiz Oliveira e Cruz declarou que demoraria um ano para que a Justiça conseguisse colocar em dia os processos atrasados. Apesar de significar mais tempo de espera para os detentos, esse prazo destacado no título da notícia apontava para uma

⁴⁴⁰ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0920. 15 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19133> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

⁴⁴¹ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0920. 15 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19133> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

⁴⁴² ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0925. 25 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19238> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

⁴⁴³ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0919. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19118> Acesso em: 01/08/2019. P. 12.

esperança de resolução para pessoas como o prisioneiro fotografado por *Última Hora* que estava há cinco anos no xadrez esperando uma vaga no tribunal.⁴⁴⁴

Em um esforço para propagar a reforma da polícia, o jornal *Última Hora* destacou questões sobre o Departamento Federal de Segurança Pública que iam muito além do que os reformistas projetaram entre 1951-53. Com isso, a matéria encaminhada por Getúlio Vargas ao parlamento passou ao largo das denúncias feitas pelo jornal sobre superlotação, higiene, violência, morosidade da justiça e formação policial.

Assim, a continuidade das críticas feitas pelo jornal após a aprovação do projeto de reforma pode ser justificada pelo fato de que a matéria não previa medidas para solucionar grande parte dos problemas apontados por *Última Hora* nas reportagens assinadas. Apesar disso, o periódico se furtou de criticar a reestruturação de cargos e salários do DFSP, a elogiando como algo que atenderia às necessidades da instituição policial. Sendo assim, a reforma ganhou teor plural para abarcar os avanços sobre as questões dos xadrezes e da formação policial. E, nesse movimento editorial, as notícias do *Última Hora* relacionaram as ações políticas e jurídicas como desdobramentos da campanha empreendida pelo jornal. Nessas matérias, *Última Hora* não só é aquele que comunica algo, é também um personagem das notícias envolvido nas soluções dos problemas.

Em síntese, quando noticiou os percalços da reforma entre 1951-53, o jornal *Última Hora* citou alguns casos de violência policial. Entretanto, somente quando o repórter Nestor Moreira se tornou uma vítima do Departamento Federal de Segurança Pública é que o *Última Hora* decidiu enfatizar a nocividade da instituição policial. Apesar de citar supostas centenas de cartas recebidas com denúncias de violências policiais, o *Última Hora* não as destacou em notícias como fez em relação ao crime contra Nestor Moreira. Nos relatos memorialísticos, Moreira foi retratado como um personagem sem maior relevo no campo da imprensa brasileira. Mas, em 1954, nas páginas do jornal *Última Hora*, Moreira se tornou o símbolo da campanha que o jornal de Samuel Wainer decidiu capitanear contra a polícia civil e em benefício do jornal.

Até 1953, o noticiário do periódico havia dado publicidade à demandas dos policiais, mas evitando entrar em atritos com o então chefe de polícia Ciro de Resende. Isto muda em 1954, quando *Última Hora* passou a atacar diretamente o general Moraes Âncora e seus

⁴⁴⁴ ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0914. 08 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19033> Acesso em: 09/01/2020. P. 01 e 02.

subordinados Sendo assim, foi o desejo do jornal em se vender como o protagonista da implementação da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública que fez com que o crime contra Moreira fosse ressignificado. Quando a reforma e outros atos para solução dos problemas foram concretizados, o *Última Hora* buscou se mostrar como uma instituição envolvida nesses processos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desta dissertação foi questionar como um veículo de imprensa (o jornal *Última Hora*) utilizou um de seus produtos, as notícias policiais sobre o caso Nestor Moreira, para construir percepções específicas sobre si e, também, acerca do crime que foi noticiado. Através da análise das edições publicadas pelo jornal pudemos demonstrar que essas notícias policiais foram objetos empregados pelo jornal *Última Hora* para se evidenciar como o protagonista do processo de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública executado pelo governo Getúlio Vargas após a morte do repórter policial Nestor Moreira.

Nosso entendimento sobre o que é o campo jornalístico fez com que tomássemos a instituição jornalística *Última Hora* como um ator social composto por agentes que criam e difundem sentidos sobre fatos por meio de suas práticas de seleção, edição e periodicidade. Desta forma, consideramos que aquilo que foi publicado pelo jornal *Última Hora* foram mecanismos de demarcação da posição da instituição no cenário político-social brasileiro dos anos cinquenta.

No capítulo um partimos de uma reflexão sobre o que são os gêneros jornalísticos, como o jornalismo policial funcionava na estrutura redacional da instituição e, também, mapear o surgimento da ideia de reformar o Departamento Federal de Segurança Pública durante o governo Getúlio Vargas. As duas primeiras partes do capítulo nos permitiram determinar a importância creditada pelos jornalistas do *Última Hora* ao jornalismo policial. O mapeamento do tema da reforma policial foi essencial para que evidenciássemos que esse projeto político é anterior ao crime e, com isso, que não era inerente ao caso Nestor Moreira.

A partir dos relatos memorialísticos dos jornalistas pudemos afirmar que há uma característica que perpassa essas falas diversas, independentemente da posição que esses jornalistas ocupavam na hierarquia do jornal *Última Hora*. É uma percepção que condensa admiração e aversão ao jornalismo policial. Enquanto produto, foi apontado como essencial para a “fórmula do sucesso” do periódico (por supostamente atrair compradores). Enquanto gênero jornalístico, foi alvo de comentários depreciativos como se o jornalismo policial representasse um conteúdo de menor valor simbólico para esses jornalistas.

A investigação sobre o tema da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública entre 1951 e 1953 nas páginas do jornal mostra que os policiais eram tratados muito mais como

vítimas de uma instituição precária do que como geradores da violência no Rio de Janeiro. Protestos por melhorias salariais e das condições de trabalho foram pautas das edições do jornal do *Última Hora*. Ao mesmo tempo, a instituição não buscou pressionar o governo e o congresso para que a reforma fosse processada com urgência. Em síntese: entre 1951-53, os jornalistas do *Última Hora* cobriam o assunto, mas não o tornaram um cavalo de batalha do periódico.

No capítulo dois, partimos do que havia ocorrido com o repórter vitimado naquela noite de maio de 1954 para, assim, analisar os relatos memorialísticos que os jornalistas do *Última Hora* fizeram *a posteriori*. Por esses falas se configura uma imagem de Nestor Moreira: repórter problemático que não estava entre os “grandes nomes” do jornalismo policial da época (como Nelson Gatto, Augusto Donadel Jorge e Celso Jardim, todos do *Última Hora*). Essa forma de rememorar, além de convergir para o primeiro avanço desta pesquisa (o argumento de admiração versus aversão) ressaltou a necessidade de se buscar respostas para o problema de responder o que foi o noticiário sobre o crime publicado pelo jornal. Com isso, entendemos que houve uma mudança de posição do jornal que justificou a proposição de relacionar o assassinato com o projeto de reforma do Departamento Federal de Segurança Pública (matéria política que foi debatida publicamente desde 1951).

Assim sendo, buscamos coligir e debater indícios desta possível reorientação editorial a partir de quatro conjuntos de materiais jornalísticos: notícias policiais, reportagens, manchetes e editoriais. Os conteúdos expostos e problematizados são evidências empíricas de que a instituição *Última Hora* se empenhou em um desenho editorial para mobilização contra o Departamento Federal de Segurança Pública através do caso Nestor Moreira. Assim como o DFSP foi objeto de campanha, Nestor Moreira também o era, já que não importava quem era o repórter, mas sim que imagem da vítima da polícia o jornal *Última Hora* conseguiu criar e difundir em 1954. O protagonista, de fato, era o próprio *Última Hora*, que se valeu da comoção que deflagrara sobre crime para se propagandear como o proponente da ideia de reforma da organização policial do Rio de Janeiro.

Por último, no capítulo três, debatemos como quatro jornalistas de prestígio para o campo jornalístico – Almir Quintanilha, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Edmar Morel e Hélio Rocha – foram os principais responsáveis por ressignificar o crime contra o repórter Nestor Moreira em uma justificativa para a necessidade de se reformar o Departamento Federal

de Segurança Pública naquele momento. Essas reportagens se conectavam e interagiam entre si e também com as outras matérias policiais veiculadas por *Última Hora*.

Enquanto Edmar Morel abordava a superlotação dos xadrezes e as agressões praticadas por policiais, setoristas anônimos repercutiam outros relatos de vítimas do DFSP nas edições do jornal *Última Hora*. Das notícias policiais críticas à condução da investigação do caso Moreira, Hélio Rocha inventariou a ineficiência policial que supostamente transformava a cidade em um paraíso dos criminosos. Moraes Filho e Quintanilha buscaram evidenciar a nocividade que a instituição policial representava para os cidadãos: poderiam ser presos arbitrariamente em celas superlotadas ou, como Moreira, mortos. Talvez a materialização mais clara deste argumento tenha sido a manchete de uma suposta frase dita por Paulo Ribeiro Peixoto acompanhada da fotografia ampliada de seus pés: a repetição ininterrupta dos chutes que significariam a desconsideração do policial pela vida do repórter e sua certeza da impunidade perante uma possível morte. Em desalinho com o que a manchete destaca, o corpo da notícia aborda o artigo jurídico no qual Peixoto deveria ser enquadrado pela Justiça.

Com isso, a mudança foi de momento e oportunidade: um projeto de reforma policial pronto, mas engavetado pelo governo, somado a morte de um jornalista espancado por um agente do DFSP dentro de uma delegacia. Enquanto a polícia estava em evidência por razão do crime, *Última Hora* aproximava de si a proposição reformista defendendo sua implementação. O jornal modificou sua postura para se colocar em evidência como o solucionador de um problema – a instituição policial – que o próprio *Última Hora* decidiu apontar e denunciar sistematicamente em 1954.

Portanto, o *Última Hora* tinha uma linha argumentativa para tratar a polícia e o crime contra o repórter Nestor Moreira foi subordinado a essa linha, surgindo deste processo uma maneira de relatar e classificar o caso e, assim, direcionar para um desfecho: o protagonismo no jornal na conquista da reforma do Departamento Federal de Segurança Pública. Todas as partes do noticiário publicado por *Última Hora* convergiam para este objetivo, homogeneizando a heterogeneidade dos jornalistas do periódico à campanha empreendida. Isto é uma forma da imprensa fazer política: notícias policiais que construíram e difundiram uma maneira de interpretar o crime que destacava não apenas os personagens envolvidos, mas sim o próprio jornal como uma instituição relevante para intervenção e transformação do cenário social brasileiro dos anos 1950.

FONTES

- BRASIL. Congresso. Câmara dos deputados. Mensagem presidencial n° 208 de 27 de maio de 1954. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, Câmara dos Deputados, DF, Seção 1 – 04/06/1954. Página: 3491 a 3503.
- BRASIL. Lei n° 705, de 18 de maio de 1949. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, Diário Oficial da União, DF, Seção 1 – 19/05/1949, página. 7545. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-705-16-maio-1949-362455-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 21/10/2019.
- DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7136. 03 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/10882 Acesso em: 10/10/2019. P. 12.
- DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7137. 04 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/10894 Acesso em: 10/10/2019. P. 12.
- DIÁRIO CARIOCA Rio de Janeiro. Ano: XXIV. Edição: 7138. 05 de outubro de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/10895 Acesso em: 10/10/2019. P. 01.
- DIÁRIO DA NOITE, Rio de Janeiro. Ano: XXII. Edição: 4988. 23 de fevereiro de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/221961_03/9231 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro. Ano: XXII. Edição: 9013. 16 de março de 1951. http://memoria.bn.br/docreader/093718_03/15405 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.
- DIRETRIZES, Rio de Janeiro. Ano: IV Edição: 67. 2 de outubro de 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/163880/3033> Acesso em: 08/01/2019.
- ERNESTO, Luarlindo. Entrevista ao autor. Rio de Janeiro, 24/09/2019.
- FLAN O JORNAL DA SEMANA, Rio de Janeiro. Ano: I Edição: 009 07 a 13 de junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/257> Acesso em: 17/07/2019.
- FLAN O JORNAL DA SEMANA, Rio de Janeiro. Ano: I Edição: 009 28 de junho a 04 de julho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/355> Acesso em: 17/07/2019. P. 09.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro. Ano: LVII. Edição: 0088. 16 de abril de 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/18989 Acesso em: 10/10/2019. P. 09.
- O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9475. 17 de março de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/6091 Acesso em: 10/10/2019. P. 05.
- O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9257. 20 de maio de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/7242 Acesso em: 02/10/2019. P. 04.
- O JORNAL, Rio de Janeiro. Ano: XXXII. Edição: 9802. 16 de abril de 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/13592 Acesso em: 10/10/2019. P. 09.

TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0397. 18 de abril de 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/4574 Acesso em: 30/09/2019. P. 02.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0015. 28 de junho de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/420> Acesso em: 12/09/2019. P. 04.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0025. 10 de julho de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/697> Acesso em: 12/09/2019. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 102. 09 de outubro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/2946> Acesso em: 10/10/2019. P. 05.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 205. 11 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/5960> Acesso em: 01/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 206. 12 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/5979> Acesso em: 01/10/2019. P. 05.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 209. 15 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/6048> Acesso em: 01/10/2019. P. 02.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0247. 02 de abril de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/7045> Acesso em: 12/09/2019. P. 04.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0304. 10 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/8359> Acesso em: 10/10/2019. P. 10.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 305. 11 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/8370> Acesso em: 01/08/2019. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0316. 24 de junho de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/8653> Acesso em: 17/07/2019. P. 20.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0390. 18 de setembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/9780> Acesso em: 02/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0448. 25 de novembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11035> Acesso em: 10/10/2019. P. 11.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0455. 03 de dezembro de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/11194> Acesso em: 01/08/2019. P. 13.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0530. 05 de março de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/12691> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0575. 28 de abril de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13504> Acesso em: 01/08/2019. P. 16.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0576. 29 de abril de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13505> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0578 02 de maio de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/13549> Acesso em: 17/07/2019. P. 07.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0610. 10 de junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14149> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0647. 23 de junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14794> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0646. 22 de julho de 1953. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/14777> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0646. 27 de julho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/14772> Acesso em: 10/10/2019. P. 03.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 683 02 de setembro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/15380> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0728. 24 de outubro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/16080> Acesso em: 01/08/2019. P. 07.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0729. 27 de outubro de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/16104> Acesso em: 01/08/2019. P. 07.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Edição: 0792. 12 de janeiro de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/17153> Acesso em: 27/02/1954.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0885 06 de março de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18583> Acesso em: 17/07/2019. P. 01.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0837. 09 de março de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/17823> Acesso em: 13/11/2019. P. 03.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Edição: 0848 22 de março de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/17991> Acesso em: 06/03/2019.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0859. 03 de abril de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18169> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0890. 12 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18666> Acesso em: 31/10/2019. P. 02.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0891. 13 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18688> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18683> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.
- ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0892. 14 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18702> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0893. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18713> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0894. 17 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18725> Acesso em: Acesso em: 17/07/2019. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0895. 18 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18752> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0897. 20 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18782> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0898. 21 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18800> Acesso em: 31/10/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18811> Acesso em: 08/01/2019.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0900. 24 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18825> Acesso em: 20/07/2019. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0901. 25 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18844> Acesso em: 17/07/2019. P. 06.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0903. 27 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0905. 28 de maio de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18885> Acesso em: 01/08/2019. P. 03.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0907, 31 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18909> Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0913. 07 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19016> Acesso em: 17/07/2019. P. 08.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0914, 08 de Junho. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19036> Acesso em: 26/06/2018. P. 04.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0916. 10 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19069> Acesso em: 01/08/2019. P. 08.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0917. 11 de junho de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19080> Acesso em: 09/01/2020. P. 02.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0920. 15 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19133> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: XI. Edição 0601. 17 de julho de 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/74869> Acesso em: 16/07/2019. P. 10.

ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0925. 25 de junho de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/19238> Acesso em: 09/01/2020. P. 01.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Fechando o cerco: a imprensa e a crise de Agosto de 1954**. In: ABREU, Alzira Alves de. Vargas e a crise dos anos 50. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.

ALBUQUERQUE, Afonso. **A modernização autoritária do jornalismo brasileiro**. Revista Alceu, PUC-RJ, v. 10, n. 20, p. 100 a 115, jan./jun. 2010.

AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: a Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral de Copacabana**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF, Dissertação de mestrado, 2012.

ARAÚJO, Paulo Roberto de. DUARTE, Leila Menezes. **A contradita: Polícia Política e comunismo no Brasil: 1945-1964**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

AZEVEDO, Maurício (Entrevista, 2008). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ), 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_8.pdf Acesso em: 26/03/2019.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo**. São Paulo: editora Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa. Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.

_____. **Senhores da memória**. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, N° 2, pág. 84-101, jul./dez. 1995.

_____. **Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa**. Intercom, Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 41, n° 02, p.21-36, mai./ago. 2018.

BARBOSA, Marialva Carlos. ENNE, Ana Lucia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. Eco-Pós, v. 8, n° 2, agosto-dezembro 2005, p. 67-87.

BECKER, Howard. **Outsiders**. Estudos da sociologia do desvio. Tradução: Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2008.

BORGES, Gustavo. **Getúlio e o mar de lama. A verdade sobre 1954**. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2001.

BORRAT, Héctor. **El periódico, actor del sistema político**. Análisis, n° 12, 1989. P. 67-80.

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogo olímpicos**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1997.
- _____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8º Edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 183-191.
- _____. **A economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer**. 2º edição. São Paulo: USP, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular. História e imagem**. Tradução: Vera Maria Xavier. São Paulo: EDUSC, 2004
- Cf. ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. Marieta de Moraes FERREIRA. Vargas 1951-54. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. Marieta de Moraes FERREIRA. A Noite. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. Marieta de Moraes FERREIRA. Sérgio Montalvão. Jornal do Brasil In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. Carlos Eduardo LEAL. Diário Carioca. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. LAMARÃO, Sérgio. URBINATI, Inoã Carvalho. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coord.) **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- Cf. Maria Ester Lopes MOREIRA. Diário da Noite. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lúcia. MELLO, Renato. **Análises do discurso hoje**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- DINES, Alberto. **Alberto Dines** (entrevista). Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/ALBERTO_DINES%20final.pdf Acesso em: 29/03/2019. P. 16-17
- DARNTON, R. **O beijo do Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: editora Summus, 1987.

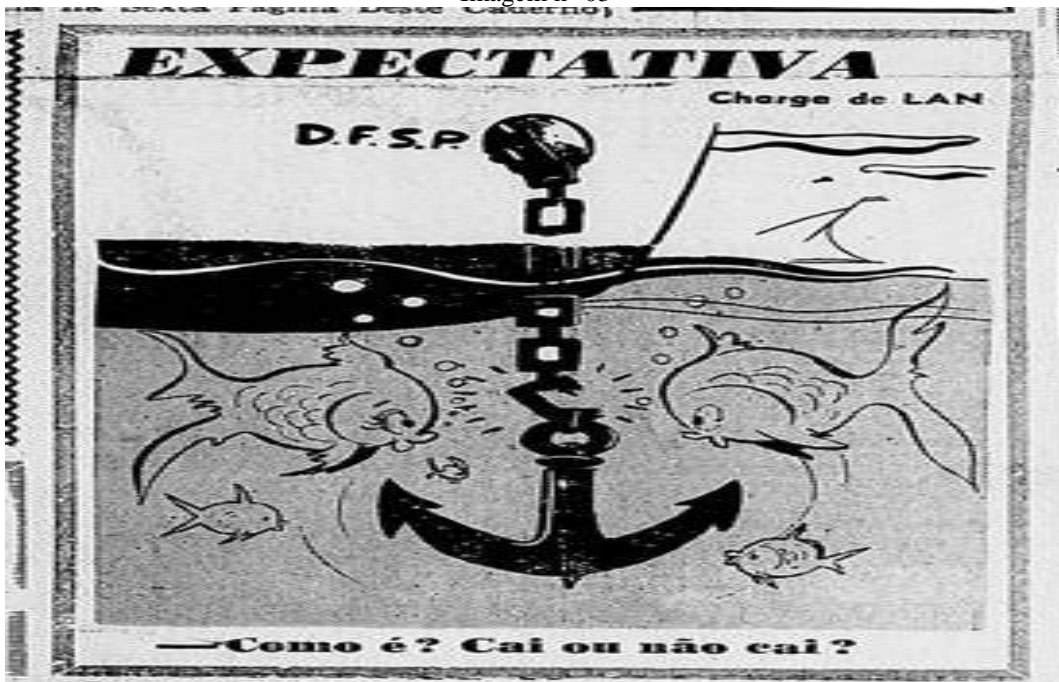
- EVARISTO DE MORAES. Antônio Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://evaristodemoraes.com.br/> Acesso em: 01/08/2019.
- FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora: a crise que mudou o curso da história**. Porto alegre, Besouro Box, 2011.
- GOMES, Ana Porto. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)**. Tese (doutorado) UNICAMP, IFCH: Campinas, 2018
- _____. **Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano**. Dissertação (mestrado) UNICAMP, IFCH: Campinas, 2003.
- HIPPÓLITO, Lúcia. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: o Corvo e o Bessarabiano**. São Paulo: editora SENAC, 1998.
- _____. Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: LUCA, Tânia Regina. MARTINS, Ana Luiza (org.) **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.
- LIPPMAN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- LOUZEIRO, José. **José Louzeiro**. (Entrevista) Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_16.pdf Acesso em: 01/04/2019.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes. A trajetória política de Carlos Lacerda (1930-1964)**. São Paulo: Códex, 2002.
- _____. **A criação da Tribuna da Imprensa e a defesa dos interesses conservadores no Brasil**. Revista de Economia Política e História Econômica, Ano 01, N° 01, Setembro de 2004.
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. **Imagens e estereótipos de judeus na imprensa do Rio de Janeiro entre a Revolução de 1930 e o fim do Estado Novo: O Caso do Correio da Manhã**. No prelo. P. 28-29.
- MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- MOREL, Mário. **Mário Morel**. (Entrevista) Rio de Janeiro: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, 2008. Disponível em: http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_29.pdf Acesso em: 01/04/2019.
- MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda. Mídia e opinião pública**. Petrópolis, Vozes, 2009. P. 113.

- PACHECO, Thiago. **Da Polícia Especial até o BOPE e a CORE: as polícias do Rio de Janeiro e o desenvolvimento de suas unidades de elite.** Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n° 3, novembro de 2013.
- PINHEIRO JÚNIOR, José Alves. **A Última Hora como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2001.
- PIRES, Renato. **Faculdade de jornalismo Última Hora.** Rio de Janeiro: editora Apoio&Produção, 2004.
- REED, Isaac Ariail. **Poder: dimensões relacional, discursiva e performática.** Revista Sociedade e Estado, Volume 29, n° 02. Maio/Agosto de 2014.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n° 31, 2003.
- _____. **Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Contracampo: revista do mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói, v. 4. 1999.
- _____. **Memória de jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50.** Rio de Janeiro: Congresso Compós, 4 a 7 de junho de 2002. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_712.pdf Acesso em: 07/01/2020.
- SANDER, Roberto. **O crime que abalou a República. Violência, conspiração e impunidade no crepúsculo da Era Vargas.** Rio de Janeiro: Editora Maquinária, 2010.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis, Editora Vozes, 2009. P. 37.
- SIQUEIRA, Carla. **Sexo, Crime e Sindicato: sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática durante o segundo governo Vargas (1951-1954).** Tese de Doutorado – Rio de Janeiro: PUC, 2002.
- SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e retórica política em Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-54). In: MOREL, M, NEVES, Lúcia M. B. P. FERREIRA, Tânia M. B. da C. **História da Imprensa: representações culturais e práticas de poder.** Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- VAZ, Ana Lúcia. A luta pelo controle da informação nas redações cariocas (1975-1981). **A abertura política e as estratégias de poder no campo do jornalismo.** Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRRJ, 2019.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: editora Record, 1988.

WAINER, Samuel. **Samuel Wainer I** (depoimento, 1996) Rio de Janeiro: CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1015.pdf> Acesso em: 29/03/2019.

Imagem nº 03



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0896. 15 de maio de 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18761> Acesso em: 31/10/2019. P. 01.

Imagem nº 04:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18683> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 05:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0891, 13 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18777> Acesso em: 30/05/2018. Acesso em: 26/06/2018. P. 01.

Imagem nº 06:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0898, 21 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/18795> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 07:



Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0899, 22 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18811> Acesso em: 26/06/2018. P. 01

Imagem nº 08:



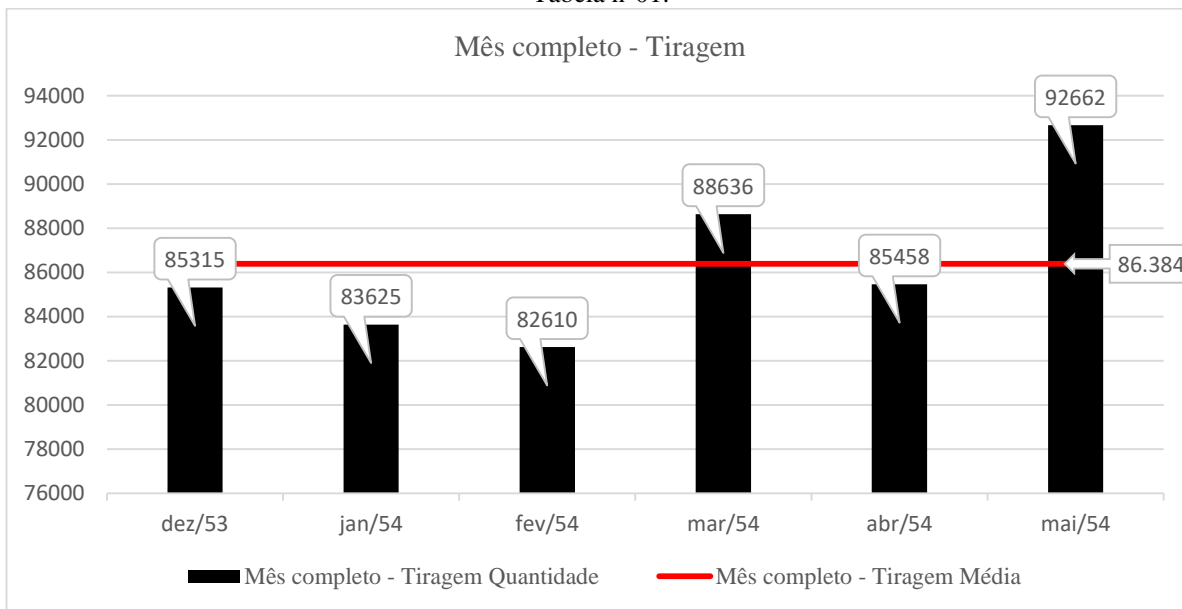
Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

Imagem nº 09:



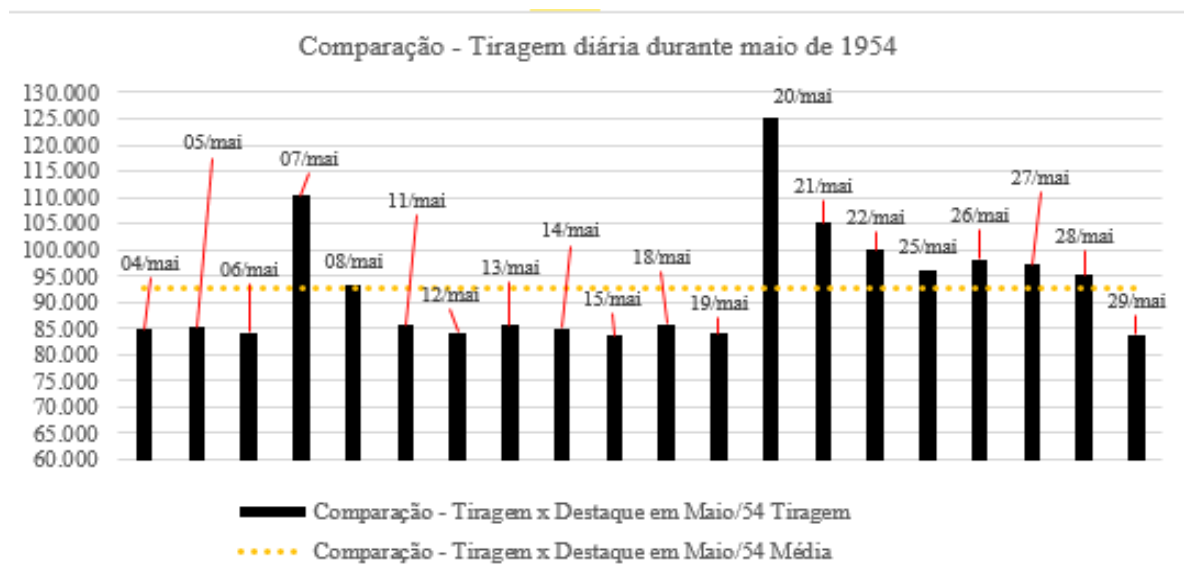
Fonte: ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, Ano: IV. Edição: 0903, 27 de Maio. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/386030/18871> Acesso em: 26/06/2018. P. 03.

Tabela nº01:



Fonte: edições diárias do jornal Última Hora publicadas entre dezembro/53 a maio/54. Disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20/02/2019.

Tabela nº 02:



Fonte: edições diárias do jornal *Última Hora* publicadas entre dezembro/53 a maio/54. Disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20/02/2019